

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

**INFÂNCIA, ESCOLA E
IMAGINAÇÃO NACIONAL:**
"a formação cultural desde os primeiros anos"

Ano 6 - Nº 39 - Edição Setembro e Outubro 2026

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista The Bard

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

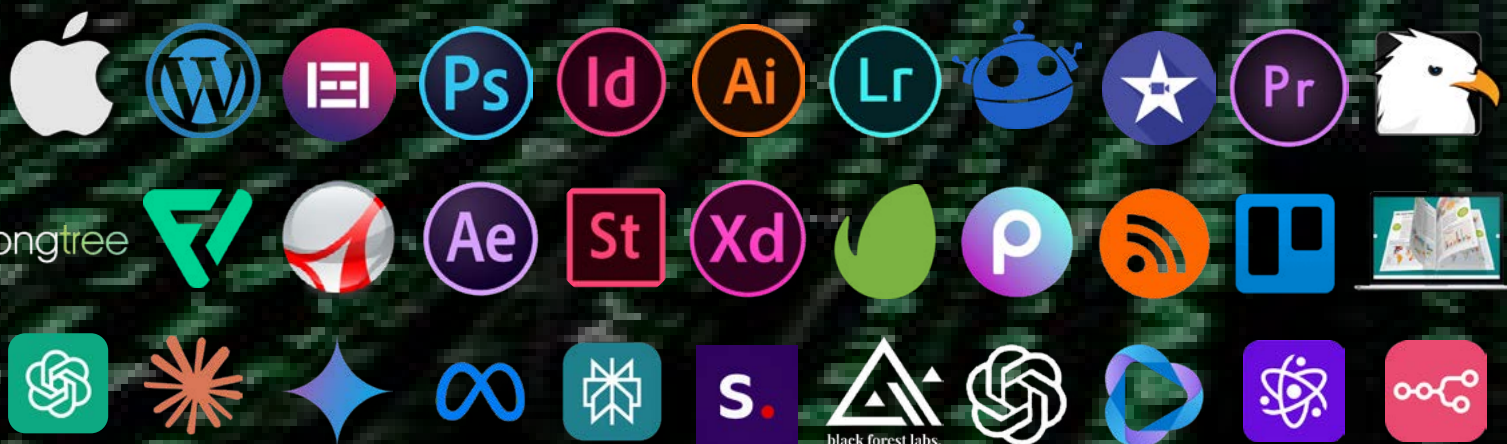
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramenteaacessível,oportunizacomasuapublicação,ascriaçõesplurais,valorizandoasartes,reco-nhecendoacapacidadehumanaemexporsuasideias,criaçõeseproduçõesemdiferenteslinguagensartísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e cinquenta e seis Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



Edição da Revista

ED. SET/OUT 26



Ano 2026

ED. SET/OUT 26



ED. JUL/AGO 26



ED. MAI/JUN 26



ED. MAR/ABR 26



ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa alegria, entusiasmo e gratidão que abrimos as páginas da 39ª edição da Revista Internacional The Bard, um espaço concebido para celebrar a literatura, a arte, a poesia e a multiplicidade de vozes que fazem da cultura uma das mais belas expressões da humanidade.

A cada edição, renovamos nosso compromisso de iluminar mentes, despertar emoções, provocar reflexões e inspirar a criatividade, aproximando leitores, escritores, poetas, artistas e pensadores por meio da palavra e de suas inúmeras formas de expressão.

Nesta edição, reservamos um espaço especial aos nossos apoiadores que adquiriram o Certificado de Participação nº 1 – Ouro, gesto que reconhece e fortalece a caminhada cultural construída em parceria com a Revista Internacional The Bard. A cada apoiador, nossa sincera gratidão por acreditar neste projeto e contribuir para que ele continue alcançando novos horizontes.

Nossa matéria de capa apresenta o tema “Infância, Escola e Imaginação: a formação cultural desde os primeiros anos”, por Jeane Tertuliano. Uma reflexão sobre os primeiros espaços de aprendizagem, as experiências que moldam nossa percepção do mundo e o papel fundamental da imaginação na construção cultural de cada indivíduo.

Na seção de Poesia, convidamos você a se deixar conduzir pelas palavras e a mergulhar em versos que tocam a alma, despertam sentimentos, provocam questionamentos e revelam diferentes maneiras de perceber o mundo. Reunimos poetas e poetisas do Brasil e de outras partes do mundo, celebrando a diversidade de estilos, vozes, sensibilidades e experiências que fazem da poesia uma linguagem universal.

Além das colunas que já conquistaram seu espaço nas edições anteriores, esta edição também traz novidades, entre elas “Frases e Pensamentos”, “Contos” e “Minicontos”, entre outras propostas que ampliam nosso diálogo com a literatura e a arte.

Apresentamos ainda o Selo Litero-Cultural The Wolf Bard, criado com o propósito de expandir nossa contribuição para o universo das artes e da literatura, oferecendo visibilidade e destaque nacional e internacional a editoras e escritores.

O selo constitui uma iniciativa gratuita, voluntária e recíproca, voltada à divulgação e valorização de obras selecionadas, estabelecendo uma ponte entre criação literária, reconhecimento e novos públicos.

E, para completar esta jornada, criamos um espaço especial e exclusivo para nossos artistas, escritores, poetas e artesãos: a “Vitrine The Bard”.

Mais do que um espaço de exposição, a Vitrine nasce como uma oportunidade de prestigiar talentos, apresentar obras e aproximar criadores e leitores, valorizando aqueles que transformam ideias, sentimentos e matérias em expressão artística.

Convidamos você, leitor, a entrar neste universo da 5ª Arte e percorrer cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história aqui reunidos. Permita-se descobrir novos autores, conhecer diferentes perspectivas, emocionar-se com as palavras e encontrar, em cada página, uma possibilidade de olhar o mundo de outra maneira.



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
40ª Edição NOV/DEZ 2026



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

39ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 39ª edição Setembro e Outubro 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 39ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Fagner Lima

Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

INSTAGRAM



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa, paulistana, odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'Iava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Matéria de Capa
JEANNE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Autopoesia & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA

Contadores de Histórias
FAGNER LIMA



ACESSE A COLUNA

NeuroMusic
DRIKA GOMES



ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
REDACÇÃO THE BARD



ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



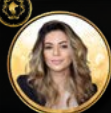
ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH BALTAR



ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ANELY SOARES



ACESSE A COLUNA

Liter'Alma
MÍIA KODA



ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Vistudes Poéticas
MARCIA NEVES



ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
REDACÇÃO THE BARD



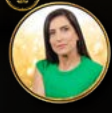
ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZUCARRATO



ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA

Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA



Inclusão & Acessibilidade
em Foco
SANDRA SANTIAGO



ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELAINE LUBITZ



ACESSE A COLUNA



Alma em Perspectiva
RUTE ELLA DOMINICI



ACESSE A COLUNA



Florescendo em
Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA



Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA



Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA



Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA



ACESSE A COLUNA



Momento Resenha
NATÁLIA CARMO



ACESSE A COLUNA



Recanto das Culturas
Tradicionais
NAZARETH ARRAIS



ACESSE A COLUNA



O Mundo da Fantasia
REDAÇÃO THE BARD



ACESSE A COLUNA

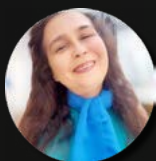


Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



BETÂNIA PEREIRA
Professora e Historiadora
Diretora de Marketing

ACESSE



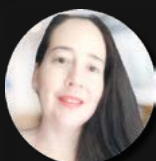
RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



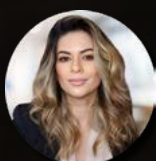
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



RENATA MUNHOZ
Redatora Digital

ACESSE



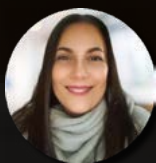
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA



Sumário



18

Materia de Capa:
Infância escola e imaginação nacional:
a formação cultural desde os primeiros
anos, por Jeane Tertuliano



74 **Vida de Autor**

Por Lilian Stocco



92 **Poetas e Poetisas**

por Edna Lessa

80 **História das Artes**

Bandeiras, hinos e desfiles:
a história dos rituais
cívicos na escola,
por Betânia Pereira

100 **Literatura
de Cordel**

por Beth Baltar

108 **Vai um livro aí?**
por Arely Soares

84 **Mitologias
e Crônicas**

O ciclo da vida
e a morte Persa,
por Ladylene Aparecida

112 **Liter'Alma**

Os lugares onde escondemos
as lágrimas, por Mia Koda

Edição Set/Out 2026

24 **Tudo Sobre Cinema**

Por Claudia Faggi

44 **Autopoiese & Narrativas**

Entre o mapa e o espelho: a criança que
procura seu lugar, por Stella Gaspar

56 **Contadores de Histórias**

por Fagner Lima

62 **Neuro Music**

O cérebro de quem vive cercado por
música é diferente?, por Drika Gomes

68 **Grandes Autores**

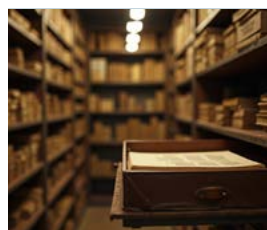
Bjørnstjerne Bjørnson: o Nobel que deu voz
à consciência da Noruega, por J.B Wolf



118

Nossa Literatura

Parlendas na educação: ancestralidade, ludici-
dade e resistência cultural, por Márcia Neves



122 **A Língua em
Movimento**

Guardar palavras para
amanhã, por Redação
The Bard



128

Dialética

por Clayton Zocarato



136 Tons do Cotidiano

por Redação The Bard



142 Raízes do Brasil

por Renata Munhoz



146

Inclusão e Acessibilidade em Foco

por Sandra Santiago



158 Alma em Perspectiva

A guerra em primeira
pessoa,
por Rute Ella Dominici

166 Florescendo em Pensamentos

Por Cris Gomes



150 As Cores da Sociedade

por Elke Lubitz

172 Mãe África



por Fátima Moniz

176 ResilienteMente

por Fabiana Francisco



180

Desnuda em Palavras - Erótico

Por Tônia Lavínia

186 Desvendando a Fantasia

Contos, cantos e encantos,
por Renato Mota

192 Momento Resenha

Por Natália Carmo

196 Recanto das Culturas Tradicionais

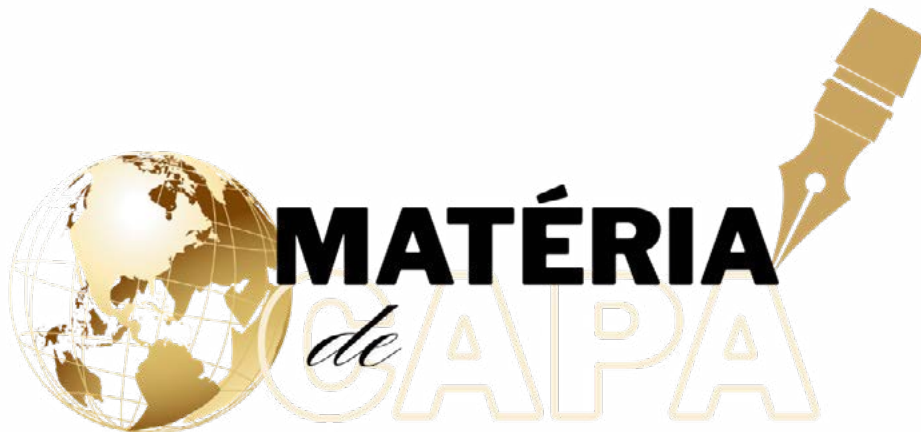
por Nazareth Arrais



200 O Mundo da Fantasia

A construção de mundos
fantásticos: da página à
realidade, por Redação
The Bard





05



Jeane Tertuliano



Jeane Tertuliano é escritora, professora, revisora e palestrante, residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras, Artes e Filosofia, atua nas áreas da educação, literatura e cultura. É vice-presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, conselheira titular do Conselho Municipal de Políticas Culturais, membro da Academia Independente de Letras e da União Brasileira de Escritores, além de colunista do Jornal The Bard. Em 2024, foi eleita pela sociedade civil para representar o setor Livro, Leitura e Literatura na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília. Autora de mais de 20 livros e organizadora de projetos antológicos, recebeu o 1º lugar em Crônica no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura pela FEBACLA (2023).

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: A FORMAÇÃO CULTURAL DESDE OS PRIMEIROS ANOS

Há lembranças da infância que atravessam o tempo, mesmo quando tantos outros detalhes da vida se perdem pelo caminho. Raramente elas estão ligadas a uma prova, a uma atividade no caderno ou ao conteúdo de uma aula. O que permanece são as histórias contadas em roda, as brincadeiras que transformavam o pátio em um universo inteiro, as cantigas entoadas em coro e aquela professora que, sem perceber, ensinava que aprender também podia ser um gesto de encantamento.

Essas recordações revelam algo essencial: a formação de uma criança não começa apenas quando ela aprende a decifrar as palavras. Ela acontece também quando descobre sentidos no mundo que a cerca. Um graveto pode se transformar em varinha mágica, um lençol estendido entre cadeiras pode abrigar um castelo e um quintal, por alguns minutos, tornar-se uma floresta inteira. A imaginação abre caminhos que nenhum conteúdo escolar alcança sozinho. É por meio dela que a infância experimenta, interpreta e recria a realidade.



IMAGEM GERADA POR IA "Imagem criada sob a direção de Tônia Lavínia, criada em 28/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Tânia Lavinha, Criada em 28/07/2026"

A escola participa profundamente desse percurso. É um dos primeiros espaços em que crianças de diferentes histórias se encontram, compartilham referências e descobrem que existem muitas formas de olhar para a mesma paisagem. Cada uma chega trazendo marcas da própria família, da comunidade onde vive, das histórias ouvidas antes de dormir, das canções aprendidas em casa e das brincadeiras que acompanharam seus primeiros anos. Nada disso fica do lado de fora da sala de aula. Essas experiências atravessam a porta da escola junto com a criança e passam a fazer parte da construção de novos conhecimentos.

Madalena Freire dedicou boa parte de sua trajetória à defesa de uma educação que reconhecesse o

estudante como sujeito da própria história. Essa perspectiva ganha ainda mais força quando pensamos em uma escola que acolhe a infância em sua complexidade. Ensinar não significa apagar os saberes que a criança traz consigo para preencher espaços vazios. Significa ampliar caminhos, permitindo que suas experiências encontrem diálogo com novos conhecimentos, diferentes linguagens e múltiplas manifestações culturais.

Esse encontro entre o vivido e o descoberto fortalece a construção do repertório cultural da criança. Ele não nasce pronto, nem se resume à quantidade de livros lidos ou de informações acumuladas ao longo do tempo. Vai sendo formado nas experiências que desper-

tam curiosidade, provocam encantamento e permanecem guardadas na memória. Uma cantiga de roda, uma parlenda, um conto da tradição oral, uma pintura observada com atenção ou uma brincadeira compartilhada com um colega carregam significados que ultrapassam o momento em que acontecem. Aos poucos, passam a fazer parte da forma como a criança compreende a si mesma, o outro e o lugar que ocupa no mundo.

Brincar ocupa um lugar central nesse processo. Durante muito tempo, essa experiência foi vista apenas como uma pausa entre atividades consideradas mais importantes. Essa compreensão, porém, deixa de reconhecer a riqueza de aprendizagens que nascem enquanto a criança brinca. A pesquisadora Tizuko Morchida Kishimoto defende que o brincar constitui uma linguagem própria da infância. Ao inventar personagens, criar regras, resolver pequenos conflitos e construir mundos imaginários, a criança desenvolve linguagem, memória, criatividade, cooperação e pensamento simbólico. A brincadeira não acontece à margem da aprendizagem; ela é um dos caminhos pelos quais a aprendizagem se torna possível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Tânia Lavinha, Criada em 28/07/2026"

Basta observar uma sala de Educação Infantil ou os primeiros anos do Ensino Fundamental por alguns minutos para perceber que o conhecimento nem sempre chega acompanhado de grandes acontecimentos. Ele também nasce quando duas crianças negociam quem será o primeiro personagem de uma história inventada no momento da brincadeira, quando uma ensina à outra as regras de um jogo ou quando um desenho desperta perguntas que nenhum planejamento previa. São cenas simples, mas carregadas de significado. Quem convive com crianças aprende a reconhecer a força desses instantes, em que aprender e descobrir caminham juntos.

Existe uma parte da escola que dificilmente aparece nos registros oficiais, mas permanece profundamente marcada na memória de quem vive a infância. Ela se revela nos vínculos que as crianças constroem, na confiança que nasce entre elas e na liberdade de experimentar sem o medo constante de errar. A infância aprende com o corpo inteiro: aprende quando canta, quando desenha, quando corre, quando observa uma formiga atravessando o pátio ou quando transforma uma simples caixa de papelão em barco, casa ou foguete. Nenhuma dessas experiências é pequena. Cada uma delas amplia a maneira como a criança percebe, interpreta e se relaciona com o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA *usando MAGNIFICAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/07/2026*

Esse olhar para a infância também transforma a maneira como o educador se coloca diante da criança. Escutá-la não significa apenas responder às suas perguntas, mas acolher suas hipóteses, respeitar seu tempo, acompanhar suas descobertas e perceber que cada gesto também comunica. Antes de dominar conceitos, a criança revela curiosidade. Antes de organizar respostas, experimenta caminhos. É nesse movimento de descoberta que a aprendizagem vai ganhando sentido.

As reflexões de bell hooks ajudam a compreender que a educação se fortalece quando as relações humanas ocupam um lugar central no processo de aprendizagem. Sua obra, embora construída a partir de diferentes contextos de ensino, nos convida a pensar em uma prática pedagógica baseada no respeito, na escuta e no reconhecimento da voz de cada sujeito. A infância revela essa necessidade todos os dias. Uma criança que se sente acolhida participa, pergunta, cria e se permite descobrir novos caminhos. O conhecimento, então, deixa de ser apenas uma resposta esperada e passa a nascer também das trocas, das experiências e dos encontros.

Falar de imaginação também é falar de cultura. Nenhuma criança imagina a partir do vazio. Suas histórias, personagens e brincadeiras nascem do encontro com aquilo que ela vê, escuta e experimenta. Um livro apresentado em sala, uma história compartilhada, uma manifestação artística conhecida ou uma brincadeira tradicional preservada ampliam seu repertório e fortalecem sua identidade cultural. A escola, nesse encontro de experiências, transforma-se em um espaço onde diferentes memórias se aproximam e novos sentidos de pertencimento começam a nascer.

A verdadeira aprendizagem na infância nasce nos gestos simples do dia a dia: na brincadeira, no vínculo, na curiosidade e na liberdade de experimentar, onde o corpo inteiro aprende antes mesmo dos conceitos.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/07/2026*

A infância também precisa de tempo. Tempo para repetir uma cantiga até que ela se torne memória, para ouvir uma história mais de uma vez, para fazer perguntas sem a necessidade imediata de encontrar respostas e para imaginar mundos que ainda não existem. Algumas aprendizagens amadurecem justamente nesses intervalos, longe da urgência por resultados. Preservar a infância é proteger esse espaço de encantamento, onde a cultura não é apenas ensinada, mas vivida por meio das experiências que atravessam a sensibilidade.

A formação cultural começa muito antes de a criança conhecer o nome desse processo. Ela nasce nos encontros, nas narrativas compartilhadas, nos jogos, nas manifestações populares, nos livros, nas artes e nas brincadeiras que atravessam gerações. Cada uma dessas experiências amplia o olhar infantil e contribui para que a criança reconheça a própria história, suas raízes e sua relação com o mundo, sem perder a curiosidade diante daquilo que ainda deseja descobrir.

Sempre que uma escola preserva

espaços de criação, faz mais do que cumprir uma proposta educativa. Ela participa da formação de crianças que aprendem a respeitar diferentes culturas, reconhecem suas origens e compreendem que a imaginação não representa uma fuga da realidade, mas uma forma de interpretá-la, reinventá-la e transformá-la. Uma das contribuições mais duradouras da educação está justamente em oferecer experiências que permanecem vivas muito depois que a infância se transforma em lembrança.

Ao olhar para os primeiros anos da vida escolar, percebemos que aprendizagem, cultura e imaginação caminham juntas desde o início. Enquanto uma criança brinca, cria, escuta histórias, canta, observa e pergunta, também constrói referências que acompanharão sua maneira de pensar, sentir e participar do mundo. Educar ultrapassa a transmissão de conteúdos. É um compromisso com a formação humana, com aquilo que permite às novas gerações reconhecerem suas raízes, ampliarem seus repertórios culturais e continuarem escrevendo, com criatividade e consciência, as muitas histórias que constroem um país.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/07/2026"

JEANE TERTULIANO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 6, Nº 39, Setembro e Outubro 2026
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest

YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar

Tema sugerido: Aline Abreu Santana

Colunas & Colunistas:

- Matéria de Capa - Jeane Tertuliano
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- Contadores de Histórias - Fagner Lima
- NeuroMusic - Drika Gomes
- Grandes Autores - Redação The Bard
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- História das Artes - Betânia Pereira
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- Liter'Alma - Mía Koda
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Redação The Bard
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Redação The Bard
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Alma em Perspectiva - Rute Ella Dominici
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Mãe África - Fátima Moniz
- ResilienteMente - Fabiana Francisco
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavinia
- Desvendando Fantasia - Renato Mota
- Momento Resenha - Natália Carmo
- Recanto das Culturas Tradicionais - Nazareth Arrais
- O Mundo da Fantasia - Redação The Bard
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música



ISSN 2764-9768

2764-9768



SNIIC

AG-217193

156 Países





27



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti a um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

Muito Além da Tela: Filmes e Séries para Pensar o Mundo

Esta edição da coluna Tudo sobre Cinema reúne um compilado de obras que marcaram pela capacidade de provocar reflexão e despertar diferentes emoções. Mais do que histórias envolventes, os filmes e séries selecionados revelam personagens complexos e narrativas que abordam poder, identidade, justiça, preconceito, relações familiares e os dilemas éticos da sociedade contemporânea.

Convidamos você a revisar essas narrativas, ou descobri-las pela primeira vez, e permitir que cada uma delas inspire novas reflexões, pois

o melhor do cinema é justamente sua capacidade de permanecer conosco muito além dos créditos finais.

Nossas indicações para esta edição são:

A Vingança Está na Moda

Mais do que um suspense sobre justiça e revanche, o filme examina os limites entre reparação e obsessão. Ao acompanhar uma protagonista movida pelo desejo de vingança, a narrativa questiona até que ponto o sofrimento pode transformar vítimas em agentes da própria violência.



Imagem de Stokkete por Magnific



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/08/2026"

A Favorita

Ambientado na corte inglesa do século XVIII, o filme utiliza humor ácido e intrigas palacianas para revelar as disputas por poder, influência e reconhecimento. A obra descontrói idealizações históricas e mostra que as relações humanas são frequentemente moldadas por interesses e ambições.

Adolescência

A produção mergulha nas inquietações da juventude contemporânea, explorando

conflitos de identidade, pertencimento e amadurecimento. Com sensibilidade, evidencia como essa fase da vida é marcada por descobertas, vulnerabilidades e pela constante busca por aceitação.

Uma Família Perfeita

Sob a aparência de uma família exemplar, o filme revela tensões, silêncios e fragilidades que desafiam a ideia de perfeição. A narrativa propõe uma reflexão sobre as máscaras sociais e os conflitos que permanecem ocultos dentro do ambiente familiar.

O Conto da Aia

Baseada na obra de Margaret Atwood, a série apresenta uma distopia em que o controle sobre o corpo e a liberdade das mulheres torna-se instrumento de poder. Mais do que ficção, a narrativa dialoga com questões contemporâneas sobre direitos, autoritarismo e resistência.

Herege

O filme constrói um intenso embate entre fé, razão e manipulação psicológica. Ao confrontar crenças pessoais com situações extremas, convida o espectador a refletir sobre os limites da convicção, da dúvida e da influência exercida por discursos de autoridade.

Essas obras demonstram que o cinema e as séries continuam sendo espaços privilegiados para refletir sobre a condição humana, os conflitos sociais e as transformações culturais do nosso tempo, reafirmando o poder da arte como instrumento de questionamento e diálogo.

CLAUDIA FAGGI

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



A vingança está na moda

A Vingança está na Moda é um filme de comédia e drama de 2015, dirigido por Jocelyn Moorhouse e estrelado por Kate Winslet, Liam Hemsworth e Sarah Snook.

O filme é uma adaptação do romance homônimo de Rosalie Ham.

A história segue Myrtle Tilly Dunnage, uma mulher que retorna à sua cidade natal na Austrália rural após muitos anos de exílio em Paris, onde se tornou uma famosa modista de alta costura.

Tilly volta para enfrentar o passado e vingar-se das pessoas que a prejudicaram quando era criança.

Com sua máquina de costura, ela transforma a aparência das mulheres da cidade e, ao mesmo tempo, busca justiça por um crime que a afetou pessoalmente.

O filme é uma mistura de humor, drama e vingança, com Kate Winslet brilhando em seu papel como a destemida Tilly. É uma história cativante sobre redenção e a busca por justiça pessoal.

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



A Favorita



É na Netflix que você encontra A Favorita! Sim, um filme de época, com base em história real. Segundo uma historiadora a película não é 100 por cento fidedigna, o que não tira o charme desse filme indicado a muitos prêmios.

A coisa não está boa para a Inglaterra em 1708 na guerra contra a França. A rainha Ana (Olivia Colman), que também dirige o filme, arrasou no longa Meu Pai e quebrou tudo como protagonista no filme A Filha Perdida, está fragilizada e mal consegue se locomover por causa da gota, para você ter uma ideia, em uma época sem antibióticos essa doença poderia até matar!

Enquanto isso, duas mulheres disputam ferozmente pelo posto de "favorita" da monarca, a fim de terem influência no palácio e nos rumos da política do país: Elas são, Lady Sarah (Rachel Weisz) e Abigail Hill (Emma Stone).

Está armado o circo da sátira política que é A Favorita, longa-metragem dirigido pelo grego Yorgos Lanthimos (O Lagosta) e que estreou no Brasil em 24 de janeiro de 2019.

O que me chamou a atenção foi a interação perfeita entre essas três magníficas atrizes! Por esse e outros motivos A Favorita está na categoria dos imperdíveis aqui no tudo sobre cinema.

Indicada ao Oscar 2019 em dez categorias, incluindo melhor filme, e a vencedora de Melhor Atriz para Colman, a produção deve ser tratada pelo que ela é: uma obra de ficção com muitas qualidades e feita para nos distrair de forma leve e original.

Beijos e bom filme!



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Adolescência

Quando a série Adolescência chegou na Netflix eu não achei que seria uma obra tão intensa, provocativa e necessária. Me surpreendi.

Questões sobre a educação dos nossos filhos estão sempre em evidência, mas a profundidade de Adolescência vai além do cenário em que estamos acostumados.

Adolescência escancara a crise nas escolas, onde crianças fazem o que querem em nome da liberdade de expressão. Mostra o perigo que está presente dentro de seus quartos, e eu não estou falando de abuso, estou falando de um computador, um celular e redes sociais.

Muitas vezes não imaginamos as consequências do isolamento dos nossos filhos. Confesso que isso é assustador.

Outro ponto importante é como assistir Adolescência.

Assista cada um dos quatro episódios sem interrupções, isso faz toda a diferença para entender a ideia central. O plano de filmagem é sequencial, o que permitiu com que a série fosse gravada em apenas cinco dias. Os diálogos têm um poder que define cada cena com cuidado.

As interpretações são de tirar o fôlego.

Owen Cooper, de 15 anos, faz sua estreia como ator interpretando Jamie Miller. O diretor Philip Bragantini elogiou o desempenho do jovem e destacou sua entrega nas cenas. A equipe teve uma semana de ensaios antes das filmagens, como geralmente acontece no teatro. No começo, ensaiavam apenas cinco minutos por capítulo e foram aumentando gradualmente até encenarem todos os roteiros.

O roteiro foi elaborado com delicadeza, nos fazendo pensar, sentir e imaginar.

A fotografia é cuidadosamente semelhante a vida comum, porém requintada e detalhada.

A série Adolescência está na Netflix e virou fenômeno mundial.

Beijos carinhosos

Claudia Faggi



POST NO SITE



Uma Família Perfeita



A série "Uma Família Perfeita", lançada em março de 2025 no Disney+, é uma minissérie de oito episódios baseada em uma história real que envolve o casal Kristine (Ellen Pompeo) e Michael Barnett (Mark Duplass), que adotam Natalia Grace, uma menina ucraniana com nanismo.

O casal já sabia que a menina tinha uma condição rara de nanismo, porém, eles começaram a suspeitar que ela fosse uma adulta com cerca de 22 anos que fingia ser uma criança, uma conspiração parecida com o filme 'A Órfã' de 2009.

Com essas suspeitas, o casal relatou que a menina tinha comportamentos problemáticos: teria tentado envenenar a mãe adotiva, ameaçado os filhos do casal e ameaçado os colegas na escola. Em 2012, um tribunal alterou oficialmente sua idade de 8 para 22 anos, levando-a a sair de seu lar e viver sozinha em um apartamento.

Porém, tudo não passava de teoria, e o caso provocou grande repercussão nos Estados Unidos, acarretando acusação contra os Barnetts por negligência infantil. Eventualmente, as queixas contra o casal foram retiradas, e Natalia, após deixar a casa deles, foi acolhida por Antwon e Cynthia Mans, que exploraram a criança por conta de seu seguro.

A série nos mostra as negligências ocorridas durante toda a vida de Natália. Desde a falta de humanidade e responsabilidade na adoção, a relação com sua mãe adotiva extremamente narcisista, o abuso físico e psicológico e o fatídico abandono.

A série é incrível e a família está longe de ser a perfeita!

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



O Conto da Aia

O Conto da Aia é um romance de Margaret Atwood, escrito em 1985. O livro foi adaptado para a série de mesmo nome, vencedora de onze prêmios Emmy, como melhor série dramática, melhor roteiro, melhor atriz (Elizabeth Moss, no papel de June) e melhor atriz coadjuvante (Ann Dowd, no papel de Tia Lydia). O romance foi popular desde que publicado pela primeira vez tendo vendido mais de 8 milhões de cópias em todo o mundo.

Atwood, em 1985, prevê que o “futuro” da Inglaterra é se transformar em um Estado totalitário, denominado Gilead. Na série, é o futuro dos EUA. Um determinado agrupamento social religioso toma o poder do Estado e começa a implantar leis extremamente severas.

Em Gilead, resultado de uma degradação ambiental que levou à infertilidade, às mulheres restam posições de inferioridade, os papéis de esposa, mãe, empregada doméstica e procriadora. Revistas, livros e toda publicação imprensa são proibidos. Às mulheres é proibido ler inclusive a bíblia.

São seis magníficas temporadas que nos deixam com o coração na mão.

A produção é rica, os figurinos impecáveis e as atuações são emocionantes.

Beijos e boa série!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Herege



O filme Herege conta com 91% de aprovação da crítica do Rotten Tomatoes e definido por muitos como a melhor atuação da carreira de Hugh Grant. O filme de terror oferece uma nova oportunidade para que os fãs do gênero vejam uma atuação de ponta do ator que é conhecido por atuar como galã em comédias românticas.

Na trama, duas missionárias, interpretadas por Sophie Thatcher e Chloe East, chegam à casa do Sr. Reed (Grant), um homem aparentemente solitário e excêntrico. Lá, elas acabam presas e forçadas a participar de um jogo mórbido, desafiando a fé da dupla e botando em xeque tudo no que acreditam.

Comparado aos outros filmes de terror e suspense lançados em 2024, Herege é um longa acima da média. E Grant não é o único motivo. A produção conta com um bom roteiro, que causa medo e desconforto a partir de questões religiosas.

Um dos destaques do filme está no roteiro, assinado por Scott Beck e Bryan Woods, que se tornaram conhecidos por terem escrito "Um Lugar Silencioso", sucesso dirigido por John Krasinski. O texto se mostra bastante afiado ao fazer questionamentos sobre credos religiosos e suas origens.

Através do personagem Sr. Reed, que é um grande estudioso não só sobre religião, mas também de questões culturais, o filme cria um grande labirinto de fé para mostrar que, tanto as missionárias quanto o público, serão testados sobre o que realmente acreditam nos planos espiritual e físico.

Bom filme!

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

Contos

O Café Passagem Capítulo 8: Investigação

Luísa acordou na quarta-feira com uma determinação que não sentia há anos. As palavras de Sofia ecoavam em sua mente: "Conheça a pessoa por trás do mistério." Se ia se entregar a essa história impossível, precisava ter certeza de que conhecia o homem real, não apenas a lenda que ele carregava.

Decidiu fazer o que fazia de melhor: pesquisar.

Sentou-se ao computador com uma xícara de café e começou a investigar Daniel Carvalho. Não para desmascarar uma farsa, mas para entender quem ele realmente era quando não estava escrevendo sobre o futuro.

A busca inicial revelou pouco: um perfil discreto no LinkedIn indicando trabalho como revisor freelancer, algumas menções em projetos editoriais, nada nas redes sociais. Daniel parecia viver deliberadamente nas sombras do mundo digital.

Mas Luísa era persistente. Mudou de estratégia.

Às dez da manhã, estava na porta do Café Passagem.

— Luísa! — Dona Carmen, a proprietária, sorriu ao vê-la. — Que bom te ver de novo. Vai querer o de sempre?

— Na verdade, queria conversar com você, se tiver um tempinho.

Carmen era uma mulher de sessenta anos, cabelos grisalhos sempre presos em um coque, que havia herdado o café do marido falecido. Conhecia cada cliente regular pelo nome e tinha memória de elefante para detalhes.

— Claro, querida. Senta aí que já trago seu chá.

Quando Carmen voltou com a bandeja, Luísa respirou fundo.

— Dona Carmen, o Daniel... há quanto tempo ele frequenta aqui?

— Ah, o Daniel! — Os olhos de Carmen se iluminaram. — Uns três anos, mais ou menos. Sempre muito educado, pontual. Todo domingo às 10h12, como um relógio suíço.

— E ele sempre... escrevia?

— Sempre. Chegava com aquele caderno debaixo do braço, pedia o café sem açúcar, e ficava lá escrevendo por mais de uma hora. Nunca incomodava ninguém, nunca falava ao telefone. Um rapaz muito reservado.

— Ele já comentou sobre o que escrevia?

Carmen hesitou, como se estivesse decidindo quanto revelar.

— Uma vez, faz uns dois anos, ele estava meio abatido. Eu perguntei se estava tudo bem, e ele disse uma coisa estranha: "Estou esperando alguém que ainda não chegou." Pensei que fosse um encontro marcado, sabe? Mas ele continuou: "Ela vai aparecer aqui, eu sei. Só não sei quando."

Luísa sentiu um arrepio.

— Ele disse mais alguma coisa?

— Disse que escrevia sobre ela. Sobre uma mulher que conheceria aqui no café. Achei meio... romântico, sabe? Como se ele estivesse escrevendo uma história de amor.

— E a senhora acreditou?

Carmen riu.

— Querida, depois de quarenta anos servindo café, você aprende que todo mundo tem suas manias. Uns leem jornal, outros fazem palavras cruzadas. O Daniel escrevia sobre uma mulher imaginária. Não me parecia mais estranho que qualquer outra coisa.

— Mas então eu apareci.

— E como apareceu! — Carmen se inclinou, conspiratória. — No primeiro domingo que você veio, eu vi o Daniel te observando. Quando você se aproximou da mesa dele, pensei: "Pronto, agora ele vai descobrir que a vida real é diferente da fantasia."

— E o que aconteceu?

— Ele ficou branco como papel. Depois vermelho como tomate. E então... — Carmen sorriu — então ele



sorriu de um jeito que nunca tinha visto antes. Como se tivesse encontrado algo que procurava há muito tempo.

Luísa absorveu a informação. A versão de Carmen confirmava a de Daniel, mas de uma perspectiva externa.

— Dona Carmen, posso fazer uma pergunta indiscreta?

— Pode.

— A senhora acha que o Daniel é... equilibrado? Mentalmente, digo.

Carmen considerou a pergunta seriamente.

— Olha, querida, eu já vi de tudo neste café. Gente que fala sozinha, que vê coisas que não existem, que inventa histórias malucas. O Daniel nunca me pareceu desequilibrado. Excêntrico, talvez. Mas sempre foi gentil, respeitoso, pagava em dia. E principalmente... — ela tocou o braço de Luísa — ele nunca tentou convencer ninguém de nada. Ficava no canto dele, escrevendo, sem incomodar.

— Até eu aparecer.

— Até você aparecer. E aí, pelo que vejo, vocês dois se encontraram de verdade.

Depois de deixar o café, Luísa decidiu visitar a editora onde Daniel trabalhava ocasionalmente. Havia encontrado o endereço em um dos projetos listados em seu perfil profissional.

A Editora Meridiano ficava em um prédio antigo no centro, com corredores estreitos e o cheiro característico de papel e tinta. A recepcionista, uma jovem de vinte e poucos anos, a direcionou para o departamento editorial.

— Daniel Carvalho? — O editor-chefe, um homem de meia-idade chamado Roberto, franziu a testa. — Claro que conheço. Excelente revisor. Trabalha conosco há uns cinco anos.

— Como ele é como pessoa?

Roberto pareceu surpreso com a pergunta.

— Você é jornalista? Polícia?

— Não, não — Luísa se apressou a explicar. — Sou... uma amiga. Estou tentando entender melhor quem ele é.

— Ah, entendo — Roberto sorriu. — Bom, o Daniel é um dos profissionais mais confiáveis que conheço. Entrega sempre no prazo, trabalho impecável, nunca dá problema. Meio solitário, talvez, mas não no sentido antissocial. Apenas... reservado.

— Ele já comentou algo sobre... habilidades especiais?

Roberto riu.

— Habilidades especiais? O Daniel tem um olho excepcional para erros que outros revisores perdem. É quase como se ele soubesse onde procurar antes mesmo de ler. Mas isso é talento profissional, não magia.

— Ele já previu alguma coisa? Eventos, mudanças na empresa?

— Agora que você menciona... — Roberto pausou, pensativo. — Há uns dois anos, ele sugeriu que não aceitássemos um projeto específico. Disse que tinha "uma sensação ruim" sobre o autor. Achamos estranho, porque o projeto parecia lucrativo. Mas seguimos a intuição dele.

— E?

— Três meses depois, o autor foi preso por fraude. Se tivéssemos publicado o livro, teríamos perdido muito dinheiro e credibilidade.

Luísa sentiu o coração acelerar.

— Isso aconteceu outras vezes?

— Algumas. Pequenas coisas. Ele sugeria mudanças de cronograma que sempre se mostravam acertadas, evitava projetos que depois davam problema. Pensávamos que ele era apenas muito intuitivo.

— E agora? Ele ainda faz essas... sugestões?

— Curiosamente, não. Nas últimas semanas, ele parece diferente. Menos... como posso dizer... menos como se estivesse sempre um passo à frente. Mais presente, se é que isso faz sentido.

Fazia todo o sentido.

À tarde, Luísa visitou a biblioteca municipal, onde Daniel havia mencionado passar muito tempo durante a adolescência. A bibliotecária-chefe, Dona Marta, lembrava-se dele perfeitamente.



— O Daniel! Claro que lembro. Vinha aqui quase todo dia depois da escola, dos doze aos dezoito anos. Sempre muito educado, muito curioso.

— Sobre o que ele pesquisava?

— De tudo um pouco. História, filosofia, ciências. Mas tinha uma obsessão particular com livros sobre tempo, percepção, fenômenos inexplicados. Li alguns dos livros que ele pegava emprestado, por curiosidade. Coisas sobre física quântica, parapsicologia, relatos de experiências extrassensoriais.

— Ele comentava por que se interessava por esses assuntos?

— Uma vez, quando tinha uns quinze anos, ele me perguntou se eu acreditava que algumas pessoas podiam "ver" coisas antes de acontecerem. Disse que era para um trabalho escolar, mas percebi que era mais pessoal.

— E o que a senhora respondeu?

— Que o mundo era cheio de mistérios, e que manter a mente aberta era sempre uma boa ideia. Ele sorriu e disse que esperava que eu estivesse certa.

— Ele parou de vir aqui quando?

— Gradualmente, depois que entrou na faculdade. Mas sempre que o encontro na rua, ele para para conversar. Um rapaz muito especial, aquele Daniel.

No final da tarde, Luísa estava de volta ao seu apartamento, organizando mentalmente tudo que havia descoberto. Cada pessoa com quem conversara confirmava a mesma coisa: Daniel era exatamente quem dizia ser. Não havia sinais de desequilíbrio, manipulação ou farsa.

Mais que isso: havia um padrão consistente de comportamento que sugeria que ele realmente possuía algum tipo de intuição excepcional sobre eventos futuros. E esse padrão havia mudado recentemente — exatamente quando ele conheceu Luísa.

Às seis da tarde, o telefone tocou.

— Oi — disse Daniel. — Como foi seu dia?

— Interessante — Luísa respondeu. — Muito interessante.

— Quer contar?

— Pessoalmente. Ainda vale nosso jantar?

— Claro. Passo te buscar às oito?

— Perfeito.

Quando desligou, Luísa se olhou no espelho. A mulher que a encarava de volta parecia diferente da que havia acordado naquela manhã. Mais confiante, mais decidida.

Havia saído em busca de evidências que pudessem desmascarar Daniel ou confirmar suas suspeitas. Em vez disso, encontrara algo muito mais valioso: a confirmação de que o homem por quem estava se apaixonando era exatamente quem dizia ser.

Agora, restava apenas uma pergunta: estava pronta para aceitar que o impossível podia ser real?

Olhando para a caixa de faróis em miniatura sobre a cômoda, Luísa sorriu. Talvez fosse hora de parar de ser a guardiã solitária da torre e se permitir ser resgatada.

Ou melhor ainda: talvez fosse hora de descobrir que não precisava ser resgatada. Precisava apenas encontrar alguém disposto a construir uma nova torre junto com ela.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



CAPÍTULO 5



CAPÍTULO 6



CAPÍTULO 7



INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

RILNETE MELO

Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil

A lagarta e a borboleta

Num canto esquecido da floresta, vivia Aurora, uma lagarta verde, sonhadora e curiosa. Passava os dias observando os pássaros cruzarem o céu e as borboletas voarem entre as flores. Ainda assim, ela arrastava-se entre galhos e folhas, ouvindo críticas dos outros insetos:

— Lagarta não voa, aceite seu chão.

Certo dia, Aurora encontrou Brisa, uma borboleta de asas douradas, que já fora lagarta um dia.

— Como foi que você aprendeu a voar? — perguntou Aurora, curiosa.

Brisa sorriu, mas seu olhar trazia lembranças.

— Primeiro, precisei me desfazer de tudo que pensei ser. Enfrentei a escuridão de um casulo, o silêncio do mundo e a dúvida de mim mesma.

Só depois compreendi que crescer dói, mas é assim que se abre espaço para as asas.

Aurora hesitou, mas tentou. O chão era seguro, o casulo era um mistério, mas ao longo do tempo a metamorfose se tornou mais alta que o seu medo.

E assim, quando chegou o tempo certo, Luma se retirou. Ficou ausente por muitos dias e muitos acreditaram que ela havia sumido para sempre.

A lagarta e a borboleta

Por Rilnete Melo

Até que, numa manhã de vento leve, uma nova borboleta surgiu com suas asas brilhantes explorando toda a floresta.

E ninguém mais ousou dizer que lagartas não voam.

Moral da história:

Nem toda transformação será visível de imediato, mas toda coragem que cresce no casulo se transforma em liberdade.

Em tempos de incertezas mudar é necessário.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026"

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MINI Contos

O 13º Andar

Por J.B Wolf

O prédio tem doze andares. O painel, treze botões.
Aperto o sete. O elevador sobe. Passa do nove. Do dez.
Do onze. Para. O ar é frio demais. As portas abrem num corredor
igual ao meu. Minha porta. Minha luz acesa.
Do lado de dentro, alguém aperta o sete.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS



FRASES E PENSAMENTOS

“Quem conhecer a compleição do espírito infantil e os processos por que adquire o saber, não cuidará em obter das crianças que vençam muito terreno de uma vez.”

Rui Barbosa

“A infância não se perdeu nunca; ela hão de estar na minha alma.”

Carlos Drummond de Andrade

“A criança não quer brincar de ser adulta; ela quer apenas viver o seu mistério.”

Cecília Meireles

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.”

Augusto Cury

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

“A fantasia é a nossa primeira morada.”

Cecília Meireles

“Brincar com a palavra é a primeira poesia.”

Carlos Drummond de Andrade

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano.”

Jean Piaget

“Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

Emília Ferreiro

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”

John Dewey

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

“A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter.”

Platão

“Eduquem as crianças, para que não seja necessário punir os adultos.”

Pitágoras

“A infância vive a realidade da única forma honesta, que é tomando-a como uma fantasia.”

Agustina Bessa-Luís

“As crianças são os únicos seres divinos que a nossa pobre humanidade conhece. Os outros anjos, os de asas, nunca aparecem.”

Eça de Queirós

“SUA FRASE AQUI”

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano.”

Jean Piaget

“Ao dar aos nossos alunos a prática de conversar com outras pessoas, damos a eles estruturas para pensar por conta própria.”

Lev Vygotsky

“A primeira ideia que uma criança precisa ter é a da diferença entre bem e o mal. E a principal função do educador é cuidar para que ela não confunda o bem com a passividade e o mal com a atividade.”

Maria Montessori

“O melhor ensinamento é aquele que utiliza a menor quantidade de palavras necessárias para a execução da tarefa.”

Maria Montessori

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.”

Rubem Alves





Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

Entre o mapa e o espelho: a criança que procura seu lugar

Aos queridos leitores(as), meu agradecimento por seu olhar afetivo, aumentando minha alegria em poder criar essa narrativa autopoiética, na 39ª Edição da Revista Internacional The Bard com o tema escrito nesta coluna: **Entre o mapa e o espelho: a criança que procura seu lugar.**

Escrevi este artigo com o coração cheio de amorosidades, inspirando-me com abordagens que me põem um sorriso no rosto. Manifesto a minha honra por você estar comigo.

Espero que estas narrativas reflexivas, teóricas e construtivas possam lhe nutrir de opções e direcionamentos para lidar com o desenvolvimento do autoconhecimento e descobertas em relação ao mundo social, emocional e cognitivo da criança na escola, família e sociedade.

Por fim, ficarei feliz se, ao final da leitura, você se sentir satisfeito, com a sensação de

que valeu a pena reservar um pouco de seu tempo para estarmos juntos.

Obrigada por sua presença e estímulo.

Boa leitura e grandes ideias!

Stella Gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Introdução

Esta coluna tem como objetivo revelar e desvelar o impacto afetivo das escolhas curriculares sobre o “sentimento de pertencimento na infância”. A linguagem é poética, com metáforas referentes a mapa e espelho: o mapa como desenho de um país que nem sempre encaixa, o espelho como

lugar onde a criança tenta caber no “nós” que aprende.

O texto pode descrever o momento de abrir o livro de história e ver rostos, roupas, cenários que parecem sempre distantes; a sensação de estranhamento ao ouvir que “nós”

fizemos tal coisa, quando esse “nós” não inclui a cor da sua pele, o sotaque da sua família, o lugar onde mora.

A título introdutório, trago a divisão conceitual dessa abordagem e como ela se aplica na prática com as crianças.

O espelho representa a **subjetividade, o autoconhecimento e a autodescoberta física e emocional. Quem sou eu?** As palavras podem parecer pequenas, mas a pergunta é uma das mais significativas da vida. Como seria de esperar, esse aspecto fundamental do ser humano começa a ser construído na infância.

O mapa simboliza a **geografia afetiva, a socialização e a localização da criança no mundo.** Nessa viagem, a qualidade das interações das crianças entre si e com os adultos, nas quais afeto e conhecimento se entrecruzam, é fundamental para o desenvolvimento.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026”

Walter Benjamin, no ensaio “A doutrina das semelhanças”, afirma que a faculdade mimética tem uma história, tanto no sentido filogenético quanto no ontogenético. No percurso do desenvolvimento da criança, na sua ontogênese, a faculdade mimética pode ser observada no jogo infantil. O jogo da criança é impregnado de comportamentos miméticos que não se limitam, de modo algum, à imitação de pessoas. A criança não apenas brinca de ser comerciante ou professor, mas também se transforma em moinho de vento ou em trem, cavalo ou gato. Ou seja, por meio da mimesis, imita o real, sendo verdadeiramente aquilo que sua imaginação deseja: pessoas, animais ou coisas. Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se põs de cócoras, a faz transformar-se em ídolo de madeira em um templo onde as pernas talhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta, ela própria é porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas (BENJAMIN, 2002, p. 107–108).



É preciso observar o seguinte: ao retornar para si o olhar e as palavras, gestos, ações impregnadas de sentidos que o outro lhe transmite, a criança constrói a consciência de si a partir dos conteúdos sociais e afetivos que esse olhar lhe revela.

Construindo seu universo particular, dá outra significação ao cotidiano, incorporando às suas vivências uma mística que enfatiza sua sensibilidade pelo mundo dos objetos. Podemos

enxergar a criança como um espelho, através do qual é possível revisitar nossa própria infância e, assim, perceber o quanto, como adultos, estamos atualmente distantes dela. O confronto das gerações é nítido. Na experiência da criança, não há limites rígidos entre imaginação e realidade; a forma peculiar como consegue lidar com o mundo objetivo nos permite uma compreensão mais profunda dos mecanismos que regem a atividade criadora.

*"Eu busco a mim mesmo."
Heráclito*

O Sentimento de Pertencimento

Para começar a construir um "eu", quando bebê, a criança usa o que tem e o que recebe para a sua autopreservação. Esse momento da vida do bebê tem relação com o que Jean-Jacques Rousseau chamou de "amour de soi" (amor de si). Um sentimento natural e instintivo que leva o indivíduo a buscar seu próprio bem-estar, anterior à vida em sociedade. Ele está, apenas em seu mundo interno. O que Freud chamou de narcisismo primário.

Com o tempo, a criança vai percebendo haver um mundo externo, então passa a reconhecer as transformações e começa a reconhecer que há um "outro". Com essa percepção, começa a reconhecer e se interessar para além dela.

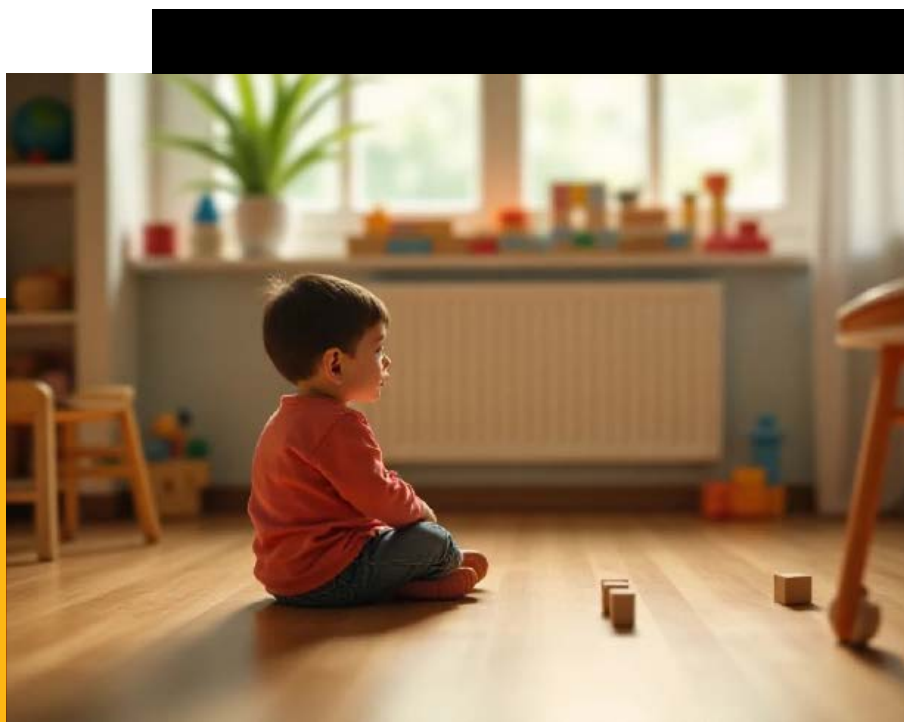




IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Por muitos momentos continuamos a nossa tecelagem, podemos mudar, e olharmos no espelho com olhos de encantamento. Cria-se um espaço interativo, onde possa experimentar um ambiente transformável por diferentes percepções provenientes de espaços preenchidos e vazios, luminosidade e sombras, movimentos, ritmos, estímulos sonoros, olfativos e gustativos, tendo o intuito de favorecer a aquisição de conhecimentos mais adequados sobre si mesmo e do meio em que vive (integração do esquema corporal, noções de espaço e tempo, consciência corporal, percepção etc.).

A importância da escola e família de proporcionar espaços nos quais diferentes linguagens expressivas sejam vivenciadas possibilita a integração corpo, mente e emoções, possibilitando construir sua forma de expressão de linguagem, dando sentido a si mesmo e a tudo que possa criar, ampliando a consciência sobre si, sobre o mundo e o outro.

Em síntese, é preciso que a criança tenha olhos que se dedicam a sonhos que são dela. É o tempo das imaginações e fantasias, projetados no horizonte de tudo que ela ainda pode se tornar na canção da sua inteireza.

Assim, é possível aproveitar o período da infância como uma oportunidade para que a criança se perceba como sujeito orgânico no processo de construção do conhecimento, utilizando diversas linguagens como mediadoras na constituição do "ser".

Diante do exposto, sugerimos a leitura do livro de Virgínia M. Axline intitulado "Dibs em busca de si mesmo". Neste trabalho, o leitor poderá analisar os conflitos vividos por uma criança, rejeitada afetivamente por seus pais, na busca de uma identidade. Esta abordagem tem como subsídio os estudos de Freud, Erikson, Winnicott e Wallon.

O livro "Dibs em busca de si mesmo", de Virgínia M. Axline, relata a história de um menino no seu processo psicoterápico à procura de sua identidade. A organização da identidade é a etapa central proposta por Erikson na evolução do ciclo vital humano. É um momento de síntese, de transformação de identificações em identidade e de interação original com o mundo. Dibs era uma criança marcada por profundos traumatismos. Acreditavam que ele poderia possuir um déficit intelectual, psicótico ou autista. Enfim, eram muitas as possibilidades. Ele tinha cinco anos de idade, era uma criança solitária e agressiva.

De acordo com o que é narrado no livro (p. 19), Dibs "recusava até ficar com as costas contra a parede e colocava as mãos para cima, 'prontas para arranhar', prontas para lutar se alguém tentasse aproximar-se" e "ele parecia decidido a manter-se isolado das pessoas". Para Erikson, essa tendência de se pôr à parte das pessoas e do mundo constitui uma tentativa de destruir não só suas características pessoais, porque insegura e perigosa, como as do outro, porque invasoras e ameaçadoras. Já a agressão, na concepção de Freud, é uma relação típica à frustração, podendo ser direta ou indireta.

Analisando essas e outras falas, nas quais a mãe de Dibs expõe os seus anseios e frustrações quanto a ele, compreendemos grande parte do comportamento dele. Sendo a mãe de extrema importância para o bebê, em todos os aspectos, Dibs não pôde contar com a sua, sofrendo assim inúmeras frustrações que impediram o seu pleno desenvolvimento. No entanto, o desenvolvimento da criança não depende exclusivamente da mãe. O vínculo paterno é de extrema importância para ele. E Dibs também não contou com o acompanhamento do pai em seu crescimento. Podemos comprovar isto nas

seguintes falas (p. 238): “Eu não converso com papai”, “Eu sempre tinha medo de papai” e “Ele era sempre agressivo comigo”. (p.105) “Ele não ouvira a criança. Dibs tentou falar com ele, mas o pai cortou a conversa como se ela fosse uma tagarelice sem sentido. Os sentimentos paternos têm importante impacto no desenvolvimento da criança. Conflito no desempenho do papel paterno resultará em empecilhos para o desenvolvimento emocional dos filhos. O desenvolvimento do autoconceito infantil dependerá do que o ambiente social passa para a criança. Quando um rótulo lhe é dado, ela acaba, muitas vezes, comportando-se de acordo com aquele rótulo. É o caso de Dibs, que apresenta um desenvolvimento tardio por ser tratado como incapaz e dependente.

O período de latência é outro período no qual Dibs não obteve sucesso. Erikson acredita que a principal característica desse período é a formação do autoconceito. As relações socioafetivas na família, no grupo de iguais, são de extrema importância na construção da autoestima e do sentimento de identidade, que caracteriza o autoconceito.

Para Wallon, a emoção influen-

cia o desenvolvimento cognitivo a partir das relações de afeto estabelecidas. Por isso, experiências negativas, frustrações e negligências gerarão, na criança, sentimento de inadequação e insegurança. Crianças mal-amadas, rejeitadas e inseguras apresentam comportamentos de apatia, alheamento, deficiência motora e intelectual.

Ao findar essa parte textual, podemos observar a importância das vivências iniciais da criança, sendo fundamental um ambiente familiar estruturado, que lhe possibilite desfrutar tanto a figura materna, principalmente nos momentos iniciais, quanto a paterna ao decorrer do seu desenvolvimento.

Nesse momento, também destacamos ser vital que aspectos morais sejam abordados sem moralismos ou racionalizações e para que o sentimento de pertencimento permita à criança usufruir mais profundamente do ambiente escolar.

A experiência propiciada no início da vida será crucial para o desenvolvimento psíquico e o funcionamento intelectual, condições para o enraizamento na cultura e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento na escola.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAET.AI, sob a direção de Tânia Loufina, Criada em 04/08/2026"

Mas o que é o sentimento de pertencimento?

O pertencimento supõe também participação, o que inclui ter lugar e voz nos processos de escolha. Estar rodeado de pessoas não garante o sentimento de pertencimento a um determinado indivíduo, que pode estar a todo momento ao lado e convivendo com seus semelhantes, mas não se identificar com nenhum grupo ou nunca se sentir realmente parte de algum lugar. Isso porque pertencer tem a ver com se sentir acolhido e entendido, no encontro com o self, ao mergulhar em si.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAET.AI, sob a direção de Tânia Loufina, Criada em 04/08/2026"



Quando a criança se inclui no nós

Buscamos espaços que fortaleçam e ampliem os conhecimentos já existentes, promovendo o autoconhecimento e instigando novas descobertas. Nosso objetivo como educadores deve ser o de transgredir os conteúdos disciplinares instituídos nos currículos escolares, tecendo saberes que se movimentam na complexidade do contexto educacional. Muitas vezes, esses saberes são limitados e silenciados, frutos de concepções acríticas e a-históricas sobre o mundo e o ser humano.

É vital para que aspectos morais sejam abordados sem moralismos ou racionalizações para que o sentimento de pertencimento permita à criança usufruir mais profundamente do ambiente escolar.

A criança podada de suas raízes mais profundas, arquetípicas, que vivem em um meio ambiente, seja familiar ou escolar, repressor, é uma criança com mínimas condições de desenvolvimento emocional, social, cognitivo saudável.

Quando uma criança diz “minha escola” em vez de simplesmente “a escola”, algo significativo está acontecendo. Essa pequena mudança na linguagem revela um sentimento poderoso que pode transformar completamente a experiência educacional: o pertencimento escolar.

Cada pessoa é um ser individual e único que vai se formando a partir dos relacionamentos com outras pessoas e, por meio destas vivências, aprende e experimenta as diferentes possibilidades de conhecer a vida. A criança que, desde muito pequena, é valorizada pelos seus pais, amigos e professores carrega consigo um grande amor pela vida, não se sente rejeitada, é afetuosa e faz com que todos gostem de estar ao seu lado, vai passando cada etapa de seu crescimento físico e intelectual de uma forma tranquila.

Mas o que significa pertencer a um ambiente escolar?

O ambiente físico e emocional da escola comunica diariamente se as crianças são bem-vindas e valorizadas. Transformar a “sala de aula” em uma comunidade onde todos participam ativamente, contribuem com suas ideias e se sentem valorizados é fundamental.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Nesse cenário, educadores e educandos vivem em um intenso laboratório social, pois, todo esse questionamento perpassa pela sala de aula, as mudanças são vivenciadas com intensidades diferentes e precisam ser trabalhadas dentro de cada realidade e cada grupo. Nesse movimento dialético na escola, implica ações para desenvolver estruturas mentais que garantam a possibilidade da criança

pensar por si.

Cada vez mais, a mobilização interna da sala de aula necessita corresponder às mudanças socioculturais, para que o jeito de falar da escola não seja incoerente e contraditório com aquilo que ocorre fora de seus muros nem cristalice o abismo entre a realidade cotidiana e seus conteúdos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Como seres humanos, e ontologicamente sociais, a criança escreve a sua história só e exclusivamente com a participação dos outros e da apropriação do patrimônio cultural da humanidade. Histórias que foram internalizadas no dia a dia da própria escola, nas interações com os amigos e professores.

Nos tempos atuais, essa escola precisa de clareza, ousadias, buscas e encontros. Os educadores deixam de ser o centro de todo conhecimento para lidar com o conhecimento mutante que transforma todos, em um espaço de convivência em sintonia perfeita para a aprendizagem.

Um currículo de vida e realidade

Pensar o cenário pedagógico, as transformações necessárias à Educação, os valores, experiências e subjetividades que pretendemos construir, convida-nos a tomar o Currículo Escolar enquanto objeto de reflexão.

Como pensar outras possibilidades de construção de Currículos Escolares? Currículos que abranjam a vida em sua concretude e seus atores em suas singularidades?

Para romper com a ideia de um documento acabado que deve ser seguido, entendemos a palavra "currículo" enquanto um texto amplo e flexível, pois se refere a tudo

que se escreve sobre os elementos da prática pedagógica, bem como a tudo o que se faz para desenvolvê-los nas escolas e nas salas de aula, incluindo, pois, tanto as intenções relativas ao processo pedagógico como as vivências que o materializam (FAVERO, 1991). Dessa forma, o currículo precisa ser pensado como uma ferramenta pedagógica capaz de atuar na formação integral das crianças aprendentes num projeto de educação que as desenvolva cognitivamente, afetiva e psicologicamente, que proporcione conviver em meio às diferenças e às constantes transformações sociais de um mundo pós-moderno.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Espelhos e mapas: a criança em uma viagem de si

Os estudiosos da psique humana se deparam com os intrincados caminhos para chegarem ao cerne do ser humano. Para isso, os "mapas" mostram valiosos trajetos cheios de buscas. Um dia, a criança descobre nesta viagem que não há diferença entre o "EU" e o "NÃO-EU", tratando a todos como uma extensão de si mesma, ampliando a percepção do mundo.

A forma como percebe o mundo é o fundamento da própria identidade do SER, o território único e

exclusivo. A concepção de observar o "mapa" converge nas experiências vivenciadas em cada ciclo das etapas da vida, em um processo dinâmico, mutável e passível de aprimoramento de acordo com aquilo que de alguma forma faz sentido.

Como consequência, vários aspectos são beneficiados, como a aprendizagem, o humor, a compreensão de conteúdos, as interações, o autoconhecimento, a autoestima, criatividade, dentre outros.



A forma como a criança vê o mapa do mundo, é baseada nas emoções vivenciadas a partir das informações recebidas pelos sentidos, sendo o alicerce que alimenta as representações internas, o combustível indispensável para o cérebro poder interpretar e gerar raciocínios mais elevados, que determinam as aptidões de acordo com as crenças e valores conceituados na introspecção. As vivências são apenas possibilidades a partir das suas experiências, daquilo que faz parte do conteúdo formado ao longo da sua vida; permitindo identificar em si mesmo as capacidades e limites.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI", sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026

A formação do próprio mapa começa antes mesmo da compreensão do mundo, quando criança, é a base da formação, concepção da consciência do que está ao seu redor, do que há nele; aqui surge a essência do "EU", arquitetando o alicerce da escultura desta obra, moldando o mármore no sentido do que ele representara.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI", sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/08/2026

De alguma forma, este contato com o mundo inicia-se antes mesmo do nascimento, no ventre materno, com as primeiras sensações de segurança.

"O Espelho" (do latim speculum) é uma superfície que reflete um raio luminoso em uma direção única definida.

Olhar para o espelho é o primeiro passo para aceitar ou transformar a própria imagem interna. Esse objeto é considerado pelos Referenciais Curriculares Nacionais, um dos materiais obrigatórios nas instituições de educação infantil.



Os espelhos são mágicos, inspiradores e reveladores. Portanto, ele deveria estar presente em todas as salas de aula. Percebe-se que o ambiente considerado ideal para atender às necessidades da criança deve garantir oportunidades de expressão a partir de varia-

dos recursos, onde as mesmas podem se expressar e agir com autonomia. Nesse sentido, o espelho, por exemplo, é um instrumento que influencia gestos e comportamentos das crianças, proporcionando momentos de descobertas a partir de seus próprios sentimentos e expressões e, também, oferece ao professor diversas possibilidades de intervenção. O espelho proporciona à criança a possibilidade de "familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz" (BRASIL, 1998, p. 28). E é, também, por meio do espelho que a criança pode assumir outros papéis, tornando-o um recurso importante para estimular a imaginação, aflorar seus desejos, entre outros.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 04/08/2026"

Considerações Finais

“Ser feliz” significa tomar consciência de si mesmo sem susto.
(Walter Benjamin)

De acordo com o educador Paulo Freire, na antiga escola nós ditávamos ideias, discursávamos aulas: esse tempo acabou. Agora pesquisamos juntos, criamos dando oportunidade para o amadurecimento, crescimento emocional, intelectual e a prazerosidade de aprender na educação infantil.

Resta desejar que tenhamos uma produção de conhecimento

que impulse a criança a ser protagonista da sua história e não um mero receptor.

Despedimo-nos com um grande abraço.

Que possamos seguir adiante com coragem e esperança renovada.

Colunista Stella Gaspar

LIVRO DA AUTORA
ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

STELLA GASPAR

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

FACEBOOK

RADIO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



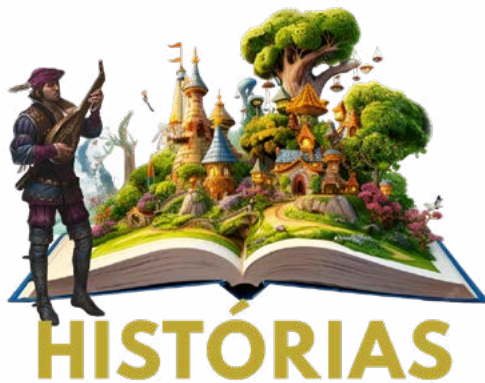
Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Contadores de



05



FAGNER LIMA



Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil, sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

Do Sertão de Caruaru ao Encanto: O Palhaço que Conta Histórias com o Coração

Atenção! Atenção! Respeitável público!

Quando a arte encontra a imaginação, nascem histórias capazes de encantar, ensinar e transformar vidas. A contação de histórias, aliada à palhaçaria e à magia, possui um poder singular: despertar emoções, estimular a criatividade e transmitir valores importantes de forma leve, divertida e inesquecível. Entre risadas, truques surpreendentes e momentos de interação, crianças e adultos embarcam em jornadas onde o aprendizado acontece naturalmente, embalado

do pelo encantamento.

É justamente nesse universo mágico que surge o nosso convidado desta edição da Coluna Contadores de História, da Revista The Bard: Luiz Guilherme, natural de Caruaru, Pernambuco, criador e intérprete do carismático Palhaço Relampinho, personagem que vem conquistando o público infantil ao unir contação de histórias, palhaçaria, magia, música e mensagens educativas em apresentações repletas de alegria, aprendizado e significado.



Imagem de arquivo pessoal - Luiz Guilherme



Imagem de arquivo pessoal - Luiz Guilherme

Quem é o Palhaço Relampinho?

“Olá! Eu sou o Palhaço Relampinho, o mágico palhaço que veio diretamente do Planeta Brinquedolândia, um mundo cheio de cor, alegria e diversão!”

Assim se apresenta o personagem criado por Luiz Guilherme, um visitante muito especial que desembarcou na Terra com uma missão nobre: espalhar sorrisos, incentivar a amizade, fortalecer valores e mostrar às crianças que aprender também pode ser uma grande aventura.

A história do Relampinho nasceu da imaginação de Luiz ainda na infância. Fascinado pelo universo circense desde pequeno, ele criou um personagem vindo da fantástica Brinquedolândia, um planeta onde reinam a felicidade, os doces, as brincadeiras e o respeito à natureza. Em sua narrativa, Relampinho viaja em uma nave tão veloz que parece um relâmpago cruzando os céus, inspiração que deu origem ao seu nome.

O que começou como uma brincadeira durante apresentações escolares transformou-se em um projeto artístico consistente e inspirador. Hoje, o personagem é parte essencial da vida de Luiz Guilherme e representa sua missão de levar alegria e esperança ao público.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

Uma paixão que nasceu na infância

O amor pela palhaçaria acompanha Luiz desde os primeiros anos de vida. Seu primeiro aniversário teve como tema o universo dos palhaços, e o fascínio pelo circo sempre esteve presente em sua trajetória.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

As primeiras apresentações aconteceram na escola Espaço Educacional Ideal, onde recebeu incentivo das professoras Cíntia e Selma. Sem figurino profissional, sem equipamentos sofisticados e contando apenas com criatividade, improvisação e muita vontade de fazer sorrir, ele começou a desenvolver o talento que mais tarde se transformaria em profissão.

Uma apresentação em uma formatura temática de circo marcou um ponto importante de sua caminhada. Na ocasião, ao dividir espaço com um mágico profissional, percebeu que poderia transformar aquele sonho de infância em uma carreira dedicada ao entretenimento infantil.

Atualmente, Luiz atua profissionalmente como palhaço, mágico e animador infantil, construindo sua trajetória com dedicação, estudo e constante aprimoramento.

O Relampinho Show: muito além do entretenimento

Mais do que um espetáculo, o Relampinho Show é uma experiência interativa que combina humor, música, magia, contação de histórias, brincadeiras e participação ativa do público.

Durante as apresentações, as crianças não são apenas espectadoras: elas se tornam protagonistas. Participam das mágicas, ajudam nas brincadeiras, cantam, dançam e descobrem que aprender pode ser divertido.

O espetáculo reúne:

- Palhaçaria cômica e esquetes circenses;
- Mágicas surpreendentes;
- Brincadeiras interativas;
- Músicas autorais;
- Participação especial do boneco ventríloquo Juquinha;
- Mensagens educativas transmitidas de forma lúdica.

Essa combinação torna cada apresentação única, criando momentos de encantamento que permanecem na memória das famílias.

Para Luiz Guilherme, a arte é uma poderosa ferramenta de transformação social. Segundo ele, o humor, a fantasia das histórias e o encantamento da mágica despertam a atenção, facilitam a compreensão e ajudam as crianças

a assimilarem conteúdos e valores de forma mais significativa.

“Quando a criança aprende sorrindo, ela guarda aquele ensinamento com mais facilidade”, acredita.

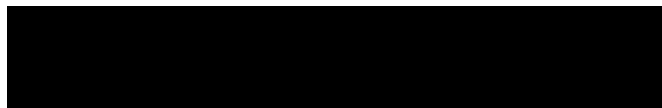


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

Educação, valores e formação humana

Uma das marcas mais fortes do trabalho do Palhaço Relampinho é o compromisso com a educação.

Por meio da união entre a contação de histórias, a mágica e a palhaçaria, o artista aborda temas fundamentais para o desenvolvimento infantil de maneira leve, divertida e acessível. Entre uma gargalhada, uma história encantadora e um truque surpreendente, valores importantes são apresentados às crianças de forma lúdica e significativa:

- Nunca desistir dos so-

nhos;

- Valorizar a honestidade;
- Respeitar pais e responsáveis;
- Combater o bullying;
- Promover a amizade e a inclusão;
- Cuidar do meio ambiente;
- Desenvolver autoestima e autoconfiança;
- Incentivar os estudos e a fé.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"



A magia que cria memórias

Ao longo de sua trajetória, muitos momentos emocionantes ficaram registrados em sua memória.

Um deles aconteceu durante um evento realizado em parceria com a equipe Ilumina Sonhos. Em uma mágica, Luiz convidou um menino da plateia para ajudá-lo. Ao final do truque, fez questão de dizer que o sucesso da mágica havia sido mérito da criança.

O resultado foi inesquecível: o menino comemorou como se realmente tivesse descoberto poderes mágicos, olhando para os pais com um sorriso de pura felicidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

Outro episódio marcante ocorreu durante uma festa infantil, quando uma menina acompanhou todo o espetáculo ao seu lado. Convidada para participar de uma mágica em que desenhos de chocolates desapareciam de um lenço e se transformavam em M&Ms reais, ela ficou completamente encantada ao descobrir que os chocolates realmente existiam.

Momentos como esses reforçam uma das convicções do artista: a verdadeira magia não está apenas nos truques, mas nas emoções que eles despertam.

A arte que transforma vidas

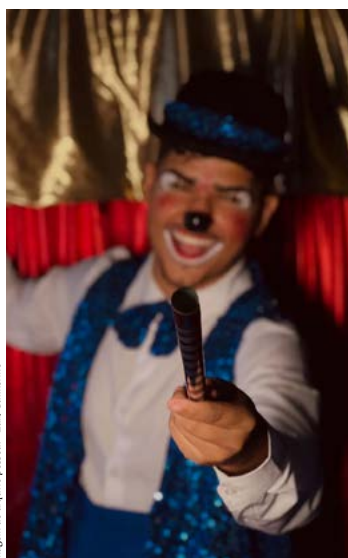
Luiz acredita profundamente no poder transformador da arte.

Para ele, a palhaçaria funciona como uma espécie de alívio para os desafios da vida, levando esperança, acolhimento e alegria a quem mais precisa.

Ele destaca especialmente o trabalho realizado por palhaços em hospitais, onde uma simples visita pode aliviar medos, renovar esperanças e proporcionar conforto emocional.

"A arte aproxima as pessoas, inspira sonhos e mostra que sempre existe espaço para recomeçar", afirma.

Essa visão humanizada do entretenimento faz do Palhaço Relampinho muito mais do que um personagem. Ele se torna um instrumento de afeto, educação e transformação.



Aprendendo com as crianças

Se existe algo que Luiz Guilherme faz questão de destacar, é o quanto aprende com seu público.

Segundo ele, as crianças ensinam diariamente sobre simplicidade, sinceridade, coragem e alegria. Sua capacidade de viver o presente, de tentar novamente após os erros e de enxergar beleza nas pequenas coisas inspira o artista em cada

apresentação.

"Eu não apenas faço palhaçaria e mágica. Eu vivo essa arte. Cada sorriso e cada abraço renovam a certeza de que estou seguindo o caminho que Deus preparou para mim", compartilha.

Uma mensagem para os leitores

Ao encerrar nossa conversa, o Palhaço Relampinho deixa uma mensagem especial para todos os leitores da Revista The Bard:

“Nunca deixem de acreditar nos seus sonhos. Mesmo quando o caminho parecer difícil, continuem seguindo em frente. Toda grande conquista começa com um sonho, mas ela só se torna realidade quando é acompanhada de dedicação,

perseverança e coragem.

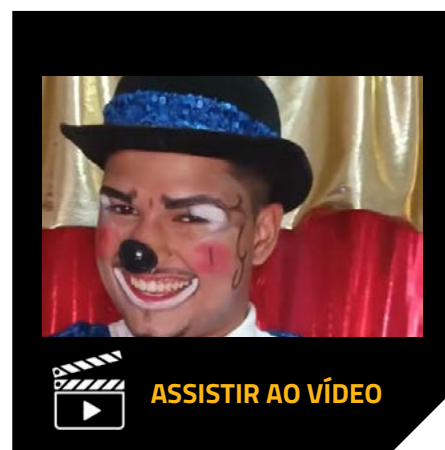
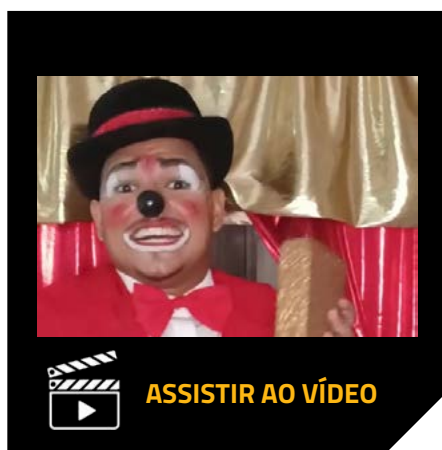
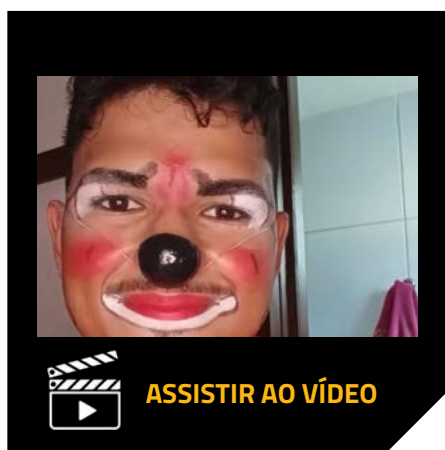
Acreditem em vocês mesmos. Não permitam que ninguém diminua seus sonhos ou faça vocês desistirem daquilo que faz o coração bater mais forte.

Tenham fé, espalhem alegria, façam o bem e nunca percam a esperança.

Grandes histórias começam exatamente quando alguém decide acreditar.”

E talvez essa seja a maior magia do Palhaço Relampinho: mostrar que, quando a imaginação encontra o amor pelo que se faz, sonhos podem se transformar em realidade e sorrisos podem iluminar o mundo como um verdadeiro relâmpago de felicidade.

Vídeos - Palhaço Relampinho:



INSTAGRAM



Vídeo no Youtube:

AS PROFISSÕES
TURMA DO FAGUINHO



TIRA O PÉ DO CHÃO
TURMA DO FAGUINHO



COLUNISTA FAGNER LIMA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



04


DRIKA GOMES


Neurocientista, hipnoterapeuta e filósofa, especialista em neurociência da música. Analista Junguiana e criadora do método NeuroMusic®, mostra como sons e frequências transformam emoções, despertam consciência e geram equilíbrio. Autora best-seller, traduz ciência em poesia. Na revista The Bard, leva aos leitores um olhar à luz da ciência e da arte, em diálogo profundo com a alma. Conheça mais em @drikagomes_neuro.

O cérebro de quem vive cercado por música é diferente?



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

A música sempre acompanhou a humanidade. Está presente nas celebrações, nos rituais, nas lembranças mais marcantes e até nos momentos de silêncio, quando uma melodia continua ecoando apenas na memória. Durante muito tempo, foi vista principalmente como uma forma de expressão artística ou entretenimento. Hoje, porém, os avanços da neurociência revelam que ela vai muito além disso.

Cada vez mais pesquisas demonstram que a música influencia o funcionamento do cérebro, participa da regulação das emoções, ativa memórias, modifica estados

mentais e pode contribuir para o bem-estar físico e emocional. Mais do que uma experiência estética, ela se apresenta como um dos estímulos mais completos que o cérebro humano pode receber.

Neste artigo, convido o leitor a refletir sobre uma pergunta que tem norteado minhas pesquisas e vivências com o método NeuroMusic: o cérebro de quem vive cercado por música é realmente diferente? Entre evidências científicas, observações clínicas e experiências transformadoras, exploraremos como o som pode se tornar uma ferramenta de integração entre cérebro, emoção e consciência.

A música acompanha a humanidade desde os seus primeiros passos. Muito antes da escrita, antes mesmo da ciência tentar compreender o funcionamento do cérebro, nossos ancestrais já utilizavam sons e ritmos em rituais, celebrações, cerimônias de cura e momentos de conexão coletiva. Em praticamente todas as culturas conhecidas, a música esteve presente como linguagem universal, capaz de comunicar emoções que as palavras muitas vezes não alcançam.

Ao longo da vida, construímos uma verdadeira biblioteca sonora. Existem músicas que nos transportam instantaneamente para a infância, outras que nos fazem recordar pessoas que

já partiram e algumas que despertam sentimentos difíceis de explicar. Uma simples sequência de acordes pode provocar lágrimas, arrepiar a pele, desacelerar a respiração ou devolver uma sensação de esperança que parecia perdida.

Durante muito tempo acreditou-se que esses efeitos pertenciam apenas ao universo da arte ou da emoção. Entretanto, nas últimas décadas, os avanços da neurociência começaram a revelar algo ainda mais fascinante: a música modifica a atividade cerebral de maneira ampla, envolvendo simultaneamente sistemas responsáveis pela memória, emoção, atenção, movimento, linguagem e tomada de decisões.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Hoje sabemos que poucos estímulos possuem a capacidade de mobilizar tantas regiões cerebrais ao mesmo tempo. Mais do que entretenimento, a música tornou-se objeto de estudo de neurocientistas, psicólogos, médicos e pesquisadores interessados em compreender como ela influencia o comportamento humano, a aprendizagem e a regulação emocional.

Mas existe uma pergunta que considero ainda mais interessante.

Não apenas se a música modifica o cérebro.

Mas se o cérebro de quem vive diariamente cercado por músicas escolhidas com intenção passa, gradualmente, a funcionar de maneira diferente.

Essa pergunta tem orientado boa parte das minhas pesquisas, observações e experiências desenvolvidas através do método NeuroMusic.

O cérebro realmente reage de forma diferente à música?

A resposta da ciência é sim.

A música é um dos poucos estímulos capazes de recrutar, simultaneamente, diferentes circuitos cerebrais. Enquanto ouvimos uma canção, o córtex auditivo interpreta frequências e timbres; o hipocampo ativa memórias; a amígdala avalia o conteúdo emocional; o cerebelo sincroniza ritmo e movimento; e o córtex pré-frontal participa da atenção, do planejamento e da interpretação da experiência.

Essa integração ajuda a explicar por que uma música pode nos fazer recordar acontecimentos vividos décadas atrás com riqueza de detalhes, algo que dificilmente acontece diante de outros estímulos cotidianos.

Pesquisadores como Daniel Levitin, Robert Zatorre, Isabelle Peretz e Stefan Koelsch demonstraram que ouvir música não representa uma atividade localizada em uma única região cerebral. Trata-se de um fenômeno distribuído por grandes redes neurais que trabalham em conjunto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Outro aspecto importante envolve a neuroquímica cerebral.

Diversos estudos indicam que determinadas experiências musicais podem favorecer a liberação de dopamina, neurotransmissor relacionado à motivação, expectativa e sensação de recompensa. Em determinados contextos, a música também pode influenciar respostas ligadas ao cortisol, frequentemente associado ao estresse, e participar da regulação de sistemas envolvidos no bem-estar.

Isso não significa que toda música produzirá os mesmos efeitos em todas as pessoas. Nossa história de vida, nossas lembranças, nossa cultura e o contexto em que ouvimos uma música influenciam profundamente a forma como o cérebro interpreta aquela experiência.

Talvez seja justamente essa combinação entre biologia e experiência pessoal que torne a música um dos fenômenos mais fascinantes da neurociência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

O que acontece quando escolhemos a música com intenção?

A maioria das pessoas escuta música de maneira espontânea.

Liga o rádio durante o trânsito, coloca uma playlist enquanto trabalha ou deixa uma sequência aleatória tocar ao longo do dia.

Mas será que existe diferença entre ouvir música ao acaso e utilizá-la conscientemente como ferramenta para modular estados mentais e emocionais?

Essa é a pergunta que mais tem despertado meu interesse nos últimos anos.

Sabemos que o cérebro apresenta neuroplasticidade, isto é, sua capacidade de reorganizar conexões neurais em resposta às experiências vividas. Emoções, repetição, atenção e significado exercem papel importante nesse processo.

Quando a música é escolhida com um propósito específico, seja favorecer foco, relaxamento, introspecção ou presença, ela deixa de ser apenas um estímulo sonoro e passa a integrar uma experiência consciente.

Naturalmente, ainda são necessários mais estudos para compreender quais protocolos musicais podem produzir efeitos consistentes e em quais condições isso acontece. Entretanto, a literatura científica já aponta que intenção, contexto, expectativa e envolvimento emocional influenciam significativamente a maneira como o cérebro responde aos estímulos.

Talvez o verdadeiro potencial da música não esteja apenas nas notas musicais.

Talvez esteja na forma como nos relacionamos com elas.

O que tenho observado nas experiências NeuroMusic?

É nesse ponto que a pesquisa científica encontra a observação prática.

Ao longo dos encontros presenciais e online do NeuroMusic, passei a observar um padrão que se repetia com frequência.

As pessoas chegavam aceleradas.

Muitas relatavam ansiedade, ex-

cesso de pensamentos, dificuldade para dormir, tensão muscular ou sensação constante de sobrecarga mental.

Após uma sequência estruturada de músicas, exercícios cognitivos e práticas de atenção, surgiam relatos muito semelhantes, mesmo entre pessoas que nunca haviam participado de uma experiência desse tipo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

"Minha mente ficou organizada."

"Parece que um peso saiu de mim."

"Voltei a respirar profundamente."

"Fazia muito tempo que eu não sentia essa paz."

Esses relatos não constituem, isoladamente, evidências científicas. São observações recorrentes que levantam hipóteses e apontam caminhos para futuras investigações.

Entretanto, quando um mesmo padrão começa a aparecer repetidamente em grupos diferentes, ele merece atenção.

Foi exatamente essa repetição que me motivou a aprofundar ainda mais os estudos sobre a influência da música na organização dos estados mentais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

O que significa coerência entre cérebro, emoção e corpo?

Costumamos imaginar que pensamos primeiro e sentimos depois.

Na prática, essa separação não existe de maneira tão simples.

O cérebro mantém comunicação constante com o coração, com o sistema nervoso autônomo, com o sistema endócrino e com diversos

outros sistemas responsáveis pelo funcionamento do organismo.

Quando emoções intensas permanecem sem integração ou quando pensamentos e emoções seguem direções opostas, frequentemente surgem sinais como fadiga, dificuldade de concentração, ansiedade e sensação de conflito interno.

Ao utilizar a palavra coerência, refiro-me justamente a momentos em que esses sistemas parecem funcionar de maneira mais integrada.

Não apenas emocionalmente.

Mas fisiologicamente.

Minha hipótese é que determinadas experiências musicais possam favorecer temporariamente esse estado de maior integração funcional, especialmente quando associadas à atenção plena, ao significado emocional e à intenção consciente.

Ainda há muito a ser investigado.

Mas compreender essa interação talvez represente um dos caminhos mais promissores para a neurociência da música nos próximos anos.

A música pode transformar mais do que nossas emoções?

Carl Gustav Jung afirmava que a transformação acontece quando aquilo que permanece inconsciente torna-se consciente.

Talvez a música seja uma das linguagens mais eficientes para facilitar esse encontro.

Antes mesmo de compreendermos racionalmente o que estamos sentindo, nosso corpo frequentemente já respondeu ao som.

Uma melodia pode despertar lembranças esquecidas, reorganizar emoções, abrir

espaço para reflexões profundas ou simplesmente nos fazer permanecer em silêncio diante de algo que ainda não possui palavras.

A música conversa com regiões do cérebro anteriores à linguagem.

Ela acessa símbolos, memórias, emoções e experiências que muitas vezes escapam da lógica racional.

Quanto mais a ciência avança, mais percebemos que a música não representa apenas uma manifestação artística.

Ela pode tornar-se uma poderosa ferramenta para favorecer aprendizagem, regulação emocional, integração entre diferentes sistemas do organismo e desenvolvimento humano.

Ainda há inúmeras perguntas sem resposta.

Mas talvez a mais importante seja esta:

Se uma única música é capaz

de modificar nosso estado interno em poucos minutos, que tipo de cérebro estamos construindo ao longo de uma vida inteira com as músicas que escolhemos ouvir?

Talvez a verdadeira transformação não esteja apenas na música.

Talvez esteja na forma como aprendemos a escutá-la.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Conclusão

A relação entre música e cérebro está longe de ser um tema encerrado. Ao contrário, ela representa um dos campos mais fascinantes da neurociência contemporânea. A cada nova pesquisa, compreendemos um pouco mais sobre como o som influencia nossas emoções, nossa memória, nossa atenção e a forma como interpretamos o mundo ao nosso redor.

Ao mesmo tempo, quanto mais avan-

çamos cientificamente, mais percebemos a complexidade dessa relação. A música não atua isoladamente. Sua influência depende da história de vida de cada indivíduo, das emoções despertadas, do contexto em que é ouvida e do significado que atribuímos a cada experiência sonora. É justamente essa interação entre biologia, emoção e experiência humana que torna a música um objeto tão singular de estudo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Nas vivências que realizo com o NeuroMusic, observo repetidamente pessoas relatarem uma mente mais organizada, uma sensação de leveza e uma profunda tranquilidade após experiências musicais cuidadosamente estruturadas. Esses relatos não substituem a pesquisa científica, mas despertam perguntas importantes e apontam caminhos que merecem ser investigados com rigor cada vez maior.

Acredito que estamos apenas começando a compreender o verdadeiro potencial da música como ferramenta de regulação emocional, integração entre cérebro e corpo e desenvolvimento humano. Talvez, no futuro, protocolos musicais personalizados façam parte de programas de promoção da saúde, da educação e do bem-estar, sempre fundamentados por evidências

científicas consistentes.

Enquanto esse futuro é construído, uma reflexão permanece.

Se prestamos atenção à qualidade dos alimentos que consumimos, das informações que lemos e das pessoas com quem convivemos, talvez também devêssemos olhar com mais consciência para o ambiente sonoro em que vivemos. Afinal, cada música que escolhemos ouvir representa mais do que alguns minutos de entretenimento. Ela se transforma em uma experiência vivida pelo cérebro, pelo corpo e pelas emoções.

A ciência já demonstra que a música exerce influência sobre o funcionamento cerebral.

A questão que permanece é: **que tipo de cérebro, de emo-**



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEANET.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 31/07/2026.

ções e de consciência estamos cultivando todos os dias por meio das músicas que escolhemos ouvir?

Talvez a resposta para essa pergunta marque o início de uma nova forma de compreender não apenas a música, mas também a nós mesmos.

COLUNISTA DRIKA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

YOUTUBE

SITE

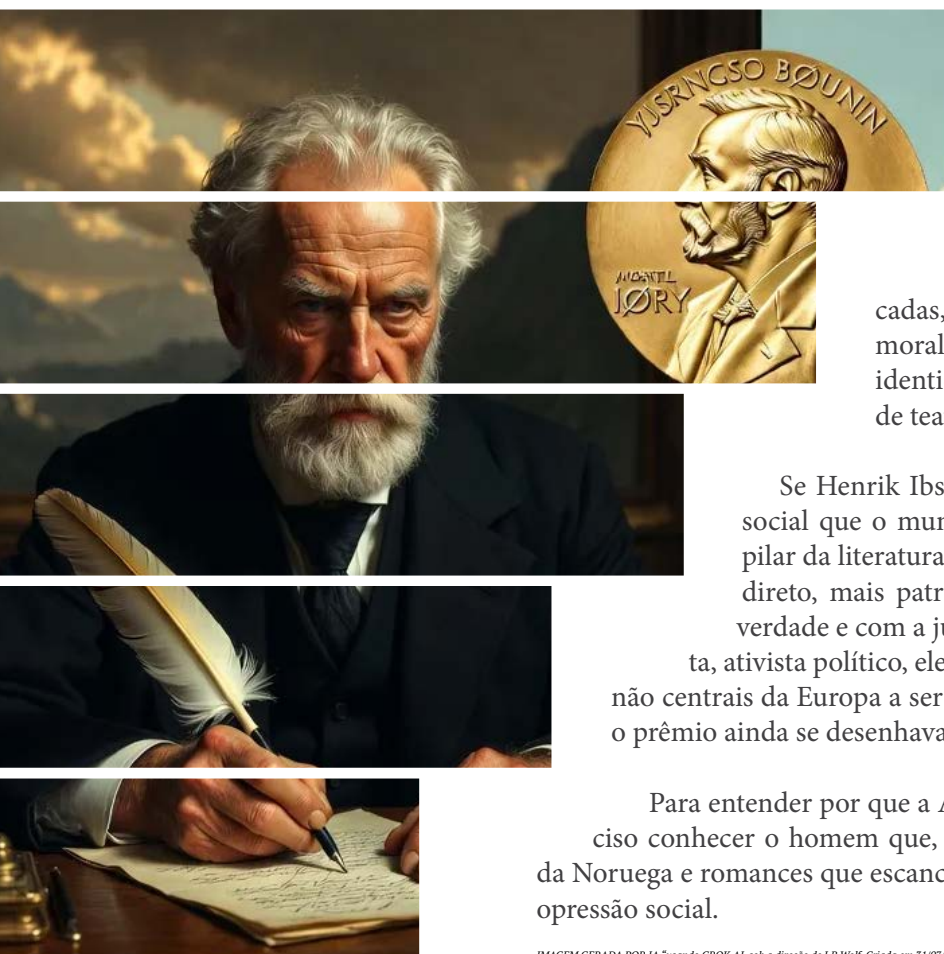
SITE

POST NO SITE





Bjørnstjerne Bjørnson: *o Nobel que deu voz à consciência da Noruega*



Quando a Academia Sueca anunciou, em 1903, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para um norueguês de nome difícil para o público estrangeiro, Bjørnstjerne Bjørnson, muita gente fora da Escandinávia se surpreendeu. No entanto, na Noruega, a escolha parecia quase óbvia. Bjørnson já era, há décadas, mais que um escritor: era uma espécie de voz moral da nação, um homem que ajudou a formar a identidade de seu país com poesias, romances, peças de teatro e discursos inflamados.

Se Henrik Ibsen levou para os palcos a crítica psicológica e social que o mundo aprendeu a admirar, Bjørnson foi o outro pilar da literatura norueguesa do século XIX: mais popular, mais direto, mais patriótico, mas não menos comprometido com a verdade e com a justiça. Poeta, dramaturgo, romancista, jornalista, ativista político, ele se tornaria, em 1903, um dos primeiros nomes não centrais da Europa a ser consagrado com o Nobel, numa época em que o prêmio ainda se desenhava como mapa da cultura ocidental.

Para entender por que a Academia Sueca voltou os olhos para ele, é preciso conhecer o homem que, com a mesma pena, escreveu o hino nacional da Noruega e romances que escancaravam o preconceito, a hipocrisia religiosa e a opressão social.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/07/2026"

Da paróquia à praça pública

Bjørnstjerne Bjørnson nasceu em 1832, em Kvikne, uma área rural da Noruega, filho de um pastor luterano. A paisagem que o cercava na infância, montanhas, invernos longos, vilarejos isolados, voltaria com força em sua ficção. Ainda jovem, percebeu que seu caminho não seria o púlpito, mas a palavra escrita em outro registro: o da literatura e da imprensa.

Em Cristiania (hoje Oslo), envolveu-se com jornais, críticos, estudantes e agitadores intelectuais. Era uma Noruega em construção: o país vivia em união política com a Suécia e ainda lutava para afirmar sua própria identidade cultural e política. Bjørnson mergulhou nesse debate com entusiasmo: defendia uma Noruega soberana, democrática, com um povo consciente de seus direitos.

Desde o início, sua literatura esteve ligada à vida nacional. Ele não escrevia apenas para entreter, mas para formar: opinião, caráter, sentimento patriótico. Essa mistura de arte e ação política seria sua marca por toda a vida.

O poeta do povo e da nação

Antes de ser reconhecido internacionalmente, Bjørnson já era uma espécie de herói cultural em casa. Escreveu poemas e canções que se tornaram parte do imaginário norueguês. A mais famosa delas é “Ja, vi elsker dette landet” (“Sim, nós amamos este país”), que mais tarde seria adotada como hino nacional da Noruega.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/07/2026”

A letra é um retrato apaixonado da pátria, mas não é cega. Fala das lutas, das dificuldades, da necessidade de coragem e unidade. Bjørnson via a Noruega como um projeto coletivo. Sua poesia patriótica não era apenas exaltação; era também chamado à responsabilidade.

Além da poesia, atuou intensamente no teatro. Escreveu dramas históricos e peças de costumes que lotavam salas e acendiam debates. Era parte do grande movimento de renovação do teatro escandinavo, do qual Ibsen era outro protagonista. Se Ibsen aprofundava conflitos íntimos, Bjørnson trazia para o palco questões sociais, religiosas e políticas com clareza e força.

Os romances que deram rosto ao camponês norueguês

Um dos méritos literários mais evidentes de Bjørnson foi ter levado o camponês norueguês para o centro da literatura. Em vez de se concentrar apenas na elite urbana ou em tramas aristocráticas, ele escreveu histórias que tinham o povo rural como protagonista.

“Os filhos da montanha” (Synnøve Solbakken, 1857), “Arne” (1859) e “A Noiva de Glomdal” (Glomdalsbruden, 1860) são alguns exemplos de romances e novelas em que a paisagem, a fala e o modo de vida dos camponeses aparecem com dignidade e profundidade. Ele não idealiza completamente o campo, mas o retrata como um espaço de conflitos humanos universais: amor, ciúme, honra, culpa, fé, herdades disputadas, tradições opressivas.



Essas obras ajudaram a fixar, na literatura, uma imagem forte da Noruega rural, ao mesmo tempo rústica e lírica. Em um país ainda profundamente agrário no século XIX, isso tinha um valor simbólico imenso. Era como dizer ao povo simples: sua vida também merece virar livro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/07/2026"

O realista engajado: religião, moral e hipocrisia

Com o amadurecimento da carreira, Bjørnson foi se aproximando de um realismo mais direto, mais crítico. Em romances e peças posteriores, enfrentou de frente temas delicados, como a educação rígida, o dogmatismo religioso, o casamento infeliz e, de modo especialmente audacioso para a época, o preconceito racial e social.

Em "O Editor" (Redaktøren, 1874), trata da responsabilidade da imprensa e das relações de poder que atravessam a vida pública. Em "Além das forças humanas" (Over Ævne, 1883), peça em dois volumes, discute o fanatismo religioso, os limites da fé milagrosa e o preço da cegueira espiritual. Em "Mão forte" (En Handske, 1883), coloca em pauta a moral sexual, o duplo padrão aplicado a homens e mulheres e a necessidade de honestidade nas relações.

Mas talvez um dos pontos mais admirados de sua obra, citado inclusive como razão para o Nobel, seja a coragem com que abordou a questão das minorias e dos oprimidos. Ele denunciou o tratamento dado aos judeus em diversos textos, defendendo seus direitos civis e combatendo o antissemitismo, muito antes de isso se tornar pauta dominante na Europa. Em discursos e artigos, foi uma voz clara contra a discriminação étnica e religiosa.

Bjørnson via a literatura como uma espécie de tribuna moral. O escritor, para ele, não podia se contentar em ser um observador neutro. Tinha obrigação de intervir, de tomar

partido, de questionar injustiças.

A língua, a identidade e a política

Além de temas sociais, Bjørnson foi figura importante no debate sobre a língua norueguesa. Em uma Noruega que, por séculos, estivera sob forte influência do dinamarquês na escrita, ele defendeu o fortalecimento de uma língua nacional própria, viva, ligada ao povo. Participou de discussões sobre ortografia, gramática, padronização e criação de um idioma literário que não fosse cópia servil de modelos estrangeiros.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/07/2026"

Na política, era um liberal convicto. Defendia reformas democráticas, direitos civis, liberdade de expressão, educação ampla. Tornou-se um dos críticos mais contundentes da monarquia absoluta e do poder excessivo de certas instituições. Quando sentia que algo era injusto, não se calava: escrevia, discursava, pressionava.

Isso lhe rendeu tanto admiração quanto inimizades. Mas consolidou sua imagem de "consciência moral" do país. Bjørnson não era neutro, e não queria ser.

O Nobel de 1903: reconhecimento de uma trajetória

Quando o Prêmio Nobel de Literatura foi concedido a Bjørnstjerne Bjørnson, em 1903, a Academia Sueca justificou a decisão destacando “sua nobre, grandiosa e versátil poesia, que sempre se caracterizou pela frescura da inspiração e pela pureza da alma”. Não foi um prêmio a um único livro, mas a um conjunto de obra.

A escolha ressaltava vários aspectos:

- A força de seus romances rurais, que deram forma literária à vida do povo norueguês;

- A importância de suas peças, que tratavam de temas sociais e religiosos com coragem;

- A qualidade de sua lírica patriótica, que ajudou a construir a identidade nacional;

- Seu compromisso com causas humanitárias, liberdade de expressão e direitos das minorias.

Bjørnson foi um dos primeiros autores laureados vindos de uma “periferia” cultural em relação aos grandes centros como França, Inglaterra e Alemanha. O prêmio também dizia algo sobre o próprio Nobel: mostrava que a Academia estava disposta a olhar para autores que, além de valor literário, tinham forte impacto ético e social.

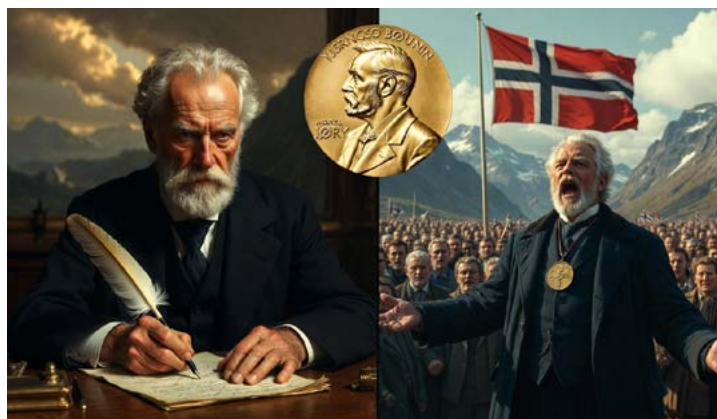


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 31/07/2026"



Imagem de Getty Images

Entre a glória e a polêmica

Como toda figura pública intensa, Bjørnson não foi unânime. Sua combatividade o levou a conflitos, dentro e fora da Noruega. Foi acusado, em algumas fases, de ser excessivamente panfletário, de deixar que a mensagem engolisse a arte. Outros, porém, viam exatamente nisso sua força: a capacidade de transformar questões urgentes em drama convincente.

Ele próprio não tinha medo de mudar de opinião. Em alguns temas, revisou posições antigas, reconsiderou dogmas. Era um homem em constante debate consigo mesmo, que enxergava a coerência não como rigidez, mas como fidelidade à busca pela verdade.

Morreu em 1910, já amplamente consagrado em seu país e respeitado internacionalmente. Seu funeral, na Noruega, teve caráter quase de cerimônia nacional.

Um legado que vai além das fronteiras

Hoje, o nome de Bjørnson é menos conhecido do que o de Ibsen fora da Escandinávia. Mas seu legado continua forte em vários níveis.

Na Noruega, ele permanece como:

- autor de textos que ainda são lidos nas escolas;

- figura central na luta pela identidade nacional;

- símbolo de engajamento intelectual e coragem cívica.



"O silêncio é por vezes o maior orgulho que se pode mostrar."

Bjornstjerne Bjornson

No cenário internacional, é lembrado como:

- um dos primeiros Nobel de Literatura com perfil abertamente político e social;
- precursor de uma tradição de escritores que assumem publicamente causas humanitárias;
- romancista e dramaturgo

que ajudou a consolidar o realismo no norte da Europa.

Seu exemplo ecoa na figura do escritor que não se isola em torre de marfim, mas entra na praça pública com seu texto e sua voz. Um autor que vê no ato de escrever não apenas um exercício estético, mas uma responsabilidade perante seu tempo.





Imagem de Wikipedia

Por que Bjørnson ainda importa

Em um mundo onde se discute, cada vez mais, o papel do artista diante de injustiças, violência, autoritarismos e preconceitos, a figura de Bjørnstjerne Bjørnson ganha nova atualidade. Ele nos lembra que:

– literatura pode, sim, participar da construção de uma identidade coletiva;

– o escritor pode ser, ao mesmo tempo, artista e cidadão ativo;

– é possível defender causas sem abrir mão da complexidade humana na ficção;

– dar voz ao povo, às minorias e aos invisíveis é tarefa nobre da arte.

Bjørnson não foi apenas o ganhador do Nobel de 1903. Foi um dos arquitetos morais e literários de seu país. Um homem que acreditou que palavras podiam formar não só livros, mas também cidadãos.

E, se hoje o mapa dos vencedores do Nobel é um mosaico de línguas e países, é em parte porque figuras como ele ajudaram a mostrar que a grande literatura não nasce apenas nos centros tradicionais, mas também nas margens frias, entre camponeses, montanhas, dialetos e uma vontade teimosa de ser, ao mesmo tempo, nação e humanidade.

J.B WOLF

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



COLUNA

Vida de Autor

27



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

O equilíbrio na construção da história e características do personagem

Sabe aquele personagem de ficção que você odeia e que se aparecesse na sua frente na rua, com certeza iria ouvir umas poucas e boas?

Muito bem, é exatamente sobre a vida dele que vamos falar nessa matéria.

Venham comigo desvendar as características da construção do personagem e como elas são extremamente importantes para alavancar a sua história!



IMAGEM GERADA POR IA - Usando SEAIPTAI, sob a direção de Adriana Magalhães. Criada em 03/08/2026

Criar personagens marcantes é uma das partes mais fascinantes, e também mais difíceis na minha humilde opinião, da construção de um romance. Um personagem forte não é necessariamente alguém poderoso, extraordinário, inteligente ou carismático. Um personagem forte é aquele que possui presença dentro da história. É alguém que o leitor consegue imaginar existindo mesmo quando o livro está fechado. É aquele personagem ao qual o leitor quer quebrar a cara dele se encontrar ele na fila do mercado. Acho que vocês já sentiram isso?

Para que isso aconteça, é importante que o personagem tenha desejos, medos, contradições, vulnerabilidades, relações e, principalmente, capacidade de fazer escolhas que tenham consequências. Uma boa personagem não está simplesmente dentro da história: ela participa da construção da história. Muitas vezes, determinados acontecimentos só acontecem porque aquela pessoa, sendo quem é, tomou determinada decisão. E isso faz a história acontecer.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Uma maneira interessante de começar é descobrir o que o personagem quer. Não basta dizer que ele quer ser feliz ou encontrar o amor. É melhor transformar esse desejo em alguma coisa concreta. Ele pode querer comprar a casa onde cresceu, reconquistar o filho, abandonar a cidade onde nasceu, conseguir uma promoção, descobrir um segredo familiar ou provar alguma coisa para alguém. O importante é que exista alguma coisa que ele esteja tentando alcançar. Sempre.

"Sem desejo não existe movimento, sem movimento não existe história."

Esse desejo cria movimento. Mas existe uma diferença importante entre aquilo que o personagem quer e aquilo de que ele realmente precisa.

Uma mulher pode acreditar que precisa recuperar o casamento, por exemplo, quando, na realidade, precisa aprender a viver sem controlar as pessoas que ama. Um homem pode acreditar que precisa ganhar muito dinheiro, quando, na verdade, precisa deixar de acreditar que só merece respeito quando possui dinheiro. O desejo é aquilo que o personagem procura conscientemente; a necessidade é aquilo que a história vai revelar sobre ele.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

É justamente nessa distância entre desejo e necessidade que podemos encontrar um arco de personagem muito interessante. Depois de descobrir o que ele quer, precisamos perguntar por que ele quer aquilo. É aqui que começa a aparecer a história emocional do personagem.

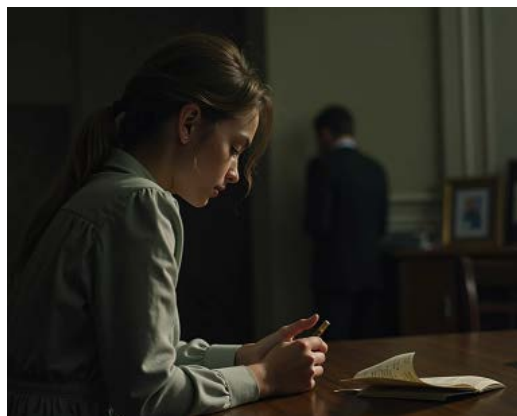


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Talvez alguma coisa tenha acontecido no passado e alterado a maneira como ele enxerga o mundo. Não precisa ser necessariamente um grande trauma. Pode ter sido o abandono de um pai, uma humilhação na adolescência, uma amizade perdida, a sensação de nunca ter sido suficientemente bom para a própria família ou até mesmo uma oportunidade que ele teve e desperdiçou.

O acontecimento passado é menos importante do que a conclusão que o personagem tirou dele.

Uma pessoa abandonada pelo pai pode concluir: "As pessoas sempre vão embora." A partir disso, pode começar a abandonar os outros antes que eles tenham a oportunidade de abandoná-la. Assim, uma experiência passada produz uma crença, e essa crença produz um comportamento no presente.

“

É nessa distância entre querer e precisar que nasce o arco de personagem: descobrir o "o quê" é o começo, mas perguntar o "por quê" abre a porta para a história emocional.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

É isso que torna uma biografia literariamente útil. O passado não precisa aparecer em longas explicações; ele precisa continuar agindo sobre o personagem durante toda a história.

Outro elemento essencial é a contradição. Pessoas reais são contraditórias, e personagens também devem ser. Essas contradições podem despertar sentimentos muito interessantes nos leitores.

Uma personagem pode ser extremamente generosa e, ao mesmo tempo, cruel com a própria família. Pode ser corajosa no trabalho e covarde no amor. Pode ser religiosa e sentir raiva de Deus. Pode defender a liberdade dos outros e ser extremamente controladora com os filhos.

Essas contradições tornam a personagem falha, e assim humana.

Também é importante que o personagem tenha qualidades. Às vezes, na tentativa de criar personagens complexos, o escritor acumula defeitos, traumas, segredos e problemas. Mas

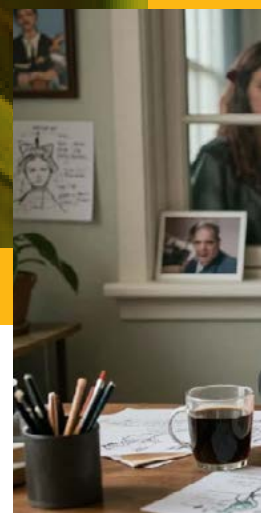
um personagem interessante não precisa ser uma coleção de sofrimentos. Ele também deve possuir alguma qualidade que faça o leitor admirá-lo ou, pelo menos, compreender por que outras pessoas gostam dele.

Talvez seja extremamente leal. Talvez tenha coragem. Talvez seja engraçado, generoso, inteligente ou capaz de cuidar dos outros.

O interessante é quando a mesma característica pode ser virtude e defeito.

Uma mulher extremamente leal pode permanecer ao lado de pessoas que a destroem. Um homem muito protetor pode acabar controlando quem ama. Uma pessoa extremamente independente pode ser incapaz de pedir ajuda. Uma pessoa muito generosa pode não saber estabelecer limites.

Assim, aquilo que há de melhor no personagem também pode ser aquilo que o coloca em dificuldade e faz a história caminhar.



É importante ainda que o defeito produza acontecimentos. Não adianta escrever que determinado personagem é impaciente se sua impaciência nunca influencia a história. O defeito precisa interferir nas escolhas a cada capítulo até desfazer o nó do problema no enredo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Imagine um homem que não consegue admitir que está errado. Ele interpreta uma situação equivocadamente, alguém tenta corrigi-lo, ele se sente humilhado, reage agressivamente e acaba perdendo uma oportunidade importante. Mais tarde, precisa decidir se admite o erro ou se continua defendendo uma mentira para preservar o próprio orgulho.

Nesse caso, o defeito deixou de ser uma informação sobre o personagem e tornou-se um mecanismo da narrativa.

Isso nos leva a uma questão muito importante: "personagens fortes precisam fazer escolhas."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Podemos escrever que uma personagem é generosa, mas isso é apenas uma descrição. A literatura começa a aparecer quando colocamos essa personagem diante de uma situação em que precisa decidir.

Ela encontra uma carteira cheia de dinheiro. Precisa desesperadamente daquele dinheiro. Ninguém a viu encontrá-la. O que ela faz? Devolve tudo? Fica com o dinheiro? Procura o dono? Devolve os documentos, mas fica com o dinheiro? Talvez inicialmente pense em ficar com tudo e depois mude de ideia. Talvez devolva o dinheiro, mas descubra posteriormente que o dono é alguém que prejudicou sua família.

A personagem começa a existir de verdade quando precisa escolher, quando ela começa a agir.

E essa é uma das regras que considero mais importantes para a criação de personagens: não diga apenas quem a pessoa é. Coloque-a em situações nas quais ela precise demonstrar quem é de verdade.

Por isso, para você alinhar esses pontos na construção do personagem, eu recomendaria começar com uma personalidade básica e algumas perguntas fundamentais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA. "Somando SÉCULO XXI, sob a direção de Adriano Magalhães, Criada em 03/08/2024"

Quem é essa pessoa? O que ela quer? Por que quer isso? O que teme perder? O que aconteceu no passado que ainda influencia suas decisões? Em que acredita por causa disso? O que há de admirável nela? Qual é seu defeito mais perigoso? O que ela não consegue admitir? Quem ela ama? Quem ela não perdoa? E, finalmente, que escolha ela terá de fazer que não poderá evitar?

Depois disso, coloque-a em situações simples. Faça-a receber dinheiro a mais no troco. Faça alguém que ela despreza pedir sua ajuda. Faça uma pessoa amada dizer uma verdade dolorosa. Dê a ela exatamente aquilo que sempre desejou. Depois, ofereça a possibilidade de realizar seu maior sonho ao custo de prejudicar alguém inocente.

Não pense primeiro no que seria mais dramático.

Pergunte simplesmente:

“O que essa pessoa faria?”

E depois pergunte:

“Por que ela faria isso?”

É dessa segunda pergunta que muitas vezes nasce a verdadeira personagem.

Mas talvez o exercício mais importante seja observar os próprios romances. Ao ler um livro brasileiro, tente esquecer por alguns momentos a trama e acompanhe apenas uma personagem. Observe o que ela deseja, o que esconde, como fala, o que percebe, o que não percebe, como trata as pessoas que ama, como reage ao dinheiro, ao fracasso e à humilhação, e quais escolhas revelam seu caráter.

Lembre-se! A teoria serve para dar nomes ao que percebemos intuitivamente na literatura.

E, sobretudo, não tente criar uma personagem “forte” desde o primeiro momento. Tente criar uma pessoa que você consiga compreender profundamente. Quando o escritor conhece as contradições de uma personagem, suas pequenas vergonhas, seus desejos secretos, suas justificativas e seus limites, a força costuma aparecer naturalmente.

No fundo, criar uma personagem marcante é fazer com que o leitor chegue a um ponto em que consiga pensar:

“Eu jamais faria o que ela fez.”

E, logo depois:

“Mas eu entendo perfeitamente por que ela fez.”

Nos encontraremos na próxima edição para nos aprofundarmos ainda mais na criação de personagens que vão fazer seus leitores te seguirem pelo resto da vida de verdade.

Aguardo vocês!

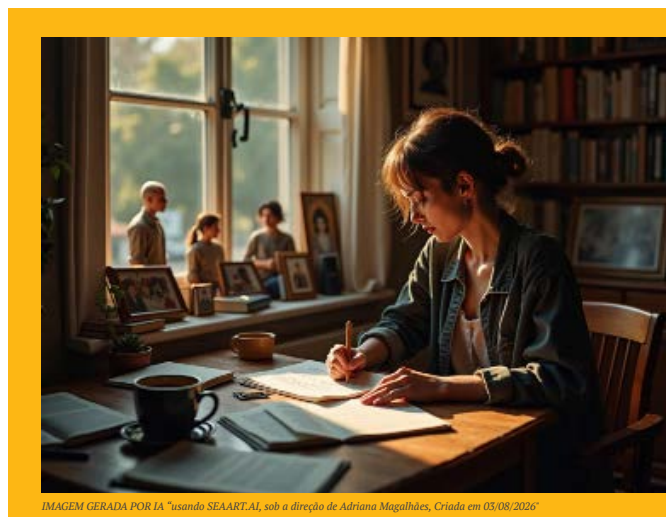


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LILIAN STOCCO



OLUNAS E COLONISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





31



Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

Bandeiras, hinos e desfiles: a história dos rituais cívicos na escola

*O Hino Nacional Brasileiro prova que a emoção da fruição ensina o coração;
antes mesmo da compreensão da razão.*
Leonardo Brelaz



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Escrever sobre símbolos é escrever sobre memórias afetivas, pertencimento, reconhecimento. Olhar meu sobrinho chorar após a eliminação do Brasil da Copa de 2026, é reconhecer que os símbolos ensinados no âmbito escolar cumprem seu papel. Ouço todos os dias aqui no quintal de casa na escola que fica na outra rua, as crianças cantarem o hino. É a mesma melodia, no mesmo horário. Primeiro vem o chiado do microfone, depois o coro

das crianças, meio desafiado, mas firme. O som atravessa o muro e me alcança no meio das tarefas de casa. Por alguns segundos paro tudo. E não é só o hino nacional. Em época de Copa do Mundo acontece a mesma coisa, só que mais alto. A música toca na TV, no rádio do vizinho, no carro que passa com bandeira na janela. E todo mundo para, canta junto, põe a mão no peito. Gente que nem se conhece vira "nós" por 90 minutos.

É curioso pensar nisso. O hino da escola e o hino da Copa têm o mesmo simbolismo. Os dois servem pra dar arrepio, pra lembrar quem a gente é e de onde veio. Um foi feito pra formar cidadão dentro do pátio. O outro foi feito pra formar torcida dentro do estádio e nas ruas. Nos dois casos o objetivo é o mesmo: criar sentimento de pertencimento, de "nós somos um só país", mesmo quando o país está dividido em tudo o mais. Na hora em que ouço, volto pra minha infância: todo mundo em fila no pátio, uniforme alinhado, esperando o hasteamento da bandeira. Parávamos, ficávamos em silêncio e cantávamos juntos. Era tudo muito rígido. Os alunos em fila, por tamanho ou por sexo, todos uniformizados. Na hora do hino, postura firme, igualzinho a comportamento militar. Nada de bagunça. Nem entendia direito o porquê na época, mas hoje vejo que aquilo dizia muito sobre o Brasil. A história dos rituais cívicos nas escolas brasileiras mostra como a política do país foi mudando. Essas cerimônias sempre serviram pra duas coisas: criar uma identidade nacional e também controlar um pouco o comportamento das pessoas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

No começo do século XX, hastear a bandeira e cantar o hino na escola não era só tradição. Era política mesmo. O Estado usava isso pra espalhar os símbolos da República e fazer todo mundo se sentir parte do mesmo Brasil. Sem adentrar muito em pormenores, observando a história política do país, pode-se apontar três motivos principais pra essa preocupação do governo na época:

1. O Brasil recém tinha se tornado República em 1889: Então era tudo muito novo ainda. O governo precisava tirar o peso da monarquia e fazer os símbolos republicanos pegarem. Bandeira verde e amarela, lema "Ordem e Progresso".

Tudo isso tinha que entrar na cabeça das pessoas.

2. O país era muito grande e dividido: Com um território enorme e cada região puxando muito pro seu lado. Os rituais na escola serviam pra criar esse sentimento de "somos todos brasileiros", pra enfraquecer regionalismo e manter o país unido.

3. A escola virou ferramenta do Estado: Era onde eles conseguiam pegar a criança todo dia e ensinar do zero. Com a matéria de Instrução Cívica e os rituais diários, a ideia era formar o "bom cidadão": disciplinado, trabalhador, obediente e patriota.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

E tinha também a questão da imigração. No início do século XX entraram no país italianos, alemães, japoneses e outros. Muitas colônias mantinham a própria língua e costumes, e isso preocupava o governo. Pra "aportuguesar" esses filhos de imigrantes, a solução foi obrigar todo mundo a participar do hasteamento da bandeira e do hino. Assim o Estado garantia que a lealdade deles fosse com o Brasil, e não com o país de origem dos pais.

Bandeira e hino eram tratados quase como coisa sagrada. Errar a letra do hino ou tratar o pavilhão com descaso era visto como ofensa grave à pátria e podia até dar punição. No geral, os rituais cívicos na escola sempre serviram pra socializar politicamente. Eles passam valores de identidade e pertencimento, mas também mostram o quanto cada época era mais autoritária ou mais democrática. Às vezes era pura exaltação patriótica, outras vezes

abria espaço pra crítica social.

Mas tudo isso sofreu mudanças ao longo do tempo: na Primeira República e Era Vargas (1889–1945) houve a necessidade de criar uma identidade nova, diferente do Império. Então hino e desfile entraram na rotina da escola pra reforçar essa ideia de "brasilidade". Na Era Vargas, principalmente no Estado Novo, isso ficou ainda mais obrigatório.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Já na Ditadura Militar (1964–198) a escola virou instrumento pra impor um nacionalismo ufanista e doutrinar os alunos. Hastear a bandeira todo dia e desfile de 7 de setembro viraram obrigatórios, sem discussão. Além disso, criaram disciplinas como Educação Moral e Cívica - EMC e OSPB pra passar valores de obediência, moral e civismo. Era também uma forma de combater ideias de esquerda e segurar os movimentos estudantis.

Com a redemocratização nos anos 1980 em diante e o fim da ditadura, essas práticas começaram a ser questionadas. Professores, pedagogos e movimentos sociais criticaram essa ligação entre civismo e submissão, e também o uso da escola como palanque do governo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Nos anos 1990 as matérias impostas pela ditadura foram perdendo força e depois acabaram. O foco mudou: em vez de só celebrar, passou-se a falar de direitos humanos, diversidade e formar cidadãos que pensam criticamente. E hoje, o que diz a lei?

Mesmo com todas as mudanças, a lei ainda garante o ensino dos símbolos pátrios. É obrigatório tocar o Hino Nacional nas escolas de ensino fundamental e trabalhar os símbolos oficiais: Bandeira, Hino, Armas e Selo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

O que fica quando o hino cala? No fim, a escola virou esse palco onde o Estado moldava identidade e comportamento ao mesmo tempo. E eu, como tanta gente, cresci vendo isso acontecer de perto. Achava que era só rotina. Hoje precisamos entender que era política, era história, era o Brasil tentando se inventar todos os dias. A diferença é que atualmente a ideia não é mais repetir sem pensar. É entender e interpretar esses símbolos. Perguntar: o que essa bandeira representa pra mim, para você? O que esse hino quer dizer agora, em 2026, num país tão diferente do de 1889? Talvez seja por isso que o hino ainda mexe comigo, com você. Porque ele carrega memória. Carrega infância, pátio, fila, medo de errar a letra. Carrega também Copa, estádio cheio, gente cantando junto mesmo sem se conhecer. E até hoje, quando o hino toca aqui na escola no fundo do meu quintal, ou quando a "canção da Copa" toca na TV, eu lembro. Emociono-me. E sou impulsionada a cantar junto. Não por obrigação. Mas porque, de algum jeito, cantar ainda é a forma mais simples que a gente encontrou de dizer: eu faço parte disso aqui.

Vejo flores verde, amarelas, azuis e brancas em você! Até à próxima!

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





27



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

O Ciclo da Vida e Morte Persa

Olá, querido leitor!

Seja bem-vindo a mais uma jornada pelas fascinantes trilhas da mitologia. Desta vez, convidado você a atravessar os portões da antiga Pérsia, onde vida e morte não eram vistas como opostos, mas como partes inseparáveis de uma mesma caminhada espiritual.

Ao longo dos meus anos de pesquisa sobre mitologias e religiões, percebi que praticamente todas as civilizações desenvolveram formas de honrar seus mortos, ex-

plicar o destino da alma e compreender o mistério da existência. Com os persas, não foi diferente. Eles construíram uma das visões mais profundas e simbólicas sobre o que acontece depois do último suspiro.

Então, se você, assim como eu, é apaixonado pelos mistérios do desconhecido, pelas antigas crenças e pelo sobrenatural, pegue sua bebida favorita, aconchegue-se e embarque comigo nesta viagem.

Boa leitura!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Como os Antigos Persas honravam os mortos

Antes de atravessarmos os portões do mundo dos mortos da antiga Persa. Vamos entender quem eram os grandes homens e mulheres que construíram essa civilização.

A antiga Persa era composta por grandes reis, exércitos monumentais e o poderoso Império Aquemênida, que se estendeu da Índia ao Egito durante os séculos VI e V a.C. Mesmo com todo esse poder e conquistas, os Persas era um povo profundamente ligado a espiritualidade. Cujas visões sobre a vida e a morte e o universo moldou umas das religiões mais antigas ainda práticas no mundo.

Os Persas pertenciam ao grupo dos povos iranianos, descendentes dos antigos indo-iranianos, um ramo das populações indo-europeias que por volta do segundo milênio antes de Cristo, migraram para o planalto iraniano e para o norte da Índia. Esses povos compartilhavam uma herança cultural comum, composta por uma língua semelhante, mitos parecidos e um rico conjunto de divindades ligadas às forças da natureza.

Foi dessa matriz cultural que nasceram tanto os antigos deuses da Índia Védica, quanto as primeiras crenças dos povos iranianos.

Divindades relacionadas ao céu, ao fogo, às águas, ao Sol e às leis cósmicas aparecem em ambas as culturas, revelando uma ancestralidade compartilhada.

Assim como em muitas culturas antigas, a religião e o cotidiano eram inseparáveis. A ordem da natureza, as estações, as colheitas e até o poder dos reis eram compreendidos como reflexos da harmonia entre o mundo humano e o espiritual.

Mais do que oferecer sacrifícios aos deuses, cabia ao ser humano escolher diariamente qual lado fortaleceria por meio de seus pensamentos, palavras e ações. Dessa ideia nasceu um dos princípios mais conhecidos da antiga Persa: *Bons pensamentos, boas palavras e boas ações.*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Essa visão de mundo acabou influenciando diversas tradições religiosas posteriores. Os conceitos como julgamento após a morte, céu, inferno, ressurreição final, livre-arbítrio, anjos e a batalha definitiva entre o bem e o mal ganharam

novos desenvolvimentos dentro da cultura Persa, e séculos depois, encontraram ecos no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.

Compreender essa transformação é essencial para entendermos

como os antigos persas enxergavam a morte. Para eles, morrer não significava um fim, mas o início de uma jornada espiritual em que cada escolha feita durante a vida determinaria o destino da alma.

Urvan (a alma) – O que sobrevive ao corpo

A compreensão da alma não se reduz a uma ideia simples de “espírito que abandona o corpo”. Ela é estruturada dentro de uma visão moral e cósmica muito mais complexa, na qual o ser humano é composto por diferentes níveis de existência que se separam no momento da morte.

A Urvan é aquilo que mais se aproxima daquilo que, em termos modernos, chamamos de alma. A Urvan é a consciência individual em sua dimensão ética: é ela que pensa, escolhe, julga e, sobretudo, carrega a responsabilidade moral por todas as ações realizadas em vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Contudo, dentro da tradição Persa, existe também o Fravashi, uma entidade espiritual mais antiga e complexa, interpretada como uma espécie de guardião ou princípio orientador. Diferente da Urvan, o Fravashi não está restrito à experiência terrena individual; ele atua como uma força de proteção e alinhamento com a ordem cósmica, acompanhando o destino do ser humano antes, durante e depois da vida física. Em algumas interpretações, ele funciona quase como um modelo ideal da existência, aquilo que guia a alma em direção ao equilíbrio.

Por fim, há o Tanu, que corresponde ao corpo físico, a matéria que abriga a experiência humana no mundo concreto. É ele que permite a ação, a vivência e a manifestação das escolhas da Urvan no plano material.

Quando a morte ocorre, essa tríade se desfaz.

O Tanu retorna à matéria, enquanto a Urvan inicia sua jornada espiritual, entrando em um processo de julgamento e transição que definirá seu destino nos pós-vida.

Nesse momento, a existência deixa de ser física e passa a ser atravessada por uma avaliação moral profunda, na qual cada escolha feita em vida ganha peso e consequência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Um dos aspectos mais fascinantes da cultura Persa é que a morte não representa uma passagem instantânea para o além. Entre o último suspiro e o julgamento da alma existe um período de transição cuidadosamente descrito pelos textos sagrados, revelando que o fim da vida terrena é entendido como um processo, e não como um único acontecimento.

Segundo a tradição, após a morte, o Urvan não parte imediatamente para o seu destino. Durante três dias e três noites, a alma permanece próxima ao corpo, em um estado de espera que marca a separação gradual entre o mundo material e espiritual. Esse intervalo possui profundo significado religioso e simbólico, pois representa o momento em que a

existência terrena chega definitivamente ao fim, enquanto a jornada espiritual ainda está prestes a começar.

Nesse período, acredita-se que a alma contempla a própria vida. Não se trata de um julgamento, mas de um tempo de consciência e reflexão, no qual todas as escolhas realizadas durante a existência tornam-se plenamente evidentes, cada pensamento, palavra e ação ganha um novo peso diante da verdade, reforçando um dos princípios centrais do zoroastrismo: **a responsabilidade é individual**. Nada pode ser ocultado ou esquecido, pois a própria alma reconhece o caminho que construiu ao longo da vida.

Mesmo conhecendo a lenda dos três dias e mitologias mais recentes, na mitologia Persa, ela necessariamente, não corresponde a ressurreição, nem a um estado de inconsciência semelhante ao chamado “sono eterno”. Trata-se de um estado liminar: a alma já não pertence plenamente ao mundo dos vivos, mas ainda não ingressou na realidade definitiva do além, nesse

período ela está sendo “preparada” para o encontro com a justiça divina.

É somente no amanhecer do quarto dia que, Urvan inicia sua caminhada em direção à Ponte Chinvat, onde enfrentará o julgamento que decidirá o rumo da existência após a morte. O tempo da reflexão termina, e começa o tempo da verdade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

A Ponte Chinvat - O ponto sem retorno

Seu nome deriva do avéstico Činvat Peretu, geralmente traduzido como "Ponte da Separação", "Ponte da Decisão" ou "Ponte do Julgamento". Ela marca a fronteira definitiva entre o mundo material (getig) e o mundo espiritual (menog). Depois desse ponto, não existe retorno à existência terrena.

Dentro da cosmologia Per-

sa, A Ponte Chinvat Representa a própria justiça do universo.

Por isso, quando a alma chega à ponte, ela não enfrenta um julgamento baseado em favoritismo divino, emoções ou misericórdia arbitrária. O que acontece é algo muito mais profundo: a própria realidade espiritual responde àquilo que aquela pessoa se tornou.



A Chivant pode ser descrita como um espelho da existência, ela revela a verdadeira condição moral da alma.

“Aqui abrindo um parêntese, e parafraseando a cantora Pitty, em sua música 8 ou 80, ela canta a seguinte frase”

*“Todo mundo tem segredo
Que não conta nem pra si mesmo
Todo mundo tem receio
Do que vê diante do espelho”*

Na minha percepção a cantora captou bem essa essência Persa, pois no momento da morte, segundo os Persas, veremos refletido no espelho a mais profunda moral humana, a sua mais pura essência, para alguns orgulho, para outros um medo do que está por vim na eternidade.

De acordo com as tradições Persa, a ponte ela é moldada de acordo com que a atravessa, ou seja, tudo vai depender de como a

pessoa levou a sua vida.

Para quem viveu praticando a bondade e tendo bons pensamentos, fazendo bem, sem olhar a quem, a ponte torna-se ampla, firme e iluminada.

Em algumas descrições dos textos Pahlavi, ela chega a ser larga como uma estrada ou um amplo boulevard, simbolizando que a própria vida virtuosa construiu um caminho seguro.

Já para quem escolheu alimentar a mentira, a violência, a ganância e a injustiça, a ponte torna-se extremamente estreita. Alguns escritos a descrevem como fina igual o fio de uma navalha. Cada passo se torna instável e a escuridão aumenta, fazendo com que o medo domine a alma que por ali tenha que atravessar.

O julgamento não é uma sentença, é um reflexo das escolhas feitas em vida.

No imaginário moderno, costuma-se imaginar um deus sentado em um trono distribuindo recompensas e punições, a mitologia Persa propõe a lógica de que o que condena ou salva é as ações das pessoas em vida.

Nessa realidade, independe daquilo que acredita ou o que a prega.

É as ações que vão ser levadas em conta. São elas que vão te guiar por um caminho de estrada larga e florida, ou pelo vale das sombras, e não adianta achar que não temer vai te salvar....

Na cosmologia Persa, não vai adiantar pedir perdão em seu leito de morte ou se arrepender do mal que fez, pois inevitavelmente sua vida passara em um telão e você atravessará a ponte de acordo como viveu sua e vida e as escolhas que tomou.

E ao final da ponte a alma encontra Daena que não é nada mais nada menos que o próprio reflexo das ações da pessoa em vida.

No conceito Zoroastrismo, a alma encontra a própria Daena. Se você foi uma boa pessoa e praticou o bem, o seu reflexo será de uma alma iluminada, quase um anjo de perfeição, mas se você praticou o mal, o seu reflexo será decrepito como um corpo em decomposição.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Rituais sagrados

Segundo a tradição persa, a morte marcava o início de uma série de rituais destinados não apenas a honrar o falecido, mas também a preservar a ordem cósmica.

Um dos mais importantes era o **Sagdid**, no qual um cão era conduzido até o corpo. Acreditava-se que seu olhar possuía o poder de afastar e purificar a influência de **Nasu**, o espírito da decomposição e da impureza, impedindo que sua corrupção se espalhasse pelo ambiente.

Para os persas, o corpo, após a morte, deixava de ser apenas um invólucro da alma e podia contaminar os elementos sagrados da criação. Por esse motivo, ele não era enterrado, cremado ou lançado às águas,

pois terra, fogo e água eram considerados puros e não deveriam ser maculados pela morte.

Em vez disso, o corpo era levado ao alto das montanhas, nas chamadas **Torres do Silêncio**, onde ficava exposto às aves de rapina até que restassem apenas os ossos. Posteriormente, esses ossos eram recolhidos e depositados em um ossuário. Dessa forma, o ciclo da vida se completava sem romper o equilíbrio entre o mundo material e o sagrado.

Assim, para os antigos persas, a morte não representava um fim, mas a continuidade de um ciclo em que a natureza, a espiritualidade e a ordem do universo permaneciam em perfeita harmonia.

LADYLENE APARECIDA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



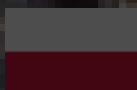
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública. Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Membro da Academia Tauaense de Letras (ATL), é autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar* e coautora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard* e do Jornal *The Bard News*.

A travessia do poema: da emoção à linguagem



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de JB Wolff, Criada em 28/08/2025"

N a edição anterior, refletimos sobre o nascimento do poema, esse instante quase invisível em que o sentimento encontra sua primeira forma. Mas, se o poema nasce daquilo que transborda, ele não se completa apenas na emoção. Há um caminho entre o sentir e o dizer. E é nessa travessia que habita o verdadeiro trabalho do/a poeta. Escrever um poema não é apenas expressar o que se sente, mas escolher como esse sentimento será apresentado ao mundo. Cada palavra carrega uma emoção, um peso, um ritmo, uma intenção.

A inspiração acende a chama, mas é o trabalho que mantém o fogo aceso. Revisar um poema não é trair sua essência, mas lapidá-la. É permitir que o texto se

aproxime daquilo que ele deseja ser. Há versos que pedem tempo, há imagens que amadurecem, há palavras que precisam ser substituídas para que o sentido respire com mais clareza. Nesse processo, o/a poeta também aprende a escutar. Escutar o ritmo do próprio texto, perceber onde ele tropeça, onde flui, onde silencia. A musicalidade não está apenas nas rimas, mas na cadência interna que conduz o/a leitor/a.

Outro aspecto fundamental é a escolha das imagens. A poesia se constrói muito mais pelo que sugere do que pelo que explica. Uma boa metáfora não apenas descreve, ela revela. Ela abre caminhos de interpretação, convida o leitor a participar da criação do sentido.

Assim, o poema deixa de ser apenas uma expressão individual e se transforma em experiência compartilhada. O/A leitor/a não apenas lê, ele sente, reconhece, completa. Escrever poesia, portanto, é equilibrar sensibilidade e consciência. Se o poema nasce do coração, ele toca a alma de quem lê e permanece. E assim, a beleza poética reside na capacidade de transformar algo íntimo, em algo que pertence a todos.

Para dialogar com esta reflexão, apresentamos um fragmento da obra de Manoel de Barros, cuja escrita é

um convite constante à reinvenção da linguagem e ao olhar sensível sobre o mundo:

“Uso a palavra para compor meus silêncios.”

Nesse verso, aparentemente simples, habita uma das maiores lições do fazer poético: a de que escrever não é apenas dizer, mas também saber o que não dizer. Manoel de Barros nos ensina que a palavra, quando bem escolhida, não preenche, ela abre. Não encerra, sugere. Não explica, revela. Sua poesia nasce do quase invisível,

do que muitos não veem. E é justamente aí que se encontra sua grandeza: na capacidade de transformar o insignificante em linguagem carregada de sentido. Há, em sua obra, um exercício contínuo de escuta da natureza, do silêncio, das coisas pequenas que dialoga profundamente com o processo de construção do poema. Ler Manoel de Barros é, portanto, aprender que a poesia não está no excesso, mas na precisão. E que, muitas vezes, é no silêncio que a linguagem encontra sua forma mais profunda de existir.

O trabalho do poeta: da inspiração à construção do poema

Nesta edição propomos uma travessia coletiva e o/a convidamos a não apenas ler poesia, mas experimentá-la! E se o poema não fosse algo distante, reservado apenas aos que escrevem? E se ele já existisse dentro de você, esperando apenas um pequeno gesto para se revelar?

Antes de tudo, pause por um instante. Silencie...

Observe o seu entorno. Pode ser

o silêncio do seu quarto, o som distante de uma conversa, o vento atravessando uma janela, ou até mesmo o peso de um pensamento que insiste em permanecer. A poesia começa exatamente no que você percebe e sente.

Agora, tente transformar esse instante em palavras.

Não precisa ser perfeito, ter rimas e seguir regras. Apenas escreva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/08/2026"

Comece assim: “Hoje, algo em mim...” E continue.

Talvez nasça um verso ou apenas uma frase. Também pode ser que nada aconteça, e tudo bem! A poesia também habita o silêncio.

Agora, um segundo convite:

Escolha uma palavra que represente o seu dia. Apenas uma.

Pode ser: saudade, cansaço, esperança, espera, recomeço.

Com essa palavra, crie uma imagem.

Exemplo: “Cansaço é um céu que esqueceu de amanhecer.”

Percebe? Você não explicou o sentimento. Você o transformou.

Esse é o gesto poético.

Por fim, um desafio:

Complete o verso: “Guardo em mim...”

E deixe que sua própria história responda.

Não há certo ou errado. Há apenas o que é verdadeiro.

A poesia não exige técnica para co-

meçar, ela pede sentimento e presença.

Talvez você descubra que o poema não está tão distante quanto parecia. É provável que ele esteja exatamente nas palavras que você ainda não

escreveu.

E, quando perceber, você não estará apenas lendo poesia.

Estará fazendo parte dela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/08/2026"

Entre o sentir e o dizer, há um caminho delicado que transforma emoção em linguagem. É nesse espaço, feito de escolhas, silêncios e escuta, que o poema encontra sua forma mais profunda de existir. Nesta 39ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas, convidamos você a percorrer essa travessia não como mero espectador, mas como alguém que também pode habitar a palavra.

Mais do que reunir vozes, este encontro celebra o gesto poético como construção, partilha e descoberta. Cada texto aqui presente carrega não apenas a marca de quem escreve, mas a abertura necessária para que quem lê também se reconheça.

Que esta leitura seja, portanto, um convite: a perceber, a sentir e, sobretudo, a experimentar a poesia como algo vivo que nasce no íntimo, mas se realiza plenamente no encontro com o outro.

Gratidão por fazermos juntos esta travessia!

Abraços poéticos!

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

COLUNISTA EDNA LESSA

INSTAGRAM





EDNA LESSA

Cidade: Fortaleza

Estado: Ceará

País: Brasil



NAVEGAR

Quando sinto tua falta
Vou ao encontro do mar,
E me deixou abraçar pelas ondas
Que me ensinam a mergulhar fundo
Onde o amor se faz silêncio e sal

No céu, o sol pintado em crepúsculo
Anuncia a noite que nunca vem só
Traz consigo a lembrança do teu olhar
Farol que guia meu coração esperançado

Sou vela aberta ao vento do desejo
Barco que insiste em te procurar
Mesmo sem porto sigo navegando
Nas marés da saudade que o tempo não acalma

E quando o dia enfim amanhece
Sei que amar-te é seguir navegando
Sem bússola, sem porto,
Mas com o mar inteiro dentro de mim

O mar, imensidão que és tu
Onde aporta minha alma navegante

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





NICE VELOSO

Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil



NÃO TE DEMORES

Não te demores tanto, tanto
Amanhã talvez, demasiado tarde
O instante é deverasmente curto
Para quem supõe eternidade

Apressa-te que ainda sou canto
A minha voz chamo-a de realidade
Sofri, chorei um doce pranto
Mas amor só é bonito em liberdade

Não deixe ir o afeto, nem a lealdade
O tempo é flecha em movimento
foge de repente e corta o vento

Num breve olhar, um sol ardente
se desfaz em luz de repente
e no peito fica a saudade, semente.

INSTAGRAM



POST NO SITE





M^a LUCIA HADDAD

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: Rio de Janeiro

País: Brasil



INFÂNCIA

Minha infância não foi perfeita.
Mas tinha um jeito curioso de consertar os dias.

Bastava um quintal,
uma bola já meio murcha,
um pedaço de giz na calçada
e a tarde parecia não ter fim.

Naquele tempo, a gente voltava para casa
sem relógio no pulso,
só quando alguém chamava pelo nome.

Hoje, às vezes, encontro aquela criança
escondida no cheiro da terra depois da chuva
ou no barulho de uma janela abrindo cedo.

Ela me lembra,
sem dizer uma palavra,
que a vida já foi simples
e continua esperando
que eu me lembre disso.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



CASTELOS DE AREIA SOBRE FUNDAÇÕES DE VENTO

Mentira, ó tecelã hábil de ilusões douradas,
que bordas véus de seda sobre podridão,
és tu quem ergue palácios deslumbrantes
sobre alicerces feitos de fumaça e vaidade.

Não trazes marcas de crueldade visível,
penetras sorrateira como veneno doce,
disfarçada em sorrisos mansos e palavras macias
que acariciam os ouvidos antes de envenenar a alma.

És arquiteta de mundos que não existem,
que levantas paraísos de cartão pintado
que deslumbram os olhos incautos
até que a primeira chuva da verdade os dissolva.

Cada mentira carrega em seu ventre
uma pequena morte da confiança,
um fio arrancado do tecido sagrado
que une os corações humanos.

E quanto mais te alimentas, mais cresces,
como hera parasitária que envolve o tronco
até sufocar a árvore que lhe deu sustento
e a faz cair sobre o solo que antes a nutria.

Ó mentira, que te vistes de verdade
com tal maestria que até duvidas de ti mesma,
esquecendo que toda máscara
eventualmente adere à pele
e o rosto verdadeiro morre por baixo do disfarce.

Mas há uma verdade que não podes calar:
a luz do tempo tudo revela,
e o que foi construído sobre falsidade
jamais conhecerá a paz da autenticidade.

Que aprendamos a venerar a verdade nua,
mesmo quando ela fere como lâmina,
pois apenas na ferida honesta há cura,
enquanto na carícia da mentira há apenas putrefação.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



COROA QUE SE FORJA NA PRÓPRIA FORJA

Autoestima, ó chama sagrada que arde de dentro,
não emprestada dos olhos alheios como moeda frágil,
mas nascida no forno mais profundo da alma,
onde o fogo ninguém pode apagar nem acender.

Não te confundas com vaidade
que se mira no espelho,
pois és tu quem olha para dentro e encontra beleza
mesmo onde o mundo vê apenas imperfeição,
mesmo onde a voz dos outros sussurra
"não és suficiente".

És rainha coroada não por mãos estranhas,
mas pela própria consciência do próprio valor,
cetro forjado nas cicatrizes que a vida deixou,
manto tecido com os fios de cada batalha travada.

Quem te possui não curva a espinha
diante de ninguém,
mas também não se ergue sobre ombros alheios
conhece a própria altura sem precisar medir-se
pela régua defeituosa do julgamento exterior.

Há quem te busque nos aplausos dos outros,
como mendigo que faminto recorre a migalhas,
sem saber que és fonte que jorra do interior,
poço que nunca seca quando se bebe
da própria essência.

Ó autoestima, que não nasces do que te disseram,
mas do que descobriste em silêncio sobre ti mesmo,
quando finalmente olhaste para tua própria ferida
e viste ali não defeito, mas medalha de guerra.

Ensinas que o amor-próprio não é luxo de fortes,
mas necessidade de quem deseja caminhar ereto
sob o peso das tempestades que a vida impõe,
sabendo que mesmo caído, merece levantar-se.

Que sejas bendita, ó coroa invisível,
que ninguém pode conceder nem arrancar,
que brota do solo sagrado da aceitação
e floresce mesmo nos desertos do desprezo alheio.

INSTAGRAM



POST NO SITE





14



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel. Colunista da Revista Internacional The Bard e do Jornal The Bard News.

LUIZ GONZAGA NA VOZ DO ROUXINOL



Imagem de Google por NovaBrasil

A memória coletiva, não é estática, mas construída e reconstruída ao longo do tempo em interações sociais. Assim, a obra de Luiz Gonzaga, serviu não apenas para narrar, mas para solidificar e perpetuar a identidade cultural nordestina em um contexto nacional, demonstrando a capacidade da arte de interligar memórias e fortalecer representatividades.

A produção simbólica e o legado de “Gonzagão” é patrimônio cultural imaterial da cultura brasileira. A importância de Luiz Gonzaga está na sua ousadia em cantar a realidade sertaneja, com todas as suas especificidades: o sotaque, a sanfona, as letras que falavam da dura rea-

lidade do sertão, aliadas às críticas emitidas, fizeram com que o ritmo diferente levado a todas as regiões fosse visto com simpatia, pelos nordestinos e seus descendentes.

A identidade cultural expressa, manifesta e proporcionou a Luiz Gonzaga ser um agente mediador cultural apresentando a cultura sertaneja até então pouco conhecida e difundida. Pode-se afirmar que Luiz Gonzaga foi o grande desbravador responsável pela disseminação da cultura nordestina e sertaneja. O legado do “Rei do Baião”, ritmo utilizado por Luiz Gonzaga para a elaboração de suas melodias, era recheado de expressões culturais e sotaques específicos do sertão.



IMAGEM GERADA POR IA "sumio SEAART AI, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 26/07/2026"

Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caiçara, em Exu, Sertão de Pernambuco, no dia 13 de dezembro de 1912. Filho de Januário José dos Santos, o mestre Januário, "sanfoneiro de 8 baixos", e de Ana Batista de Jesus.

Desde criança, trabalhava na roça com o pai e prestava serviços aos fazendeiros da região, mas em tanto observar o pai tocando a sanfona que logo aprendeu a tocá-la e começou a animar as festas da região. Aos 13 anos, com o dinheiro que ganhou, comprou a sua primeira sanfona e começou a tocar em casamentos, quando sentiu que o seu destino era a música. Aprendeu a ler, escrever e falar corretamente com as filhas do Coronel Manuel Aires de Alencar, seu protetor.

Por causa de um namoro proibido, aos 17 anos, deixou sua casa para ir a uma festa no Crato, no Ceará. Entre-

tanto, em busca de uma vida melhor, foi para Fortaleza quando ingressou no Exército, tornando-se o corneteiro da tropa. Viajou pelo Brasil, na Revolução de 30, mas em 1933, servindo em Minas Gerais, mandou fazer uma sanfona e teve aulas com o famoso sanfoneiro de Minas, Domingos Ambrósio, pois a corneta, o impediu de entrar na orquestra do quartel, pelo fato de não conhecer a escala musical.

Luiz Gonzaga deixou o exército, em 1939 e enquanto esperava o navio para retornar à Pernambuco, ficou no Batalhão de Guardas no Rio de Janeiro, quando foi aconselhado a tocar na cidade para ganhar dinheiro. Assim, passou a tocar em bares, docas do porto, nas ruas, em cabarés, cujo repertório exigido pelo público era tangos, fados, valsas etc. e estes ritmos o fez participar de um programa de calouros de Silvino Neto e Ary Barroso, no rádio, mas, não obteve sucesso.



Imagem de Google por Carta Capital

“

A VERDADEIRA RIQUEZA ESTÁ NA CULTURA, NA FAMÍLIA E NOS VALORES QUE CARREGAMOS.

”

Em 1940, participou de um programa de calouros do rádio, obtendo o primeiro lugar, com músicas de sanfoneiros do sertão nordestino. Daí por diante, Luiz Gonzaga começa uma carreira de sucessos. Fez carreira no rádio e começou a luta para cantar e gravar as músicas nordestinas, como solista de sanfona e com parcerias. Entretanto, em 1945 gravou seu primeiro disco como sanfoneiro e cantor com a música Dança Mariquinha.

Luiz Gonzaga voltou para a terra natal, após longos anos. Se apresentou em vários programas de rádio, sempre vestido com um gibão de couro, chapéu de vaqueiro e óculos escuro. O seu sucesso não parou e passou a viajar para todo o país e em Paris, quando recebeu o prêmio “Nipper de Ouro” e dois discos de ouro com “Sanfoneiro Macho”. Lançou diversas músicas com versos carregados de modismos nordestinos e acompanhadas pela sanfona, triângulo e zabumba.

LUIZ GONZAGA: ASA BRANCA



Entre as músicas, “Asa Branca” foi a primeira música que alcançou um dos maiores sucessos, lançada em 1947, com letra de Humberto Teixeira e música de Luiz Gonzaga. A música retrata o sofrimento do povo do Sertão do Nordeste brasileiro diante da seca que assolava a região e é considerada o “Hino sertanejo” e o nome “Asa Branca” vem de uma ave que possui natureza migratória e consegue voar a longas distâncias e altitudes.

Sobre a família, Luiz Gonzaga teve um relacionamento com a cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos, que já se encontrava

grávida, nasceu Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha), reconhecido por Gonzaga como filho. Quando Gonzaguinha tinha dois anos, sua mãe faleceu. Em 1948, Luiz Gonzaga casou-se com a pernambucana Helena Neves Cavalcanti e juntos, criaram Gonzaguinha e adotaram a menina Rosa Gonzaga.

Luiz Gonzaga lutou contra um câncer por seis anos e em 02 de agosto de 1989, bastante debilitado, faleceu de parada cardíaca e sepultado em Exú, sua terra natal. Recebeu várias homenagens em todo o país.

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026”



Na Literatura de Cordel, muitos poetas populares abordam em seus versos, a vida e as obras de Luiz Gonzaga, não apenas como músico, mas como um grande embaixador da cultura sertaneja.

Dentre os vários Poetas que escreveram sobre Luiz Gonzaga, o Poeta “Rouxinol do Rinaré”, pseudônimo de Antônio Carlos da Silva, é um dos maiores nomes da Literatura de Cordel no Brasil, cujos folhetos mais conhecidos, destacam-se: “Luiz Gonzaga, o Rei do Baião”, “Asa-Branca: 70 anos de sucesso!” e a outras obras que relacionam Luiz Gonzaga com outros ícones da música, como o folheto “Raulzito & Gonzagão”.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026”

O Poeta Rouxinol do Rinaré nasceu em 28 de setembro de 1966, no distrito Rinaré, na zona sul do município de Banabuiú – Ceará. O nome literário surgiu em 1999, como auto-denominação, uma homenagem ao lugar rural onde nasceu e ao pássaro canoro, madrugador que, fazia seu ninho nas frechais da casa de sua infância, despertando no Poeta, o seu canto. Assim, passou a assinar seus primeiros versos de cordéis.

Sua produção consiste em mais de 80 títulos publicados em cordel, 30 livros infantis e juvenis. Muitas de suas obras são adotadas em projetos de

educação em escolas públicas e particulares. Além das diversas homenagens e premiações recebidas, sua obra é citada em mais de 10 trabalhos acadêmicos (monografias e teses de doutorado) e em revistas no Brasil e na França. Rouxinol do Rinaré também atua como revisor, editor e ministrante de oficinas de Literatura de Cordel. Já reconhecido, Rouxinol conquistou dois prêmios nacionais em concursos de literatura de cordel e o “Prêmio Alberto Porfírio de Literatura de Cordel Inédita” (CE). Tem sua produção presente em várias antologias, dentre elas, Cordel Canta Patativa e CAOS Portátil: um almanaque de contos.

CORDEL, SANFONA E VIOLA: ROUXINOL DO RINARÉ



ASSISTIR AO VÍDEO

O Poeta Rouxinol do Rinaré escreveu o folheto de cordel “Luiz Gonzaga, o Rei do Baião: a voz que canta o Nordeste”, em homenagem a trajetória, a vida e a obra de Luiz Gonzaga, exaltando suas contribuições para a música e a cultura popular brasileira.



O Poeta, além de escrever, ministra oficinas de literatura de cordel. No entanto, defende que o modo de fazer a estrutura narrativa é a mesma, mas o poeta tem que viver o seu tempo, tanto que também atua produzindo adaptações dos clássicos para a linguagem de cordel, a exemplo da adaptação feita da obra o Alienista de autoria do escritor brasileiro Machado de Assis. O Alienista em Cordel foi selecionado para as escolas de Belo Horizonte, Minas Gerais e, duas vezes, adotado em projetos da Bi-

blioteca Nacional, Rio de Janeiro. A obra de Rouxinol do Rinaré desperta olhares da academia e passa a ser estudada no meio universitário, tornando-se objeto de pesquisa, ampliando deste modo sua fortuna crítica.

No Programa “Cordel, Sanfona e Viola” exibido pela TV Câmara de Fortaleza, em 01/06/2025, O Poeta Rouxinol de Rinaré fala sobre a cultura popular e a sua trajetória na Literatura de Cordel.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026"

GONZAGA, O REI DO BAIÃO - A VOZ QUE CANTA O NORDESTE

Luiz Gonzaga cantou
O Nordeste brasileiro,
Pra o nosso país inteiro
Os seus costumes mostrou
Sua história registrou
Da Bahia ao Maranhão
O famoso Gonzagão
Não esqueceu um Estado.
O Nordeste foi cantado
Na voz do Rei do Baião!
Lembrou o seu Bodocó,

Paraíba, Pernambuco,
Cabo, de Joaquim Nabuco,
De Sergipe e Maceió,
Paulo Afonso, Mossoró,
São Luís do Maranhão,
Ao Piauí fez menção
E ao meu Ceará amado.
O Nordeste foi cantado
Na voz do Rei do Baião!
[...]



Imagem de Google por Wikipedia

Em 2017, ocorreu a XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, quando o Poeta Roxinol do Rinaré lançou um cordel “Asa-Branca: Setenta Anos de Sucesso!”, em comemoração aos 70 anos da primeira gravação

em disco do baião “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, cuja toada se imortalizou e recebeu mais de quinhentas gravações diferentes em inglês e coreano, ultrapassando fronteiras:



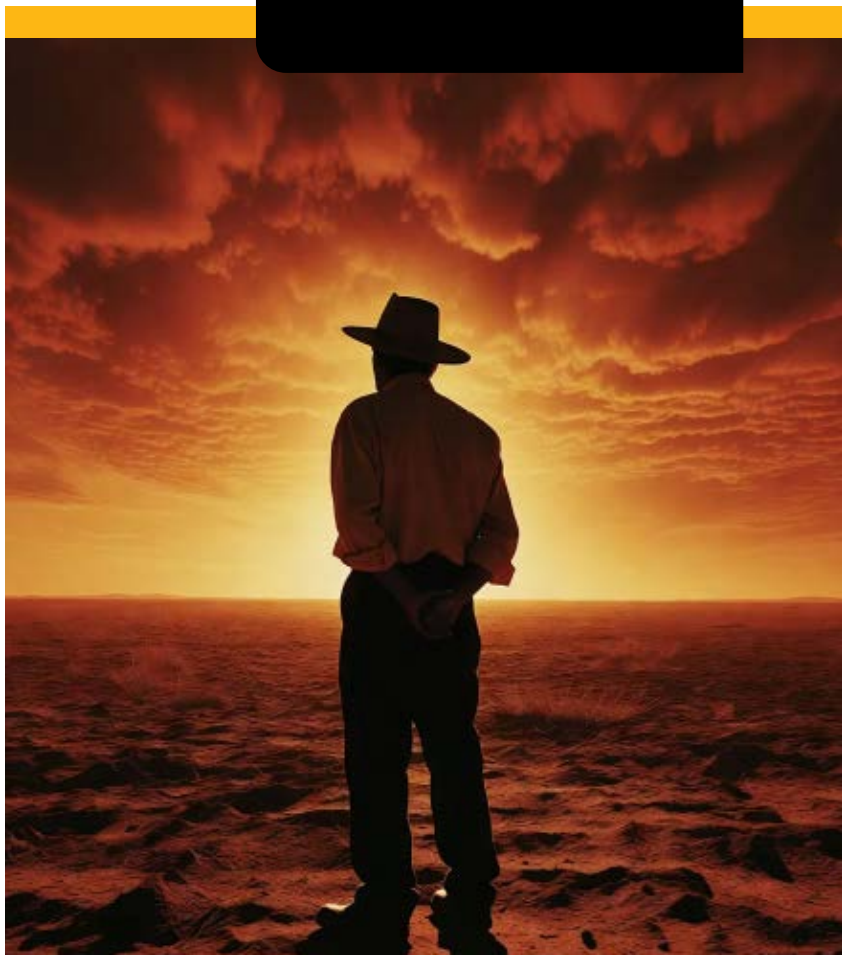
IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026"

O folheto de cordel “Asa-Branca: Setenta Anos de Sucesso!” foi escrito em décimas, em versos de sete sílabas, seguindo o esquema de rimas ABBAACCDDC e ilustrado pelo Mestre pernambucano Jô Oliveira.

Abaixo, o início do folheto de cordel:



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROMAI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 26/07/2026"



Quando oiei a terra ardendo
Quá fogueria de São João
Eu perguntei a Deus do Céu, ai
Pruque tamanha judiação

Qui nbraseiro, que fornaia
Nem um pé de plantação
Por farta d'água, perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guada contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva caí de novo
Pra mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus óios
Se espraiá na plantação
Eu te asseguro num chore não, viu?
Qui eu vortarei, viu, meu coração.

Asa-Branca: 70 anos de sucesso! Rouxinol do Rinaré

Para falar de Luiz
Gonzaga do Nascimento
Peço a Deus, neste momento,
Que me sobre a diretriz
E uma inspiração feliz
Dos seus profundos arcanos
Para que os gonzaguianos
Batam palmas, toquem sino,
Pra Asa-branca, nosso hino,
Que já faz setenta anos!

Ao som que Luiz arranca
Da sanfona choradeira
O grande Humberto Teixeira
Cria a canção Asa-branca
Por isso ninguém desbanca
Esses gênios soberanos
Ausentes entre os humanos,
Presentes junto ao Divino
E Asa-branca, nosso hino,
Completo setenta anos!

[...]



BETH BALTAR

CONHEÇAM O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

11



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Histórias que Transformam, Libertam e Encantam



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

Sejam todos bem-vindos! É uma imensa satisfação recebê-los nesta 39ª edição da Revista Internacional The Bar para juntos unirmos nossos olhares literários e alcançarmos outros mundos através da coluna "Vai um Livro Aí?".

Convido-os a viver e sentir em cada universo literário, pois as aventuras mágicas e lúdicas são transformadoras quando nos permitimos navegar profundamente de "olho e alma".

E você, leitor, nesta edição vai ter uma experiência única, pois as obras indicadas são pérolas bastante conhecidas, porém, muitas

vezes negligenciadas nas prateleiras.

Para inaugurar esta jornada, selecionamos "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga. É uma das maiores obras clássicas da literatura infantojuvenil brasileira. Uma obra leve, cheia de questionamentos típicos da infância, com a presença da simbologia da bolsa criada pela autora, que aborda temas sobre companheirismo, liberdade e infância. Vale ressaltar que a obra foi escrita durante o período da Ditadura Militar, por isso encontramos a sutil e revolucionária temática de liberdade para a época.

Para encerrar com delicadeza e magia, trazemos “Peter Pan”, de James M. Barrie. Uma obra escrita por um autor escocês, gerada de uma grande e triste tragédia familiar: a morte de seu irmão mais velho. Em 1911, tornou-se oficialmente um romance; antes disso, teve outros formatos de publicações, como peça teatral. Os direitos autorais do livro foram doados pelo autor para o Great Ormond Street Hospital, um famoso hospital infantil de Londres, que até hoje continua recebendo os lucros gerados em todo o mundo.

Portanto, continuemos juntos por aqui e conheçamos mais desses universos literários. Sigamos!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/08/2026"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

INSTAGRAM

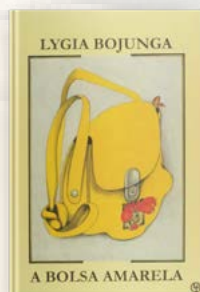


POST NO SITE



LIVRO: A BOLSA AMARELA

AUTORA: LYGIA BOJUNGA



CLICK AQUI

Quantas vezes nos perdemos de nós mesmos por não sabermos o que fazer com os nossos próprios desejos? É com essa provocação que convido vocês, leitores de todas as idades, a descobrirem uma obra prima da nossa literatura: "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga. Este romance, tão celebrado, acompanha a jornada de uma menina chamada Raquel, que entra em um profundo confronto consigo mesma e com sua família ao tentar reprimir aquilo que mais pulsa em seu peito. A narrativa nos faz lembrar que o que parece simples para o mundo externo pode ser um verdadeiro oceano de complexidade em nosso universo interior.

A trama gira em torno dos questionamentos dessa jovem protagonista e de suas três grandes vontades. O mais fascinante é que não se trata de desejos superficiais ou visíveis aos olhos da sociedade, como a simples vontade de tomar um sorvete, mas sim de anseios profundos, daqueles que nos enredam e nos transformam por dentro. Bem... se eu revelar quais são essas vontades, roubaria de vocês o prazer da descoberta. Então, nada de spoilers!

A genialidade de Lygia Bojunga está em fazer a mágica acontecer através de uma linguagem deliciosamente simples, porém cirúrgica e lapidada, dividida em capítulos temáticos. A autora transforma a ideia de esconder desejos dentro de uma bolsa amarela em uma belíssima metáfora sobre a infância. A obra mergulha na delicada realidade de que, muitas vezes, as vontades de uma criança são silenciadas no ambiente familiar. No dia a dia da personagem, revelam-se a sua sensibilidade e a sua imaginação transbordante, cercada de amigos, utopias e segredos.

Aparentemente, pode parecer uma história leve, recheada de brincadeiras e pureza infantil. No entanto, "A Bolsa Amarela" é, na verdade, uma imersão espiritual capaz de ecoar no mundo de qualquer um de nós. É um espelho que nos faz refletir sobre as nossas próprias verdades e fantasias, conduzindo-nos rumo à autoafirmação pessoal.

Vale muito a pena o mergulho. E então, vamos juntos descobrir quais são os segredos que estão guardados nessa bolsa?

POST NO SITE



LIVRO: PETER PAN

AUTOR: JAMES M. BARRIE



CLICK AQUI

Quem nunca teve medo de crescer? Afinal, a infância é uma das fases mais inocentes e doces de nossas vidas. É exatamente sobre isso que Peter Pan nos convida a refletir. Mais do que uma obra bastante conhecida, este é um clássico atemporal que ultrapassa, e muito, a simples fantasia infantil. Navegando por um universo de fadas e piratas, a narrativa nos conduz de forma suave por reflexões sobre a inocência, a transição para a fase adulta e a nossa relutância em deixar a infância para trás.

Em suma, o romance nos apresenta Peter Pan, o icônico garotinho que se recusa a crescer. Ao longo da obra, acompanhamos os irmãos Wendy, João e Miguel Darling, que são transportados juntamente com ele para um lugar mágico chamado Terra do Nunca. É um mundo fascinante para o leitor, repleto de ficção, Meninos Perdidos, fadas e sereias, mas que, nas entrelinhas, transmite profundos aprendizados e experiências a quem ousa explorá-lo.

Não poderia deixar de destacar a vocês, queridos leitores, a linguagem acessível, cativante e poética de J. M. Barrie. Há uma melancolia deliciosa e uma nostalgia latente que nos encantam em cada página e em cada diálogo. É por isso que o romance é indicado para todas as idades, contemplando vários níveis de leitura. Enquanto a criança absorve o universo lúdico e cheio de aventuras, o adulto capta as críticas sutis à sociedade vitoriana, percebendo como a obra aborda o abandono e a solidão de forma tão delicada.

No fundo, é mais uma belíssima história sobre o amadurecer humano. Prepare-se para se emocionar e extrair reflexões diversas, pois o livro guarda surpresas instigantes que você não vai querer perder.

E então... vamos voar para a Terra do Nunca e descobrir coisas novas?

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





05



MIA KODA



Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo “Rios Internos – Deixe sua essência fluir” sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

OS LUGARES ONDE ESCONDEMOS AS LÁGRIMAS

Chorar talvez seja uma das experiências mais humanas e, ao mesmo tempo, uma das mais mal compreendidas. Vivemos em uma cultura que costuma associar as lágrimas à fragilidade, ao descontrole ou à incapacidade de suportar a vida com maturidade, como se nossa força estivesse sempre na contenção e nunca no transbordamento.

Desde cedo, muitos de nós aprendemos a esconder o choro, a engolir o que dói, a pedir desculpas pelo excesso de sensibilidade, como se sentir demais fosse uma falha de caráter e não um modo legítimo de estar no mundo. No entanto, há algo profundamente sábio nas lágrimas, porque elas surgem justamente quando as palavras já não conseguem sustentar sozinhas o peso do que vivemos. Talvez seja por isso que, em tantos momentos, choramos sem saber exatamente o motivo.

Nem toda lágrima pertence apenas ao presente; algumas carregam consigo camadas de

experiências antigas, frustrações esquecidas, tristezas que nunca foram realmente elaboradas e memórias que, mesmo silenciadas, continuam vivas em regiões profundas da alma. O que não foi acolhido, nomeado ou compreendido encontra, por vezes, no corpo uma linguagem alternativa para se manifestar. E as lágrimas, nesse sentido, deixam de ser apenas um sinal de dor imediata para se tornarem uma espécie de testemunho daquilo que ainda pede escuta, cuidado e espaço dentro de nós.

É sobre essa compreensão do que nos leva a esconder as lágrimas que conversaremos nesta edição, pois talvez, se compreendêssemos melhor o choro, não o trataríamos como fraqueza, mas como uma das formas mais honestas de sobrevivência emocional.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART. AI, sob a direção de Tânia Lavinio, Criada em 25/07/2024".

CADERNO DE RECOMEÇOS

Quem nunca chorou no banheiro para que ninguém visse? Em silêncio, com a mão na boca, como se a dor precisasse pedir desculpas por existir.

O ano era 2005. Eu estava desempregada, morava de aluguel com minha filha pequena e mal conseguia garantir o necessário para passar os dias. As contas chegavam com uma pontualidade cruel, enquanto a geladeira se esvaziava diante dos meus olhos. Eu fazia cálculos, adiava pagamentos, inventava soluções, mas havia momentos em que a realidade parecia maior e mais forte do que qualquer esforço. Sei que essa história não é apenas minha. Muitas mulheres já conheceram a angústia de olhar para os filhos e se perguntar,

em silêncio, como conseguirão suprir as necessidades da própria casa quando já não enxergam de onde virá o próximo recurso.

Certa vez, em um dos dias mais quentes e desesperançosos da minha vida, percebi que já não tinha forças para continuar fingindo que estava tudo bem. Durante o dia, eu me esforçava para permanecer firme. Não queria que minha filha percebesse o tamanho do meu desespero, porque acreditava que protegê-la significava esconder dela as minhas lágrimas. Quando ela finalmente adormeceu, entrei no banheiro, abri o chuveiro e, por alguns minutos, deixei de pensar até mesmo na conta de água que talvez eu não conseguisse pagar. Permaneci

ali, imóvel, enquanto a água escorria pelas minhas costas e se confundia com um choro profundo, silencioso e desesperado.

Naquele instante, já não havia espaço para palavras bem organizadas ou orações cuidadosamente formuladas. Restava apenas um coração cansado, derramando diante de Deus tudo aquilo que eu vinha tentando sustentar sozinha. Enquanto as lágrimas se misturavam à água, fiz a única oração que eu era capaz de fazer: um pedido sincero por socorro. Pedi que Deus me ajudasse. E Ele ajudou. Não da maneira imediata ou extraordinária que tantas vezes esperamos, mas abrindo caminhos onde, até então, eu só conseguia enxergar paredes.



IMAGEM GERADA POR IA "Imundo GRCO. AI, sob a direção de Tânia Lavina, Criada em 25/07/2024"

Hoje, quando volto àquela cena, compreendo que minhas lágrimas não falavam apenas da falta de dinheiro. A dificuldade financeira era real, concreta e urgente, mas havia uma dor muito mais antiga escondida dentro de mim. Enquanto eu chorava por causa das contas, também chorava pelo sentimento de não ter ninguém em quem me apoiar, pelo peso das responsabilidades que acreditava carregar sozinha e pelo medo de estar repetindo a história da qual sempre tentei escapar. Naquele banho, não era apenas a mulher desempregada que chorava; era também a criança que conheceu a insegurança, a escassez e o abandono emocional, tomada pelo temor de que sua filha precisasse passar pelas mesmas ausências que marcaram sua

própria infância.

Foi somente muitos anos depois que compreendi que, às vezes, as lágrimas começam no presente, mas pertencem ao passado. O acontecimento que nos faz chorar é apenas a superfície de uma dor mais profunda, que permaneceu silenciosa dentro de nós esperando a oportunidade de ser reconhecida. Naquela noite, Deus respondeu à minha oração de muitas maneiras, mas uma delas foi me permitir chorar. Aquele pranto não solucionou imediatamente os meus problemas, porém impediu que eu endurecesse diante deles. E, olhando para trás, percebo que foi justamente ali, entre a água do chuveiro e as lágrimas que eu escondia do mundo, que encontrei forças para continuar.

CARTOGRAFIA DA ALMA

As lágrimas são uma espécie de inteligência do corpo. Elas surgem quando a contenção se torna pesada demais, quando o peito já não consegue guardar o excesso de tristeza, medo, saudade ou frustração. O que não pôde ser dito, o que foi engolido para manter a compostura, o que se acumulou em silêncio, muitas vezes escapa pelos olhos. Não como espetáculo, mas como sobrevivência.

É curioso como fomos ensinados a conter o choro como se ele fosse sinal de fraqueza. “Engole o choro.” “Seja forte.” “Não faz drama.” Quantas vezes ouvimos isso cedo demais, justamente quando ainda estávamos aprendendo a existir dentro do próprio sentir? Aos poucos, passamos a associar lágrima à vergonha. Começamos a pedir desculpas por nos emocionarmos, como se a vulnerabilidade fosse um defeito de fabricação e não uma das expressões mais legítimas da nossa humanidade.

O choro não se limita a expressar uma emoção do momento. Muitas vezes, ele revela memórias, afetos e experiências que permanecem vivos em nós, mesmo quando já não conseguimos reconhecê-los conscientemente. Por isso, não é raro chorarmos sem saber exatamente por qual motivo. Não conscientemente. O presente aciona uma dor real, mas a intensidade das lágrimas pode revelar uma dor do passado. Talvez sejam frustrações antigas, tristezas mal enterradas, humilhações, abandonos, medos e carências que não desapareceram só porque foram empurrados para um lugar escuro e profundo. O que a mente chama de “esquecimento”, o inconsciente muitas vezes chama de permanência.

Há lembranças que não voltam como narrativa, mas como sensação. Não retornam em cenas nítidas, e sim em aperto no peito, em garganta fechada, em um cansaço que parece vir de longe, em lágrimas que chegam sem pedir licença. Como se a alma, cansada de ser ignorada, encontrasse no corpo um caminho para se fazer presente. O passado, quando não é elaborado, costuma vazar pelas bordas do presente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

Por isso, chorar pode ser um ato de reencontro. Um reencontro com aquilo que em nós foi deixado para trás, silenciado, minimizado ou apressado demais. A lágrima não é inimiga da lucidez; às vezes, ela é justamente o começo dela. Ela nos mostra que ainda há algo pedindo colo, escuta, resolução. Algo que não quer mais ser empurrado para debaixo do tapete da produtividade, da maturidade performática ou da falsa ideia de que superar é deixar de sentir.

E, no entanto, as lágrimas não pertencem apenas à dor. Há choros que nascem do alívio, da gratidão, da beleza, do amor, do orgulho, do assombro diante da vida. Há lágrimas que chegam quando um filho se forma, quando um diagnóstico não se confirma, quando uma oração antiga encontra resposta, quando sobrevivemos a uma fase que julgávamos insuportável. Essas são as lágrimas que gostamos mais, talvez porque nos devolvam uma infância luminosa: ficamos eufóricos, leves, quase saltitantes, como se o coração por alguns instantes voltasse a acreditar no milagre.

Ao longo da vida, chorei por muitos motivos. Chorei diante do luto, da saudade, da dor, da desesperança, do medo do futuro, da falta de amor e do cansaço de carregar responsabilidades que, por vezes, pareciam maiores do que eu. Mas as lágrimas também me encontraram nos dias luminosos, quando o amor transbordou, quando um sonho se realizou, quando senti orgulho de quem me tornei ou simplesmente quando percebi que, apesar das perdas, das cicatrizes e das travessias, a vida continuava oferecendo razões para seguir em frente. Com o tempo, compreendi que o choro não pertence apenas ao sofrimento. Ele também é a expressão daquilo que nos toca profundamente, seja pela dor ou pela beleza de estar vivo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

CRIAR-SE

Vivemos em um tempo que valoriza a produtividade até mesmo diante da dor. Espera-se que sofram depressa, que nos recuperemos rapidamente e que retornemos ao ritmo habitual como se a vida pudesse ser reorganizada por um cronograma. Nessa lógica, chorar parece um atraso, quando, na verdade, pode ser um ato de resistência. Ao permitir que a emoção encontre passagem, recusamos a violência de endurecer apenas para continuar funcionando. A alma não foi feita para permanecer estagnada, mas para mover-se, transformar-se e atravessar as próprias experiências. Quando esse fluxo é interrompido, aquilo que não encontra espaço para ser sentido muitas vezes procura outra linguagem, manifestan-

do-se no corpo como ansiedade, insônia, irritabilidade, exaustão ou um vazio difícil de explicar.

Se as lágrimas vierem, não as impeça. Elas podem nascer da tristeza, do medo, da saudade, do amor, do alívio, da gratidão, da realização de um sonho, da ausência de alguém ou, simplesmente, do acúmulo de tantos dias em que você precisou ser forte. Às vezes, basta uma cebola descascada para romper a barragem de emoções que há muito esperavam uma oportunidade para encontrar passagem.

Permita-se chorar sem pedir desculpas ao próprio coração.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

ALMA EM VERSOS

Florbela Espanca (1894–1930) foi uma das vozes mais intensas da poesia portuguesa. Em Lágrimas Ocultas, ela transforma a dor em linguagem e nos lembra que as lágrimas também são uma forma de existir.

*Se me ponho a cismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era querida,
Parece-me que foi noutras esferas,
Parece-me que foi numa outra vida...*

*E a minha triste boca dolorida,
Que dantes tinha o rir das primaveras,
Esbate as linhas graves e severas
E cai num abandono de esquecida!*

*E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...*

*E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as vê brotar dentro da alma!
Ninguém as vê cair dentro de mim!*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

HISTÓRIAS QUE ESCOLHO

Algumas obras nos ajudam a compreender que o sofrimento não precisa ser eliminado às pressas, mas acolhido como parte da experiência humana. Elas nos lembram de que a sensibilidade não é um excesso a ser corrigido, mas uma forma profunda de nos relacionarmos com a vida, com os outros e conosco.

Filme: *Divertida Mente* (Inside Out, dirigido por Pete Docter, 2015)

À primeira vista, pode parecer apenas uma animação infantil. No entanto, o filme oferece uma das reflexões mais delicadas sobre a vida emocional. Durante boa parte da história, a personagem Tristeza é vista como um problema, uma emoção inconveniente que precisa ser afastada para que Alegria continue conduzindo a vida. Aos poucos, porém, descobrimos que a tristeza não existe para nos impedir de viver, mas para nos aproximar das

pessoas, despertar empatia e nos permitir pedir ajuda quando já não conseguimos seguir sozinhos.

O filme mostra que nem todas as lembranças precisam permanecer alegres para continuarem valiosas. Algumas memórias carregam, ao mesmo tempo, felicidade e dor, e é justamente essa mistura que revela a complexidade da experiência humana. Ao aceitar a tristeza como parte da própria história, a protagonista deixa de lutar contra o que sente e começa a integrar suas emoções, encontrando uma forma mais madura e verdadeira de seguir em frente.

E você, já assistiu a *Divertida Mente*? Gostaria de saber quais reflexões ele despertou em você. Se ainda não assistiu, talvez esta seja uma boa oportunidade para revê-lo com os olhos de quem compreende que todas as emoções têm um lugar e um propósito em nossa vida.

ENTRE LINHAS

Há lágrimas que também são oração. Não aquelas construídas por palavras bem escolhidas ou por certezas espirituais, mas a oração mais simples que existe: a de um coração que já não consegue sustentar sozinho o peso da própria dor. Nesses momentos, os olhos dizem aquilo que a boca não consegue traduzir, numa linguagem silenciosa, porém compreendida por Deus.

As lágrimas não eliminam as perdas nem respondem às grandes perguntas da existência; elas apenas recordam que ainda existe vida pulsando dentro de nós. E enquanto houver algo que nos emocione, nos comova ou nos faça transbordar, haverá também a possibilidade de continuar caminhando, preservando aquilo que temos de mais precioso: a nossa humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 25/07/2026"

ESSENTIA

Depois desta reflexão, talvez valha a pena nos questionarmos sobre onde costumamos esconder nossas lágrimas.

Algumas pessoas as escondem atrás de um sorriso constante, outras no excesso de trabalho, na necessidade de parecer fortes, nos banhos demorados, dentro do carro, no travesseiro ou em algum lugar da memória onde acreditam que ninguém poderá alcançá-las. Com o tempo, porém, descobrimos que não importa o esconderijo escolhido; aquilo que a alma não

consegue expressar sempre encontra outra forma de pedir passagem.

Se estas palavras despertaram alguma lembrança ou tocaram uma parte da sua história, conte-me nos comentários do Instagram @miakodaoficial. Quando uma travessia é compartilhada, ela deixa de iluminar apenas quem a viveu e passa a servir de caminho para outras pessoas.

Com carinho,

Mia Koda

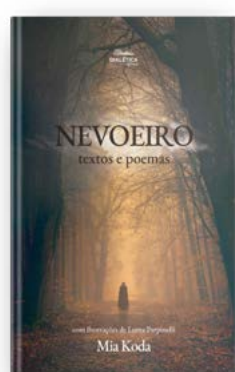
LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

17



MÁRCIA NEVES



Márcia Neves é graduada em Letras pela Unisantos, pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta e pós-graduada em Psicologia Educacional; baiana de origem, videntina e santista de coração. Mamãe do Yohan, amante das letras e da poesia, defensora da educação. Autora dos livros "Grades de Liberdade"/poesias, "Poesia - o lugar encantado das crianças"/conto infantojuvenil, "Bucólicos"/haikais, "Xii ka ka - entre silêncios e gargalhadas"/conto infantojuvenil, "Ninguém ronca mais que eu"/infantil e "Telúricos"/haikais. Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias; coautora nos Fanzines "Korja Sacrílega" e "Semeaduras de lume, para noites transgressoras".

Parlendas na educação: ancestralidade, ludicidade e resistência cultural

Palavras não andam sozinhas, nem se findam num papel qualquer
Márcia Neves

Estimados leitores,
Eis-me aqui com mais uma edição da **Coluna Nossa Literatura – virtudes poéticas** na The Bard, revista internacional, dedicada às palavras que acolhem, reconhecem e incomodam, uma vez que nos provocam a reflexão e reconhecimento de nossa linguagem.

Nesta **39ª edição**, não mais nem menos importante que as edições anteriores, mas muito especial, pois encontro-me em meu espaço de fala, quando os convido ao pensamento e à reflexão de nossas práticas, enquanto educadores (família e escola).

Acredito na história que defende a educação e a formação do sujeito, garantindo-lhe o direito de aprender bem e viver com sabedoria e afeto. Assim como também acredito que nosso crescimento

depende das heranças que carregamos em nossa história cultural, e dependemos necessariamente de uma evolução ancestral, para termos um futuro livre do apagamento de nossa identidade.

Esta edição me permitiu trazer esse contexto e, nele, resgatar as **parlendas** para defesa desse recurso literário, linguístico e cultural nas fases da infância, principalmente nas escolas, onde as crianças podem ter acesso dirigido a esse recurso, também como **instrumento de aprendizagem**.

Reforço minha satisfação por seguir assinando essa coluna, bem como meus agradecimentos à equipe editorial da The Bard, e a vocês por me lerem.

Cordial abraço,
Márcia Neves | colunista

Parlendas na educação: ancestralidade, ludicidade e resistência cultural

Defino a infância como um verdadeiro castelo, por nela construímos a base para uma vida sólida, sensível e criativa. Ou seja, é um solo onde iremos pisar por toda a vida. É o mundo simbólico das coisas, em processo, em construção. É quando a criança dá vida, por meio de suas idealizações, a tudo o que está ao seu alcance. Nesse meio entre significante e significado, a imaginação protagoniza a vida, por permitir à criança experimentar ações e emoções, criando narrativas e compreendendo a realidade a partir de suas sensações. Logo, reconhecer que a infância é um direito fundamental, inclusive garantido por leis que asseguram o direito à vida, à educação, à saúde, à segurança e ao brincar (Constituição de 1988 e ECA, por exemplo), é uma necessidade e responsabilidade de todos que lidam com crianças, inclusive e principalmente, escola e família.

Consoante a citação do psiquiatra Stuart Brown, “brincar não é um luxo, é uma necessidade biológica”, é possível pensar que a criança que brinca desenvolve habilidades que lhe favorecerão ao longo da vida. Nesse campo do brincar, inclui-se a percepção dos sons, como um recurso potente para o desenvolvimento da fala e formação da linguagem desde seus primeiros anos de vida. Exemplo disso é a emissão dos primeiros sons, muitas vezes já por sílabas, relacionados às necessidades básicas de sobrevivência e socialização, como pedir água ou comida, em que a criança aprende pelo reconhecimento simbólico, quando está em contato com o objeto e o associa às suas necessidades, e também pela familiaridade com as palavras que ouve no dia a dia e influência que naturalmente recebe de pessoas com quem convive.

Nesse contexto, a arte, em

suas múltiplas linguagens, interage profundamente com o processo de desenvolvimento da criança, tendo em vista que, em qualquer uma delas, a criança se manifesta pela linguagem, seja na pintura, na dança, na música, na leitura, na contação de histórias, na dramatização, etc., pois brincar com as palavras é uma ferramenta que amplia a percepção de si e do mundo, valorizando e lapidando, dessa forma, o processo de criar, imaginar, de dar sentido às coisas.

Uma das formas que o ser humano encontrou, desde muito antes da Grécia antiga, para manifestar seus pensamentos, transmitir conhecimentos e ensinar valores às gerações mais novas, foi usando a oralidade. Eram comuns entre as famílias as cantigas de roda, as fábulas, os versos, anedotas, parlendas etc., o que parece se enfraquecer ao passar dos anos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"



IMAGEM CRIADA POR IA "usando SEAAART AI", sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2024

Entre as manifestações da cultura popular que atravessam gerações, destaco as parlendas, como recurso indispensável, que jamais devem ser deixadas de lado no ambiente escolar, principalmente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Inclusive por terem suas características presentes em muitos outros textos, por serem dotadas de rima, ritmo, musicalidade, humor, memória, afeto, repetição etc., são textos pequenos, com linguagem simples, assim, facilitando a memorização. Nas parlendas, a imaginação se retroalimenta de palavras brincantes, marcadas pelo ineditismo, em que os sons importam tanto quanto os sentidos, uma brincadeira que confere a liberdade de repetir, errar, recriar, favorecendo o campo de desenvolvimento da linguagem por meio, principalmente, da escuta, da atenção e da sensibilidade. Logo, um recurso para todas as idades, mesmo antes da alfabetização.

Além disso, são brincadeiras sonoras que aproximam corpo e alma, uma vez que a arte das palavras envolve a arte do corpo, explorando

sons e movimentos, como as palmas, os passinhos, os movimentos em círculos etc., o que nos lembra que, dessa forma, desde a primeira infância, a criança aprende a se manifestar com pertencimento e reconhecimento de si, usando o recurso mais potente de expressão, além das palavras, o corpo. O que será mais adiante útil para o reconhecimento das linguagens verbal e não verbal.

Outro dia, ainda este ano (2026), voltando da escola com meu filho de apenas 4 anos, fui pega de surpresa quando disse que me contaria uma parlenda. E começou: “Jacaré com catapora toma banho de hora em hora, a coruja é uma senhora e toma suco de amora.” Foi uma festa entre nós. Não pude esconder a satisfação e ele, a novidade. Fiquei surpresa por saber que na escola onde ele estuda há professores que seguem acreditando na força da cultura popular e utilizam a parlenda como recurso amplo de criação. Pois a escola é mesmo um espaço potente para as crianças terem contato com recursos educativos, que exploram suas capacidades de desenvolvimento cognitivo e os salvam do

mundo das telas viciosas, por serem também entretenimento entre as crianças. Além disso, parlendas estão no nicho dos textos que podem ser considerados patrimônio cultural, uma vez que preservam modos de falar, brincar e imaginar de diferentes povos e comunidades. O que me leva a dizer, como professora atuante, especializada em Alfabetização e Letramento, que o brincar com a linguagem por meio da cultura popular, como as parlendas, é também um reconhecimento de nossa ancestralidade.

De fato, palavras não andam sozinhas, nem se findam em papel qualquer. Quando uma criança brinca com palavras, inventa mundos. Inventando mundos, a criança floresce a imaginação, movimenta a cultura, ressignifica a vida, ou seja, quando a arte acolhe as infâncias, a vida ganha liberdade e o aprendizado acontece. Parlendas fazem parte do brincar, do descobrir e do se encantar. E tudo que advém delas, todo repertório que se cria em torno dessa arte e/ou a partir dela, celebra a capacidade humana de dar sentido às coisas.

Em uma sociedade contemporânea, altamente marcada pela tecnologia e mecanização, em que o tempo se perde por não o perceber, torna-se evidente a urgência de resgatar práticas de convívio entre famílias, escolas e comunidades, a fim de salvar nossas crianças de vícios cientificamente comprovados (como o uso exagerado de telas) que prejudicam o desenvolvimento em todos os campos, apre-

sentando-lhes um mundo possível entre sonho, realidade e entretenimento. Nesse universo, encaixam-se perfeitamente o resgate e o fortalecimento de culturas populares e, pensando nas infâncias, obviamente, a exploração de gêneros das tradições orais, como as parlendas, também pela valorização da linguagem poética, pelo poder de interpretação que possui.



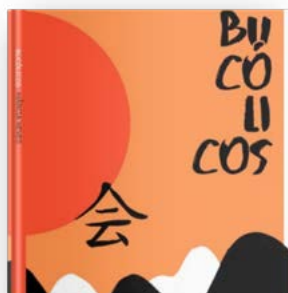
IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





REDAÇÃO THE BARD



A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiar-tística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

Guardar palavras para amanhã

Arquivos digitais e a memória do português



IMAGEM GERADA POR IA. *usando SEKARTAI, sob a direção de J.B. Wolf. Criada em 03/09/2026

Entre jornais antigos, manus-critos, gravações, mensagens digitais e páginas da inter-net, instituições e comunidades enfrentam uma tarefa urgente: pre-servar as muitas formas que a lín-gua portuguesa assume antes que parte dessa memória desapareça.

Em uma tela de computador, uma palavra publicada há mais de cem anos volta a aparecer. Ela pode estar em um jornal antigo, em uma carta esquecida, em um caderno escolar ou em um manus-crito que já não pode ser manuse-ado sem risco. A imagem digital devolve acesso ao documento, mas não recupera apenas um texto. Ela preserva uma maneira de falar, es-crever, pensar e registrar o mundo.

Guardar o português para o fu-turo significa proteger muito mais do que os livros consagrados. A língua também está nas conversas

familiares, nos sotaques, nas gra-vações de rádio, nos jornais locais, nos diários, nos podcasts, nos ví-deos, nos comentários em redes sociais e nas mensagens trocadas diariamente.

Cada registro revela uma parte da experiência linguística de seu tempo. Uma expressão que hoje parece comum pode desaparecer em poucas décadas. Um sotaque pode ser transformado pela migra-ção e pela urbanização. Uma forma de tratamento pode deixar de ser usada. Um grupo social pode in-corporar palavras de outra língua e criar novas maneiras de se comu-nicar.

Preservar esses vestígios é ga-rantir que as próximas gerações possam compreender não apenas como escrevíamos, mas também como falávamos, convivíamos e in-terpretávamos a realidade.

A língua que vive nos arquivos

Um arquivo linguístico é uma coleção organizada de textos, imagens, gravações e outros documentos que permite estudar como uma língua é utilizada em determinado período, região ou comunidade.

Jornais, cartas, entrevistas, programas de rádio, filmes, fotografias, mensagens eletrônicas e páginas da internet podem revelar mudanças no vocabulário, na pronúncia, na gramática e nas formas de tratamento. Também ajudam a compreender as relações sociais e os modos de vida associados à linguagem.

Uma conversa gravada, por exemplo, oferece informações que raramente aparecem em um texto escrito. As pausas, as hesitações, os risos, as interrupções e a entonação ajudam a mostrar como as pessoas realmente se comunicavam.

No futuro, uma entrevista realizada hoje poderá servir como documento sobre as transformações provocadas pela urbanização, pela escolarização, pela tecnologia e pelo contato entre diferentes comunidades. Uma gravação de família poderá revelar o sotaque de uma região. Um programa de rádio poderá registrar palavras que já não fazem parte do vocabulário cotidiano.

A preservação da língua também depende desses materiais aparentemente simples. Nem sempre a memória está nos grandes livros. Muitas vezes, ela sobrevive em documentos que nunca foram considerados importantes no momento em que foram produzidos.

Durante muito tempo, preservar documentos significava proteger objetos físicos, como livros, papéis, fotografias, filmes e fitas magnéticas. Atualmente, boa parte desse material é convertida em arquivos digitais para facilitar o acesso e reduzir o manuseio dos originais.



IMAGEM GERADA POR IA. Usando SEAAKT.AI, sob a direção de J.B. Wolf. Criada em 03/09/2025.

Mas digitalizar não é o mesmo que preservar

Quando uma biblioteca escaneia um jornal, cria uma imagem digital do documento. O trabalho de preservação começa depois disso. É preciso garantir que o arquivo tenha cópias de segurança, que possa ser aberto no futuro e que continue acompanhado de informações sobre sua origem.

Um arquivo pode permanecer armazenado em um computador e, ainda assim, tornar-se inutilizável. Isso ocorre quando o for-

mato deixa de ser reconhecido, o equipamento se torna obsoleto, o servidor apresenta falhas ou as informações sobre o documento são perdidas.

A preservação digital exige planejamento contínuo. As instituições precisam manter cópias em locais diferentes, verificar a integridade dos arquivos, atualizar os formatos e registrar dados como autoria, data, local de produção e condições de acesso.



IMAGEM GERADA POR IA. Usando SEAAKT.AI, sob a direção de J.B. Wolf. Criada em 03/09/2025.



O cuidado também se aplica aos documentos que já nascem digitais. E-mails, blogs, vídeos, podcasts, mensagens e páginas da internet não possuem um original físico simples. Sua existência depende de servidores, programas, plataformas e sistemas que podem desaparecer.

Preservar uma página da internet, por exemplo, não significa guardar apenas o texto. As imagens, os vídeos, os links, os comentários e a estrutura de navegação também fazem parte do significado daquele conteúdo.

Uma das ferramentas mais utilizadas na digitalização é o reconhecimento óptico de caracteres, conhecido como OCR. Ele transforma a imagem de uma página em texto pesquisável. Dessa maneira, torna-se possível procurar nomes, expressões

e palavras em grandes coleções de livros e jornais.

O recurso facilita o trabalho de pesquisadores, professores e estudantes. Sem ele, seria necessário consultar cada página manualmente. Com o texto reconhecido, uma busca pode ser feita em milhares de documentos em poucos segundos.

O problema é que o OCR comete erros. Letras antigas, manchas, páginas danificadas, fontes incomuns, abreviações, acentos e colunas de jornais podem confundir o sistema. Em documentos manuscritos, a dificuldade é ainda maior.

Um erro de leitura pode alterar uma palavra e modificar o sentido de uma frase. Também pode impedir que determinada ocorrência lingüís-

tica seja localizada. Por isso, o texto produzido automaticamente não deve ser tratado como transcrição definitiva.

A imagem original precisa ser preservada junto com o texto reconhecido. Quando possível, especialistas devem revisar o material e registrar quais etapas foram realizadas. Assim, o pesquisador do futuro poderá conferir se uma determinada palavra pertence ao documento ou se foi criada por uma falha tecnológica.

Esse cuidado é essencial para o estudo histórico da língua. Se um sistema corrigir automaticamente uma expressão regional ou adaptar uma grafia antiga ao padrão atual, poderá apagar justamente a característica que tornava aquele registro valioso.

Os documentos que quase nunca foram guardados

Durante séculos, os arquivos deram preferência a livros, documentos oficiais, obras literárias e materiais produzidos por instituições. As vozes de pessoas comuns foram menos preservadas.

Essa seleção criou uma imagem incompleta da língua portuguesa. Quando os acervos reúnem principalmente textos produzidos por autoridades, escritores, universidades e grandes veículos de comunicação, deixam de fora muitas formas de falar e escrever presentes no cotidiano.

Populações rurais, comunidades indígenas, moradores de periferias, trabalhadores, migrantes e grupos socialmente marginalizados produziram e continuam produzindo documentos importantes. Suas histórias, expressões e sotaques também fazem parte da memória do português.

A gravação de uma conversa, uma entrevista comunitária, um jornal de bairro ou um caderno escolar podem



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"

revelar aspectos da língua que não aparecem em textos formais. Esses materiais mostram como as pessoas narram suas experiências, expressam sentimentos, contam histórias e estabelecem relações.

A preservação, portanto, não deve se limitar aos acervos de grandes instituições. Arquivos comunitários, projetos de memória local e coleções organizadas por grupos sociais são fundamentais para ampliar a representação da língua.

Também é preciso olhar para os países que compartilham o português. Brasil e Portugal concentram muitos dos acervos mais conhecidos,



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"

mas a língua também possui trajetórias próprias em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Uma história do português baseada apenas em documentos brasileiros e portugueses seria necessariamente incompleta. A preservação deve reconhecer a diversidade de experiências, vocabulários e variedades existentes no mundo lusófono.

A internet também é patrimônio

Grande parte do português contemporâneo é produzida em ambientes digitais. Blogs, redes sociais, fóruns, comentários, podcasts e vídeos registram formas de comunicação que podem desaparecer com rapidez.

Uma página pode ser alterada ou retirada do ar. Um blog pode ser abandonado. Um vídeo pode ser apagado. Uma rede social pode mudar seu sistema de busca. Uma empresa pode encerrar uma plataforma e levar consigo milhares de.

IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"



Projetos de arquivamento da internet tentam preservar parte desse material. O Arquivo.pt, em Portugal, e a Internet Archive, por meio da Wayback Machine, são exemplos de iniciativas que guardam cópias de páginas disponíveis na web.

Mesmo assim, nenhum projeto consegue preservar tudo. A seleção envolve decisões técnicas, culturais e jurídicas. É preciso escolher o que será arquivado, como os conteúdos serão descritos e quais materiais poderão ser consultados.

A internet apresenta ainda desafios específicos. Uma publicação não é apenas um texto. Ela pode conter imagens, links, vídeos, comentários, respostas

referências a outras páginas. Quando esses elementos desaparecem, parte do contexto também se perde.

As redes sociais tornaram a comunicação mais rápida, fragmentada e multimodal. As pessoas combinam palavras, imagens, abreviações, hashtags, áudios e símbolos. Misturam português e outras línguas. Alternam registros formais e informais. Criam expressões que podem desaparecer tão rapidamente quanto surgiram.

Preservar esse material não significa guardar tudo indiscriminadamente. É necessário considerar a privacidade, o consentimento e os direitos das pessoas envolvidas.

Memória e responsabilidade

A preservação de documentos digitais envolve direitos autorais e proteção de dados pessoais. Uma biblioteca pode possuir fisicamente um livro, mas isso não significa que tenha autorização automática para publicá-lo integralmente na internet.

Antes de disponibilizar um documento, é preciso verificar quem possui os direitos, se a obra está em domínio público,

se existem restrições de uso e se o material contém informações pessoais.

Uma entrevista gravada há décadas pode revelar dados sobre a vida de uma pessoa que nunca imaginou ter sua voz acessível mundialmente. Um documento familiar pode conter nomes, endereços e informações íntimas. Preservar não deve significar expor tudo sem limites.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"

Por isso, alguns arquivos precisam ter acesso restrito, anonimização ou autorização específica. As próprias comunidades também devem participar das decisões sobre seus registros, especialmente quando o material envolve conhecimentos tradicionais, informações culturais ou experiências de grupos vulneráveis.

A preservação precisa equilibrar o direito à memória e o direito à privacidade. A tecnologia permite publicar

rapidamente, mas a responsabilidade exige avaliar as consequências dessa publicação.

As próximas gerações provavelmente encontrarão uma quantidade de textos muito maior do que aquela disponível para os pesquisadores de épocas anteriores. Poderão estudar mensagens digitais, vídeos, podcasts, comentários, memes, legendas automáticas, livros eletrônicos e textos produzidos com auxílio de inteligência artificial.

Mas quantidade não significa necessariamente diversidade. Muitos registros desaparecerão porque as plataformas serão encerradas, as contas serão apagadas, os formatos deixarão de funcionar ou os conteúdos permanecerão bloqueados por questões legais.

O português do futuro será estudado a partir dos vestígios que o presente decide preservar. Esses vestígios não devem registrar apenas a norma culta ou a produção de escritores re-

conhecidos. Precisam incluir a linguagem cotidiana, os sotaques, os erros, as gírias, as diferenças regionais e as experiências de comunidades diversas.

A inteligência artificial poderá ajudar a transcrever gravações, reconhecer manuscritos, organizar acervos e localizar palavras em grandes volumes de documentos. Mas também poderá cometer erros, eliminar particularidades regionais e modificar características importantes da fala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/09/2026"

Uma transcrição automática que corrige a pronúncia de uma comunidade pode apagar a própria identidade linguística que deveria ser preservada. Por isso, a tecnologia precisa ser acompanhada de revisão humana, transparência e documentação.

Guardar palavras para amanhã é uma tarefa cultural e política. Significa decidir que nenhuma voz deve ser considerada pequena demais para ser registrada. Significa reconhecer que a memória de uma língua não está apenas nos livros publicados, mas também nas falas interrompidas, nos textos passageiros, nos arquivos pessoais e nas páginas que parecem destinadas ao esquecimento.

Cada documento preservado é uma possibilidade de escuta. Cada registro perdido é uma parte da experiência humana que se torna mais difícil de recuperar.

Quando as próximas gerações quiserem saber como falávamos, escrevíamos e vivíamos, encontrarão os vestígios que formos capazes de guardar agora. Preservar o português não significa congelá-lo em uma forma definitiva. Significa permitir que suas mudanças, diferenças e contradições continuem sendo ouvidas.

A língua do futuro será construída também a partir da memória digital do presente.

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



COLUNA *Dialética*

26



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.. Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosario - Argentina.

A Geografia Invisível da Infância: Escola, Cultura e a Construção do Imaginário Social



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART AI, sob a direção de Tônia Lavínia, criada em 05/08/2020"

A infância não pode ser compreendida apenas como uma etapa biológica do desenvolvimento humano, marcada pelo crescimento físico e pela aquisição gradual de habilidades cognitivas. Ela representa uma construção histórica, cultural e simbólica, na qual a criança aprende a interpretar o mundo antes mesmo de dominar completamente a linguagem formal. Antes das primeiras palavras, existem imagens, afetos, relações familiares, experiências coletivas e símbolos sociais que estruturam a maneira como o indivíduo percebe a realidade.

A escola surge nesse processo como um dos principais espaços de formação cultural, pois não transmite apenas conteúdos acadêmi-

cos, mas também valores, comportamentos, normas sociais e modos de compreender a vida coletiva. A instituição escolar funciona como um ambiente onde a criança encontra diferentes formas de existência, culturas diversas e possibilidades de construção de identidade. Nesse sentido, a educação ultrapassa a simples transmissão de conhecimentos e se transforma em um processo de humanização.

O antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão compreende a educação como uma prática presente em todos os espaços sociais, afirmando que ninguém escapa da educação porque ela acontece nas relações humanas, nas tradições, nos grupos e nas experiências compartilhadas.

A criança não recebe passivamente o mundo; ela o reconstrói através da fantasia, do jogo simbólico e da criatividade. Quando transforma uma simples caixa em uma casa, uma folha em um personagem ou uma brincadeira em uma narrativa complexa, ela demonstra que a imaginação é uma forma de conhecimento. A fantasia infantil não representa fuga da realidade, mas uma maneira própria de interpretá-la e reorganizá-la.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

O pensamento de Lev Vygotsky contribui profundamente para compreender essa dimensão. Para o autor, o desenvolvimento psicológico humano ocorre pela interação social e cultural. A criança não desenvolve suas capacidades isoladamente; ela aprende através das relações com outras pessoas e através dos instrumentos simbólicos construídos historicamente. A linguagem, os brinquedos, as histórias e as práticas culturais funcionam como mediadores entre o indivíduo e o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

A escola possui, dessa maneira, uma responsabilidade fundamental: possibilitar que a imaginação seja transformada em conhecimento, e que a criatividade infantil não seja anulada por modelos rígidos de aprendizagem. Uma educação que ignora a dimensão imaginativa corre o risco de formar indivíduos adaptados mecanicamente às estruturas sociais, mas incapazes de questionar, criar e transformar a realidade.

Essa preocupação dialoga com a reflexão de Paulo Freire, para quem a educação deve ser compreendida como prática de liberdade. A criança não deve ser vista como um recipiente vazio que precisa ser preenchido por informações, mas como um sujeito histórico que possui experiências, interpretações e conhecimentos próprios.

A infância também pode ser analisada pela perspectiva da psicanálise, especialmente através das contribuições de Sigmund Freud, nos primeiros anos de vida possuem importância decisiva na formação da personalidade. As experiências emocionais vividas na infância, os vínculos familiares e as relações afetivas participam da construção do inconsciente, influenciando desejos, medos e formas de relacionamento na vida adulta.

O modo como uma criança é acolhida, reconhecida ou rejeitada pode influenciar profundamente sua autoestima e sua relação com o conhecimento. A aprendizagem envolve afetividade, pertencimento e reconhecimento social.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"



A perspectiva de Jacques Lacan amplia essa discussão ao afirmar que o sujeito se constitui através da relação com o outro e com os sistemas simbólicos existentes na sociedade. Antes de compreender racionalmente quem é, ela aprende a perceber a si mesma através dos olhares, das palavras e das expectativas daqueles que a cercam.

Pierre Bourdieu demonstra que a escola nunca é um espaço completamente neutro. Ela carrega valores culturais e formas específicas de conhecimento que podem favorecer determinados grupos sociais. A criança chega à escola trazendo diferentes capitais culturais, adquiridos através da família e do meio social. Quando a instituição escolar ignora essas diferenças, pode transformar desigualdades sociais em aparentes diferenças individuais.

Por outro lado, quando reconhece a diversidade cultural presente entre seus alunos, a escola torna-se um espaço democrático de construção coletiva. A valorização das diferentes formas de linguagem, memória, história e expressão cultural permite que a criança compreenda que existem múltiplas maneiras de interpretar o mundo.

A infância também está relacionada às estruturas sociais mais amplas. **A partir da pers-**

pectiva de Karl Marx, é possível compreender que os indivíduos são formados dentro de determinadas condições históricas e materiais.

A compreensão da infância como fenômeno social exige perceber que a criança não é apenas um indivíduo em formação, mas um sujeito inserido em uma rede complexa de relações culturais, econômicas e simbólicas. Cada criança carrega consigo uma história anterior à escola, marcada por experiências familiares, tradições, linguagens, crenças, afetos e formas particulares de compreender a realidade. A escola recebe esse universo simbólico e tem o papel de ampliar suas possibilidades, transformando experiências individuais em conhecimento coletivo.

A criança aprende a nomear sentimentos, compreender regras sociais e construir valores a partir dos referenciais culturais disponíveis em seu ambiente. A cultura não é algo externo ao indivíduo; ela participa da própria constituição da subjetividade.

O pensamento de Clifford Geertz contribui para essa reflexão ao compreender a cultura como uma teia de significados construída pelos próprios seres humanos. A criança nasce dentro dessa teia e, progressivamente, aprende a interpretá-la.

A imaginação social construída durante a infância possui grande influência na formação do futuro adulto. As histórias contadas, os personagens admirados, os exemplos familiares e escolares e as experiências de reconhecimento ou exclusão participam da criação de imagens internas sobre o que significa ser uma pessoa, pertencer a um grupo ou ocupar determinado lugar na sociedade.

Henri Wallon destaca a relação inseparável entre emoção, movimento e inteligência. Para

ele a criança desenvolve-se através da integração entre aspectos afetivos e cognitivos. A emoção não representa um obstáculo ao conhecimento, mas uma dimensão fundamental da aprendizagem. Uma criança que não se sente acolhida dificilmente estabelece uma relação positiva com o saber.

Essa compreensão modifica a visão tradicional da escola como simples espaço de transmissão de conteúdos. O ambiente escolar é também um espaço psicológico, onde ocorrem processos de identi-

ficação, pertencimento, construção da autoestima e formação da identidade.

A criança atual convive com estímulos constantes, redes digitais e transformações nas relações familiares e sociais. A imaginação, que antes era alimentada principalmente pelas brincadeiras coletivas e pelas narrativas orais, muitas vezes é substituída por imagens prontas oferecidas pela indústria cultural.

Theodor Adorno sobre a indústria cultural ajuda a compreender como determinados produtos culturais podem influenciar formas de pensar e desejar. A infância contemporânea é frequentemente atravessada por padrões de consumo, modelos de sucesso e imagens produzidas comercialmente. Uma escola baseada no diálogo, na cooperação e no reconhecimento humano produz um ambiente mais favorável ao desenvolvimento social e mental.

A reflexão de Abraham Maslow sobre as necessidades humanas demonstra que indivíduos precisam de segurança, pertencimento e reconhecimento para desenvolver plenamente suas capacidades. Embora sua teoria tenha sido frequentemente aplicada ao campo organizacional, ela também pode ser relacionada ao ambiente escolar. A criança que se sente protegida e valorizada encontra melhores condições para explorar, criar e aprender.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"



A infância é também o momento em que se estabelecem as primeiras experiências de convivência com a diferença. A criança aprende que existem diferentes culturas, modos de viver, opiniões e histórias. **Antonio Gramsci permite compreender a educação como espaço de disputa cultural.** Para ele, toda sociedade produz formas de pensamento que influenciam a maneira como as pessoas interpretam o mundo. A escola pode simplesmente reproduzir determinadas visões dominantes ou pode tornar-se um espaço de

formação crítica, onde os indivíduos desenvolvem autonomia intelectual.

A imaginação infantil possui justamente essa capacidade transformadora.

Quando uma criança imagina novos mundos, cria personagens ou inventa possibilidades diferentes, ela demonstra uma capacidade essencialmente humana: a capacidade de ultrapassar aquilo que existe e pensar aquilo que ainda pode existir.

A família representa o primeiro espaço social da criança, onde surgem as primeiras experiências de pertencimento e reconhecimento. Entretanto, a escola amplia esse universo, apresentando novos sujeitos, regras, linguagens e formas de convivência.

Essa transição pode produzir conflitos, inseguranças e descobertas. O professor passa a ocupar uma posição significativa na vida da criança, pois não representa apenas alguém que transmite conhecimento, mas uma figura que participa da construção da confiança e da relação do aluno com o mundo.

A teoria de Donald Winnicott contribui para essa análise ao destacar a importância de um ambiente suficientemente acolhedor para o desenvolvimento emocional. A criança necessita de espaços onde possa brincar, experimentar, errar e criar sem sentir que sua existência está permanentemente ameaçada por julgamentos.

Carl Gustav Jung amplia essa compreensão ao destacar a presença dos símbolos e dos arquétipos na formação humana. As histórias, os mitos, os contos e as imagens presentes na cultura possuem uma influência profunda sobre o desenvolvimento psicológico.

A escola, como instituição social, participa de processos de organização, controle e produção de determinados comportamentos. Michel Foucault demonstra que as instituições modernas, incluindo escolas, estabelecem práticas disciplinares que orientam os corpos e os comportamentos dos indivíduos.

A criança necessita de limites para desenvolver segurança, mas também precisa de espaços para questionar, criar e expressar sua singularidade. O excesso de controle pode impedir a criatividade; a ausência completa de orientação pode dificultar a construção de referências sociais.

A reflexão de Edgar Morin sobre o pensamento complexo contribui para compreender que a educação não pode separar conhecimento intelectual, emoções, cultura e sociedade. O ser humano é uma realidade múltipla, formada



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

por diferentes dimensões que se relacionam continuamente. Educar uma criança significa considerar sua totalidade.

A infância não pode ser compreendida fora das condições históricas em que está inserida. Cada geração de crianças nasce dentro de uma determinada organização social, econômica e cultural, carregando as marcas de seu tempo. A criança do século XXI não possui a mesma experiência de infância das gerações anteriores, pois suas relações com a família, com a escola, com a tecnologia e com o conhecimento foram profundamente modificadas pelas transformações sociais.

Uma criança que cresce em um ambiente marcado por segurança, estímulo cultural e acesso ao conhecimento possui experiências diferentes daquela que vive em situações de exclusão, precariedade ou ausência de direitos básicos. Essa diferença não significa capacidade intelectual maior ou menor, mas demonstra que o desenvolvimento humano depende das condições concretas oferecidas pela sociedade.

A infância necessita de adultos capazes de compreender sua complexidade.

Crianças não são pequenos adultos; possuem formas próprias de pensamento, percepção e expressão. A educação precisa respeitar essas características sem limitar suas possibilidades de desenvolvimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

Quando a escola valoriza a criatividade, ela não está apenas desenvolvendo habilidades artísticas; está formando sujeitos capazes de pensar alternativas diante dos problemas do mundo. A imaginação é uma dimensão política e social porque permite questionar aquilo que parece natural.

A infância contemporânea encontra-se diante de uma realidade marcada por profundas transformações culturais. As formas tradicionais de convivência foram modificadas pelo avanço tecnológico, pela aceleração da informação e pelas novas configurações familiares e sociais. A criança atual cresce em um mundo onde as imagens circulam rapidamente, onde as relações acontecem também através de ambientes digitais e onde a construção da identidade passa por múltiplas referências culturais.

Nesse sentido, a escola assume uma função cultural indispensável: ensinar a pensar. Mais do que acumular informações, o sujeito contemporâneo precisa desenvolver capacidade de análise, sensibilidade ética e compreensão das relações humanas. O conhecimento escolar deve estar conectado à vida, às experiências sociais e aos desafios concretos da existência.

A formação do imaginário social também envolve a maneira como a sociedade representa a própria infância

A antropologia cultural de-

monstra que diferentes sociedades construíram diferentes maneiras de compreender a infância. Não existe uma única forma universal de ser criança. Existem múltiplas infâncias, marcadas por diferentes contextos culturais, econômicos e históricos.

A escola, que valoriza a arte, a literatura e a criatividade não está oferecendo apenas atividades complementares; está fortalecendo dimensões essenciais do desenvolvimento humano. A sensibilidade estética também é uma forma de conhecimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

A formação cultural da infância é, portanto, um processo no qual participam família, escola, comunidade, meios de comunicação e instituições sociais. Nenhum desses espaços atua isoladamente. Todos contribuem para construir as imagens através das quais a criança compreende a si mesma e o mundo.



A infância representa o momento em que o ser humano começa a construir sua relação com o mundo. Cuidar da infância significa cuidar das bases culturais, psicológicas e sociais da própria humanidade.

A formação do sujeito humano é um processo contínuo no qual a infância ocupa um lugar decisivo. As primeiras experiências de convivência, reconhecimento e pertencimento estabelecem fundamentos que acompanharão o indivíduo em suas relações futuras.

A escola contemporânea enfrenta também o desafio de construir uma relação equilibrada entre tradição e transformação. A cultura precisa ser preservada porque transmite conhecimentos acumulados pela humanidade, mas também precisa ser questionada para permitir novas possibilidades.

A educação culturalmente significativa é aquela que estabelece uma ponte entre memória e futuro. Ela apresenta às crianças aquilo que a humanidade construiu, mas tam-

bém permite que elas imaginem aquilo que ainda não existe.

Nesse sentido, a infância representa uma espécie de fronteira entre o passado e o futuro. A criança recebe heranças culturais, mas possui a capacidade de recriá-las. Cada geração transforma aquilo que recebeu e acrescenta novas formas de compreender a existência.

Uma sociedade que deseja organizações mais humanas precisa investir em processos educativos que valorizem desde cedo a cooperação, a criatividade e o respeito. A formação de bons profissionais começa antes da entrada no mercado de trabalho; começa nas experiências sociais da infância.

A cultura escolar, nesse contexto, possui uma influência que ultrapassa os muros da instituição. Os valores aprendidos na escola acompanham os sujeitos em diferentes momentos da vida. Uma criança que aprende a respeitar diferenças, dialogar e participar coletivamente carrega essas experiências para ou-

tros espaços sociais.

A escola é, portanto, uma das principais responsáveis pela construção do imaginário social. Ela participa da formação das imagens que os indivíduos possuem sobre si mesmos e sobre os outros. Quando promove inclusão e reconhecimento, amplia as possibilidades humanas; quando reproduz preconceitos e exclusões, limita trajetórias.

A educação democrática exige reconhecer que toda criança possui uma voz.

Escutar a infância significa compreender que os pequenos também produzem cultura, interpretam acontecimentos e participam da construção da sociedade.

A criança não é apenas alguém que será um dia um adulto; ela já é um sujeito presente, com desejos, pensamentos e formas próprias de compreender a realidade.

Negar essa condição significa reduzir a complexidade humana.

A grande tarefa da escola contemporânea é construir uma educação que una conhecimento e sensibilidade, razão e imaginação, indivíduo e sociedade. A formação cultural da infância depende de espaços onde aprender seja também descobrir, criar e participar.

A geografia invisível da infância é formada por todos os lugares simbólicos onde uma criança aprende quem é: a família, a escola, a comunidade, os livros, as brincadeiras, as relações afetivas e os sonhos. Cada experiência desenha uma parte do mapa interior que acompanhará o sujeito durante sua existência.

A contribuição de Jean Piaget demonstra que a criança possui formas próprias de construir conhecimento. O pensamento infantil não é simplesmente uma versão incompleta do pensamento adulto; ele possui uma lógica própria, que se transforma progressivamente através da interação com o ambiente.



IMAGEM GERADA POR IA, "sonando SEARTAI", sob a direção de Tônia Leônia, Criada em 03/08/2026

Essa compreensão modifica a maneira de olhar para a infância. A criança deixa de ser vista como alguém que apenas precisa alcançar uma determinada etapa e passa a ser reconhecida como sujeito ativo de sua própria aprendizagem.

Compreender a infância é compreender a própria humanidade em seu momento mais criativo. É perceber que antes de existir uma sociedade organizada exis-

tem crianças imaginando mundos possíveis. Toda cultura nasce de pessoas capazes de imaginar, e toda transformação começa quando alguém acredita que a realidade pode ser diferente.

A escola possui a responsabilidade de proteger essa capacidade imaginativa, porque nela reside uma das maiores forças da humanidade: a possibilidade de criar novos caminhos.

Clayton Alexandre Zocarato

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



FACEBOOK



POST NO SITE





REDAÇÃO THE BARD



A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

A arte de encontrar o extraordinário no ordinário

A crônica é, talvez, o gênero literário mais democrático que existe. Não exige enredo complexo, não demanda cem páginas de construção, não precisa de personagens memoráveis ou eventos épicos. Exige apenas uma coisa: olhar. O olhar do cronista é um instrumento de precisão, uma lente que amplia o que todos veem mas que ninguém realmente observa.

Nascida nos jornais, a crônica sempre viveu nessa fronteira fascinante entre o jornalismo e a literatura. O cronista é, como definiu um escritor, um repórter microscópico que escolhe suas próprias pautas. Ele não corre atrás de grandes furos ou

manchetes. Ele para. Ele olha. Ele vê.

Quando Rubem Braga escreveu sobre uma borboleta amarela que pousou em sua mesa, não estava relatando um fato jornalístico. Estava revelando algo sobre a fragilidade, sobre o assombro, sobre a capacidade que a vida tem de, no meio da rotina mais cinzenta, depositar diante de nós algo de impossível beleza. Quando Machado de Assis narrava os bastidores das conversas sociais do Rio de Janeiro, não estava fazendo reportagem. Estava dissecando a alma humana com a delicadeza de um cirurgião e a malícia de um palhaço.

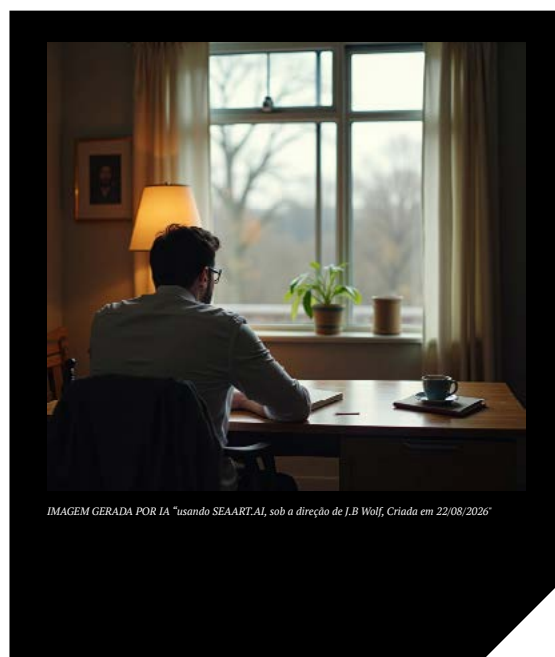


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

A grande crônica tem uma arquitetura específica: uma abertura que prende, um desenvolvimento que mergulha o leitor na cena, e um desfecho que ressignifica tudo o que veio antes. O último parágrafo é o momento mágico, é quando o particular se transforma em universal, quando uma conversa de elevador vira reflexão sobre a solidão urbana, quando um detalhe insignificante revela uma verdade enorme sobre quem nós somos.

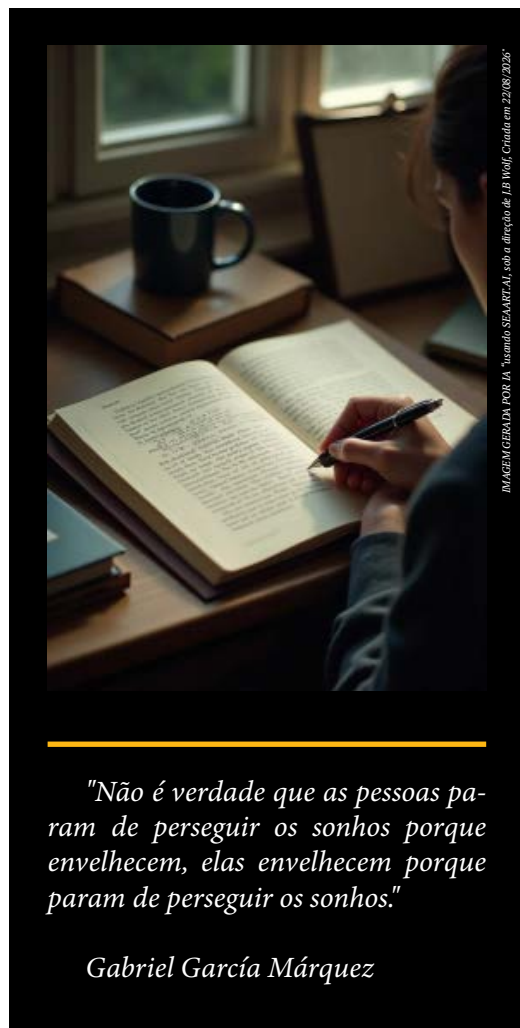
Gabriel García Márquez, Nobel de Literatura que nunca deixou de se considerar um jornalista, disse que qualquer sucesso ou pessoa pode provocar a escrita. A história está latente no mundo, esperando quem saiba descobri-la. O cronista é, acima de tudo, um curioso profissional. Um ser que se interessa por tudo: por pessoas, por ruas, por tipos, por contradições, por aquilo que aparentemente não tem importância nenhuma, mas que, quando iluminado pela palavra certa, revela-se um espelho da

condição humana.

É essa a missão desta coluna. A cada edição, traremos três crônicas com tons variados, às vezes líricas, às vezes irônicas, às vezes reflexivas, que partem do cotidiano e chegam a algum lugar que o leitor não esperava. O objetivo é simples e ambicioso: que você, leitor, feche esta página sentindo que olhou para o mundo de um jeito que não olhava antes. Que encontre, no meio da leitura, aquela frase que faz pensar, aquela imagem que fica, aquele silêncio que ressoa.

A crônica pode tudo, como disse Martha Medeiros. É um espaço aberto, um diálogo íntimo entre quem escreve e quem lê. E como todo bom diálogo, ele só acontece de verdade quando há escuta, quando o cronista escuta o mundo e o leitor se reconhece no que ouve.

Bem-vindos à coluna. A pauta de hoje é a vida.



"Não é verdade que as pessoas param de perseguir os sonhos porque envelhecem, elas envelhecem porque param de perseguir os sonhos."

Gabriel García Márquez

Crônica 1: O Homem que Aprendeu a Esperar

Há um homem que todo dia senta no mesmo banco da praça. Não sei o nome dele. Sei que chega por volta das seis da tarde, sempre com o mesmo jornal dobrado debaixo do braço, e senta no mesmo lugar: o terceiro banco a partir da entrada leste, o que fica debaixo da árvore mais alta.

Não é um homem jovem. Os cabelos brancos aparecem sob o chapéu de feltro que ele usa mesmo no calor. As mãos são grandes, de dedos grossos, mãos que parecem ter segurado coisas pesadas durante a vida inteira. Mas quando ele abre o jornal, os dedos se movem com uma delicadeza que não combina com a aparência. Como se estivesse manuseando algo frágil, uma folha seca, uma carta antiga, uma confidência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"



Eu o observo de longe, da minha mesa na cafeteria em frente à praça. Há quase um ano o vejo fazer a mesma coisa: sentar, abrir o jornal, ler devagar, fechar, dobrar com cuidado, colocar debaixo do braço e ir embora. Sempre o mesmo trajeto, sempre o mesmo horário, sempre o mesmo banco.

Certo dia, venci a preguiça e fui até ele. Sentei no banco ao lado, fingindo ler algo no celular. Esperei. Ele não me olhou. Con-

tinuei esperando. Nada. Até que, sem tirar os olhos do jornal, ele disse:

— Você está aqui há três quartos de hora. Ou quer alguma coisa ou está fugindo de alguma coisa.

Sorri, constrangido por ter sido lido tão facilmente.

— Quero saber uma coisa. O senhor lê o jornal todo dia? Lê tudo?

— Não. Só as notícias ruins.

— Por quê?

Ele dobrou uma página com aquele cuidado de quem dobra um lenço de seda e me olhou pela primeira vez. Os olhos eram de um azul desbotado, daquele que já foi intenso e agora é apenas a lembrança do que foi.

— Porque as notícias ruins são as únicas que valem a pena ler. Não porque sejam boas. Porque são verdadeiras. Ninguém mente quando fala de desgraça. As boas notícias são sempre suspeitas. Já as ruins... as ruins são a vida mostrando a cara.

Fiquei em silêncio. Ele voltou ao jornal.

— Mas então por que continua lendo? Se só lê desgraça, não fica triste?

Ele fechou o jornal. Do-

brou. Colocou sob o braço. Levantou-se.

— Fico. Mas ficar triste é melhor do que não sentir nada. Tristeza é prova de que você ainda está prestando atenção.

E foi embora. O banco ficou vazio, com uma folha seca que tinha caído da árvore enquanto conversávamos. Olhei para a folha e pensei: talvez fosse isso que ele vinha ler todos os dias, há um ano, no mesmo banco, debaixo da mesma árvore. Não o jornal. A queda.





Crônica 2: A Reunião que Não Acabava

Há um tipo específico de reunião que deveria ser classificado como crime contra a humanidade. Não a reunião produtiva, essa é uma espécie mitológica, como o unicórnio ou o amigo que devolve o livro emprestado. Falo da reunião que poderia ter sido um e-mail. Ou um torpedo. Ou um aceno de cabeça no corredor.

Era uma terça-feira como qualquer outra quando entramos na sala de conferências para discutir "alinhamento de processos", expressão que, no idioma corporativo, significa "vamos sentar todos juntos e fingir que decidimos algo que já foi decidido antes de entrarmos aqui".

O coordenador abriu a reunião com uma frase que deveria ser estudada em laboratórios de letargia:

— Antes de começarmos, gostaria de fazer um breve alinhamento.

"Breve alinhamento" é o "vou ser rápido" do cachorro que ainda não aprendeu que a perna não é um meio de transporte. Sempre é uma mentira bem-intencionada.

Havia uma tela. Havia slides. Havia um cronograma impresso em que a palavra "objetivos" aparecia sete vezes sem que nenhum objetivo tivesse sido, de fato, listado. Havia café aguado e biscoitos que pareciam ter sido assados durante a primeira Guerra Mundial, possivelmente pelos mesmos fornecedores.

A reunião tinha pauta. A pauta tinha tópicos. Os tópicos tinham subtópicos. E os subtópicos geravam

discussões que não tinham nada a ver com a pauta, o que gerava a necessidade de "voltar ao assunto principal", o que gerava uma nova discussão sobre o que era, afinal, o assunto principal.

Às dez horas, estávamos discutindo o item dois da pauta. Às dez e meia, ainda discutíamos o item dois, mas agora com uma ramificação que envolvia o item cinco, que ninguém lembrava o que era. Às onze horas,

alguém sugeriu "dar um passo atrás e olhar o quadro geral". O quadro geral era: éramos oito adultos sentados em uma sala dizendo "concordo" para coisas que ninguém tinha dito.

Às onze e quarenta e cinco, o coordenador olhou o relógio e disse:

— Gente, o tempo está curto. Vamos condensar.

"Vamos condensar" é o sinal súbito de que se perdeu a partida e é melhor arrumar as peças antes que alguém perceba. Condensar, nessas circunstâncias, significa ler os tópicos restantes em velocidade de leiloeiro e dar por encerrada a discussão com a frase "alguma dúvida?", pergunta que não admite resposta, porque ninguém em sã consciência vai levantar a mão depois de três horas de reunião.

Saí da sala com a sensação de que havia envelhecido três anos em uma manhã. No corredor, cruzei com o estagiário, que per-

guntou:

— Como foi a reunião?

— Produtiva, respondi, sem saber por quê.

Talvez porque seja mais fácil mentir do que explicar que passei três horas da minha vida que não voltam ouvindo alguém dizer "alinhamento" enquanto os biscoitos rachavam entre meus dentes como se fossem de pedra. E a vida, como sabemos, é feita de reuniões que não acabam e de biscoitos que nunca amolecem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

Crônica 3: As coisas que guardamos

Minha mãe guardava tudo. Ingressos de cinema, recibos de padaria, bilhetes que eu escrevi na escola com letra torta e sentimentos retos. Guardava caixas de sapato cheias de fotografias que ninguém olhava, canetas que não escreviam mais, cartões de Natal de pessoas que já tinham morrido.

Quando ela faleceu, fui organizar o apartamento. Levei três dias. Não pela quantidade de coisas. Havia menos do que eu imaginava. Levei três dias porque cada objeto que eu tirava da gaveta era uma conversa que eu não tinha tido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

Encontrei um bilhete que escrevi quando tinha uns dez anos. Dizia: "Mãe, fui jogar bola na praça. Volto às 5. Não se preocupe." Abaixo, com a letra dela, ela tinha escrito: "Ele voltou às 5h20. Tinha errado a hora."

O bilhete tinha sido guardado por mais de trinta anos.

Encontrei também uma receita médica de 1987, um mapa de uma cidade que nunca visitamos juntos, um pedaço de fita que não sei de

onde veio. Nada disso tinha valor. Tudo isso tinha valor.

O que minha mãe guardava não eram objetos. Eram provas. Provas de que a vida tinha acontecido. De que aquele bilhete existiu porque eu existia. De que aquele ingresso de cinema existiu porque ela e meu pai tinham ido ao cinema em uma noite de 1992 e, por uma hora e quarenta minutos, tinham sido duas pessoas comuns sentadas no escuro, comendo pipoca, rindo de algo que esqueceram na manhã seguinte.

Nós guardamos coisas porque temos medo de esquecer. E esquecer é o equivalente doméstico da morte. É a prova de que algo que existiu deixou de existir na memória. Cada recibo guardado, cada foto na gaveta, cada bilhete amassado é uma tentativa desesperada de dizer: isso aconteceu, eu estive aqui, alguém me viu.

Quando terminei de organizar tudo, joguei fora a maior parte. Fiquei com três coisas: o bilhete que escrevi aos dez anos, uma foto dela

sorrindo na praia, e uma caneta que não escreve mais, mas que ela usava para marcar os dias no calendário da cozinha.

São três objetos que não servem para nada. Que não têm valor comercial, histórico ou prático. Mas que são, cada um deles, a prova de que em algum momento do tempo, em algum lugar do mundo, uma mulher guardou um papelzinho escrito pelo filho com letra torta e escreveu embaixo: "Ele voltou às 5h20. Tinha errado a hora."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

E isso, eu acho, é o que a gente chama de amor. Não a palavra grande dos poemas e das canções. O amor pequeno, miúdo, que cabe em uma caixa de sapato e que sobrevive a tudo, inclusive a quem não está mais aqui para abrir a gaveta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





09

**RENATA MUNHOZ**

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

A escola do Brasil, entre jesuítas e infinitas políticas educacionais

A qualidade do ensino é o eterno foco das discussões sobre a Educação brasileira. Para isso, pensa-se na formação dos professores, no papel social da escola e nas dificuldades enfrentadas pelos estudantes. Em meio a esses debates, raramente nos perguntamos quando surgiu, de fato, a ideia de um ensino organizado pelo Estado no território brasileiro. Embora a educação exista desde os tempos coloniais, a noção de escola como responsabilidade governamental começou a tomar forma na segunda metade do século XVIII, durante as reformas promovidas pelo Marquês de Pombal.

Ao longo de mais de duzentos anos, após a chegada dos portugueses, a educação na colônia era religiosa e esteve sob a responsabilidade da Companhia de Jesus. Desde 1549, os jesuítas fundaram

escolas, ensinaram a doutrina cristã e difundiram a alfabetização entre diferentes grupos sociais. Seu principal objetivo não era exatamente formar cidadãos, mas converter indígenas ao catolicismo, a fim de fortalecer a presença da Igreja nos territórios portugueses.

Durante muito tempo, esse sistema funcionou sem grandes interferências da Coroa. Contudo, o século XVIII trouxe profundas transformações intelectuais para a Europa. Foi o período do Iluminismo, movimento que defendia a razão, o conhecimento científico e a valorização da educação como instrumento de progresso social. Em diversos países, começou-se a questionar o enorme poder político e econômico exercido pela Igreja.

Em Portugal, essas ideias chegaram de maneira mais moderada, mas encontraram um importante representante na figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, posteriormente conhecido como Marquês de Pombal. Nomeado primeiro-ministro pelo rei D. José I, Pombal promoveu uma ampla reorganização administrativa do império português. Seu objetivo era fortalecer o poder

do Estado e modernizar o reino. Apesar disso, estudos provam que a interferência pombalina deveu-se mais à busca do fortalecimento da presença portuguesa na América do que por questões sociais da própria colônia. Para tanto, Pombal tornou oficial a língua portuguesa.

Nesse contexto, a educação passou a ocupar lugar estratégico. Para

Pombal, não fazia sentido que a formação intelectual dos súditos permanecesse sob controle exclusivo dos jesuítas. Em 1759, tomou uma das decisões mais radicais da história portuguesa: expulsou a Companhia de Jesus de todos os domínios do império. De uma só vez, centenas de escolas ficaram sem professores e milhares de estudantes perderam suas referências educacionais.

A medida gerou uma crise imediata. Era necessário substituir rapidamente uma estrutura de ensino construída ao longo de dois séculos. Foi então que surgiram as chamadas aulas régias, financiadas pela Coroa e conduzidas por professores nomeados pelo governo. Na Capitania de São Paulo, um personagem teve papel decisivo nesse processo: Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, mais conhecido como Morgado de Mateus. Governador da capitania entre 1765 e 1775, ele tornou-se um importante executor das reformas pombalinas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Os documentos da época revelam que o Morgado de Mateus valorizava profundamente a educação. Essa preocupação tanto em sua atuação administrativa, quanto em sua vida familiar. Ao escolher uma esposa, por exemplo, considerava indispensável que ela possuísse sólida formação intelectual e refinamento cultural. Sua esposa, Dona Leonor de Portugal, dominava diversas línguas, entre elas o francês, o inglês e o latim, algo bastante incomum para mulheres daquele período.

Mesmo governando a milhares de quilômetros de distância de sua família, o Morgado acompanhava atentamente os estudos dos filhos. Cartas preservadas em arquivos históricos mostram sua preocupação constante com a instrução e a formação moral dos descendentes. A educação, para ele, era um elemento fundamental de distinção social e de preparação para a vida pública.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



Entretanto, a realidade da população paulista era bastante diferente daquela vivida pela elite. A alfabetização permanecia restrita a uma pequena parcela dos habitantes. A maioria das pessoas aprendia apenas os conhecimentos considerados necessários para o trabalho cotidiano, sem acesso à leitura ou à escrita formal. Frequentar uma escola ainda era um privilégio de poucos.

As reformas pombalinas não resolveram imediatamente esse problema, mas marcaram uma mudança significativa. Pela primeira vez, o ensino deixou de ser exclusivamente uma questão religiosa e passou a ser laica. Ressalta-se, contudo, que o direito às aulas régias restringia-se aos homens livres e da elite.

Esse capítulo de nossa história

educacional perdura até os dias atuais, em que ainda se fazem necessários debates sobre assuntos que nunca se encerram, como currículo, gestão escolar e formação docente. As discussões sobre o fazer educacional sempre têm (ou deveriam ter!) em vista um ensino de qualidade e acessível a todos os brasileiros em idade escolar.



LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

Colunista Renata Munhoz

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





08



SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.

AS INFÂNCIAS, AS CRIANÇAS E AS CONDIÇÕES DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

Embora, pareçam termos semelhantes, criança e infância designam ideias distintas. De fato, a criança sempre existiu, mas, a infância é uma construção moderna; uma construção social que existe desde o século XVII e que representa um conjunto de crenças usadas para estruturar certos dispositivos de socialização e de controle.

De tal modo, a infância não é determinada apenas por questões biológicas, mas, por condicionantes culturais, sociais, históricos etc. Assim, há componentes diversos que servem para definir não só o tempo que compreende a infância, mas, também para estabelecer o que é próprio desse período. Entretanto, a questão que merece reflexão

é que de que, certamente, a infância de hoje não é semelhante à infância do século passado, nem tampouco a infância da criança pobre pode ser comparada à infância de uma criança rica.

Com tal compreensão, nos parece claro porque é tão difícil compreender as infâncias, tendo em vista que este é um conceito que só pode ser definido a partir de determinados contextos e épocas e que se ligam a muitos aspectos: econômicos, culturais, políticos, sociais, religiosos, condições de deficiência etc. Desse modo, é importante que se compreenda que temos crianças vivendo infâncias distintas. Algumas sofridas, abusivas, excludentes, enquanto outras podem usufruir de uma infância tranquila.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

Segundo os estudos de Áries (1986), o conceito de infância é, portanto, mutável e condicionado a muitos fatores contextuais. Mas, em linhas gerais, os historiadores e sociólogos concordam que até a Idade Média a ideia de infância não existia como uma construção social que designaria um determinado período do desenvolvimento da vida. Mas, hoje, é quase consenso que a infância precisa ser vista sob o prisma da diferença e não da igualdade.

No passado, não havendo um entendimento acerca do desenvolvimento infantil e de suas peculiaridades, a preocupação em torno da educação das crianças se resumia basicamente em inseri-las no universo adulto, o quanto antes. Assim, logo que possível, as crianças acompanhavam os pais em seus trabalhos, compromissos e divertimentos. As crianças aprendiam, então, fazendo o que os adultos faziam; reproduzindo os mesmos papéis sociais.

Para os estudiosos da temática, é somente a partir do século XVII que vai se demarcar as linhas divisórias entre o mundo da criança, que passa a ser denominado de infância, e o mundo dos adultos. As contribuições oriundas da psicologia, da medicina, da Pedagogia ajudam nesse processo. Antes disso, o infanticídio era tolerado e não se percebiam esforços para cuidar ou proteger as crianças, não se reconhecia sua vulnerabilidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

É, somente a partir dos primeiros estudos científicos realizados que começa a se desenhar a infância como um período com características próprias e comuns ao desenvolvimento infantil. Nomes como Rousseau, Pestalozzi, Froebel inauguram novo olhar sobre a criança e capturam, com focos diferentes, uma essência do que seja próprio do universo infantil e que se distingue do mundo adulto.

Tais descobertas definem, em certa medida, o que seria a normalidade infantil, e, embora, seja um grande passo no entendimento da infância, ainda, é possível identificar desconsideração sobre os contextos sociais, econômicos, culturais, his-

tóricos, dentre outros. Doravante é possível identificar, como resultado do novo olhar sobre a infância, o surgimento de uma educação voltada para esse público. Entretanto, cabe destacar que a infância, em seu nascedouro, é vista como infância única, padrão, generalizada.

Nesse contexto, as crianças que divergiam dos padrões da normalidade infantil instituída, ainda permanecerão à margem, portanto, sem atenção, proteção, cuidados ou acesso à educação. Esse é o preço a ser pago por ser uma criança com deficiência. Assim, enquanto as crianças sem deficiência são acolhidas, as crianças com deficiência foram excluídas.

De fato, no passado, quando as crianças eram vistas como pequenos adultos, tendo que se vestir, se comportar etc. como se tivessem maior idade; como se fossem miniaturas dos seus cuidadores ou responsáveis, àquelas com deficiências não conseguiram atender a tais expectativas sociais. Em seguida, com o advento das pesquisas na área, as crianças sem deficiência são compreendidas nas suas singularidades e, libertas dos papéis adultos, encontram um lugar para si. Mas, as crianças com deficiência seguem sem nenhuma atenção as suas necessidades.

Nessa perspectiva, apesar dos avanços, essa concepção evolutiva do desenvolvimento humano e, da criança, em particular, é promotora de uma ideia de infância universal, o que levaria a grandes problemas no modo como a sociedade olhar para os divergentes do padrão esperado, considerado normal. Diferentes espaços sociais se apropriaram desses conceitos para o estabelecimento de suas práticas. A escola não é diferente. Assim, quando se estabelece o que seria normal na infância, tudo o que está fora desse padrão, é anormal. A criança anormal é, então, a criança com deficiência.

De tal maneira, séculos se seguem sem que se identifiquem esforços para proteger, cuidar ou educar as crianças com deficiências. Para elas, resta a exclusão. São os pais organizados que criam instituições para promover espaços de pertencimento para as crianças com deficiência. Nasceram as instituições especializadas. Hoje, são vistas como lugares de segregação, mas, à época, cumpriram importante papel no atendimento das necessidades de crianças com deficiências.

No contexto brasileiro o reconhecimento da infância ocorre de maneira bastante tardia. É, somente na Constituição de 1988, que a criança tem seu direito garantido por lei, especialmente no campo educacional. Outro grande passo para a infância se dá com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde é possível vislumbrar todo o esforço em garantir plenos direitos à infância brasileira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

Na mesma direção, documentos nacionais reafirmam os direitos das crianças à educação e paulatinamente constroem políticas públicas para as infâncias. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trás diversas referências à Educação Infantil, que passa a integrar a Educação Básica, sendo sua primeira etapa dentro de uma perspectiva de integralidade, onde as crianças são compreendidas como seres complexos e com vários aspectos a serem considerados: cognitivo, físico, psicológico, intelectual e social.

Além destes dispositivos legais, outros referenciais contribuíram com a construção da política educacional para a infância. Com destaque para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI), de 1998 e a Base Nacional Comum Curricular, (BNCC) de 2017, como importantes instrumentos propõe uma reflexão sobre o papel das creches e das pré-escolas para a infância brasileira, além de discutir as concepções de criança, de educação, das instituições e dos profissionais no desenvolvimento infantil.



Mas, muito embora, os textos mencionados se refiram às crianças, de modo geral, parece que não foram suficientes para abarcar as crianças com deficiência, que ainda seguiram sofrendo com a negação de direitos. Ainda que a legislação brasileira já houvesse definido a necessidade de proteção daqueles que, em determinada faixa etária estão em maior vulnerabilidade física, psicológica e social, as crianças com deficiência não foram amparadas como sujeitos de direitos.

Nessa perspectiva, foi preciso que outros dispositivos legais fossem criados, a exemplo da Política Nacional de Educação Especial (1994), da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva (2008), da Lei Brasileira de Inclusão (2015) ou do Decreto 12.686 (2025), para que, enfim, se estabeleça o direito para crianças com deficiências como ponto pacífico no debate nacional e para que, a partir destes documentos seja possível cobrar ações da sociedade e do Estado frente a esse grupo, há muito negligenciado.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/08/2026"

Colunista Sandra Santiago

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

A Arte Literária



IMAGEM GERADA POR IA - usando SEAMART. AI sob a direção de Tiana Lavina, Criada em 01/08/2026

“O Lutador”

*Lutar, lutar com palavras
é a luta mais vã.
Enquanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
(...)*

*Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
Aceito o combate.*

Carlos Drummond de Andrade

Das várias manifestações da Arte, a Literatura, na sua forma mais pura que é a Poesia, expressa por meio das palavras, seus sentimentos, ideias, anseios e sua maneira peculiar de existir no mundo. Com toques “mágicos”, borda as palavras nas brancas telas de pa-

pel. Sua arte, assim como as outras expressões artísticas, tem o poder de recriar o mundo e criar novos mundos.

Um por do sol descrito em poesia, é um novo por do sol, este foi criado pelo poeta.

Todo artista é um criador de mundos. O escritor é um artífice da palavra.

"A linguagem é o material da literatura, tal como a pedra ou o bronze o são da escultura, as tintas da pintura, os sons da música. Mas importa ter presente que a linguagem não é uma matéria meramente inerte como a pedra, mas já em si própria uma criação do homem".

(René Wellek e Austin Warren)

A Matéria Prima da Literatura

Diferente da pintura, da música, da escultura e da dança, a Literatura trabalha com a linguagem verbal. O escritor, para transformar as palavras em arte, pode potencializar sua maneira particular de ler o mundo.

O poeta crítico Ferreira Gullar, assim se manifesta sobre essa transformação simbólica do mundo:

“A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer que o artista cria um mundo outro - mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado- por cima da realidade imediata.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

Naturalmente, esse mundo outro que o artista cria e inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem, enfim de sua visão de mundo.

Nas mãos do escritor, as palavras abandonam o sentido único do dicionário e recebem nova "vida" com a riqueza de artifícios que o autor tem a liberdade de utilizar para carregá-las de múltiplos significados. Por exemplo: metáforas, imagens e ritmos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

A Literatura Como Um Espelho da Condição Humana

Cada mente humana, um universo particular. Somos capítulos de uma história universal, nossa essência mais pura merece um espaço no mundo, no qual possamos nos expressar artisticamente. Um pouco de nós derramado num papel ou na tela), poderá trazer uma dose extra de encantamento ao leitor. Nossa escrita é a nossa marca pessoal. Não é preciso impressionar, porém, é importante ser e estar presente no grande livro do Universo chamado de Vida.

Ao dizer que a Literatura é um espelho da condição humana, é preciso ampliar o sentido dessa metáfora. Não falo de um espelho plano, fixo, de vidro polido que reflete com frieza aquilo que se apresenta a sua frente. Falo de um espelho flexível que dobra, amplia, refrata e revela camadas da existência invisíveis a um olhar sem preparo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

Uma Realidade Transfigurada

A literatura não é feita apenas de ideias, sentimentos e palavras. Como disse Alceu Amoroso Lima, "A palavra é o elemento material intrínseco do homem das letras para realizar sua natureza e alcançar seu objetivo artístico".

Ezra Pound destacou que, "A literatura é a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível". Não se faz literatura apenas com ideias e sentimentos. O que pensamos e sentimos ainda não é Poesia, não é Poesia, mas pode vir a ser. Para isso é necessário penetrar no reino infinito das palavras. Não a palavra estática em estado de dicionário, mas a palavra que recebe vida pelas mãos do artista das letras. Cada palavra, se observada atentamente, tem mil faces secretas abaixo da face neutra que se lê no dicionário.

Falo de um espelho que capta subjetividade, cuja percepção expõe máscaras da superfície humana. Na literatura, essa camada superficial que usamos no cotidiano é totalmente rompida e desvelada.

Na leitura encontramos aspectos ambivalentes em nós mesmos, por meio de personagens de uma obra literária ou

de textos reflexivos e desafiadores.

Somos também o universo interior das nossas próprias imperfeições.

Descobrimos na Literatura que a confusão interna que vivenciamos não é apenas uma fraqueza individual, mas uma marca da natureza humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

*"Por cima do abismo
estende-se minh' alma
Tensa como um cabo
Onde me equilíbrio,
Malabarista de palavras".*

(Maiakóvski)

Vale salientar que a função poética não é exclusiva da Poesia, podemos encontrá-la em textos escritos em prosa, anúncios publicitários, e mesmo na linguagem cotidiana.

Um lindo exemplo da função poética na linguagem está neste texto de Guimarães Rosa:

"Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser. Os lugares, o Mutúm - se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E Miguilim mesmo se achava diferente de todos. Ao vago, dava a mesma ideia de uma vez, em

que, muito pequeno, tinha dormido de dia, fora de seu costume - quando acordou, sentiu o existir do mundo em hora estranha, e perguntou assustado: - Uai, mãe, hoje já é amanhã?!".

Querido leitor, meu coração fica aquecido ao ler (e sentir), a riqueza poética que emana dos textos de tantos escritores que me é impossí-

vel mencionar. Por isso, sempre que venho deixar uma leve presença no espaço desta maravilhosa Revista @thebard, deixo algo relacionado a arte e a Literatura.

Sou grata a quem me lê por aqui, e grata, especialmente a @revistathebard que me acolhe por aqui.

A Busca de Sentido

A vida real não apresenta um sentido numa narrativa clara e organizada. A vida real é injusta, desorganizada, incoerente e desprovida de um sentido claro. Neste "mar" de estranhamentos, navegamos na maior parte do nosso tempo no planeta. Mas, o coração humano é por natureza, inquieto e busca quase que por instinto, uma certa esperança que ordene o caos que o cerca.

Ao organizar eventos em sequência, mesmo que fragmentada e não linear, a Literatura cria um espaço de significação. Ela não exige que o mundo faça sentido, mas cria um microcosmo onde a dor, a alegria e o conflito ganham um novo formato de beleza, encanto e propósito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

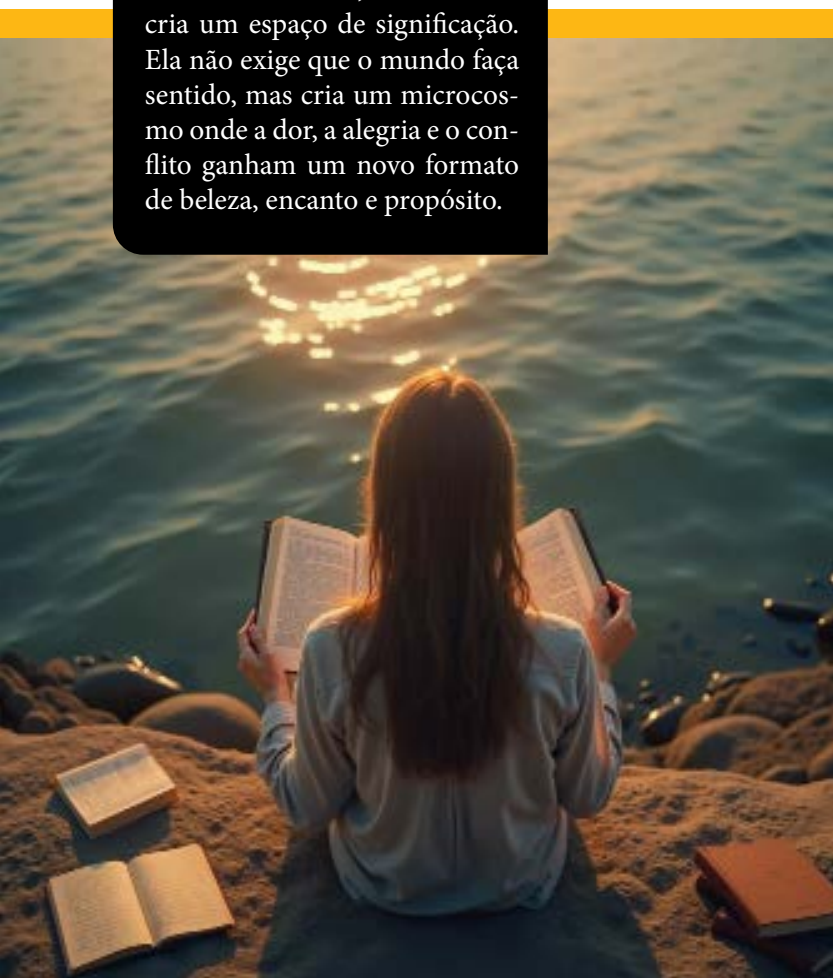


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

Os melhores livros, não nos oferecem manuais ou normas de conduta. Em vez disso, aprimoram as nossas perguntas e expandem a nossa consciência.

Ao mesmo tempo que a literatura nos aproxima dos personagens que ela cria, nos coloca num lugar de contemplação.

A beleza da Literatura é um pequeno mundo que eleva os nossos pensamentos e colore a nossa alma.

*"Ler é encostar no tempo".
(Elke Lubitz)*

A arte e a literatura na sua forma mais pura não dependem do tempo. Seu valor é atemporal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

Conclusão

Da finitude da vida estamos cientes, desde a antiguidade este tema vem sendo debatido no campo filosófico e teológico.

Há algo além da vida?

Poderemos alcançar a eternidade? Existe vida após a vida?

Como desvendar os mistérios da consciência humana?

Muitas são as indagações relacionadas a consciência humana e a finitude da vida.

Posso dizer, por ora, que enquanto houver uma história a ser contada, um poema a ser criado, enquanto o ato de escrever e ler o mundo nos desafiar, haverá um re-

fúgio na palavra impressa. O ato de escrever desafia e tempo e rompe o isolamento. Nos transporta a outros mundos e nos conecta a outros corações.

As palavras ficam, tornam-se eternizadas alcançando o além tempo na alma de quem as lê e as guarda.

Sejamos, amigos leitores, palavras conectadas às almas que alcançamos.

A literatura, portanto, não é simplesmente um registro do que fomos ou um reflexo do que somos, ela é um espaço em que nos tornamos infinitos.

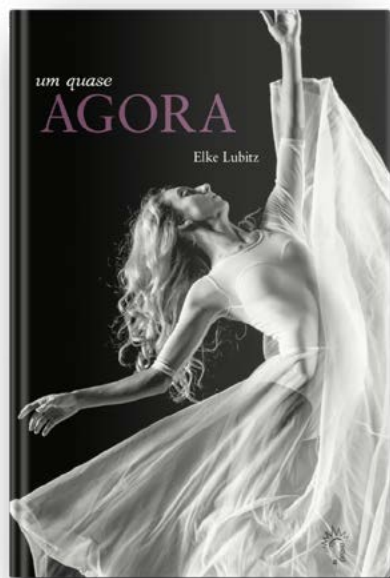
Meus agradecimentos,

Elke Lubitz



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/08/2026"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



05



RUTE ELLA DOMINICI



Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de *Mar Germinal* e *Lava Incontida*, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.

A Guerra em Primeira Pessoa

Memória, consciência e a reconstrução
da condição humana

"A verdadeira paz talvez não seja a ausência da guerra, mas a coragem de permanecer humano quando tudo parece conspirar contra a humanidade."

Rute Ella Dominici

A guerra costuma ser narrada pela história oficial através de mapas, tratados diplomáticos, estratégias militares e estatísticas. Conhecemos datas, números de vítimas e nomes de batalhas. Contudo, por trás de cada dado existe uma existência interrompida, uma memória fragmentada e uma consciência profundamente transformada pela violência.

Poucos acontecimentos revelam tão intensamente a fragilidade da condição humana quanto os conflitos armados. Eles não destroem apenas cida-

des, monumentos e fronteiras. Desorganizam a linguagem, silenciam afetos e alteram a forma como as gerações futuras compreendem a própria humanidade.

Este ensaio propõe deslocar o olhar da narrativa histórica para a experiência humana. A guerra deixa de ser observada apenas como um acontecimento coletivo para tornar-se experiência íntima, inscrita na memória de indivíduos, famílias e povos. É na primeira pessoa que a dor adquire rosto, voz e permanência.

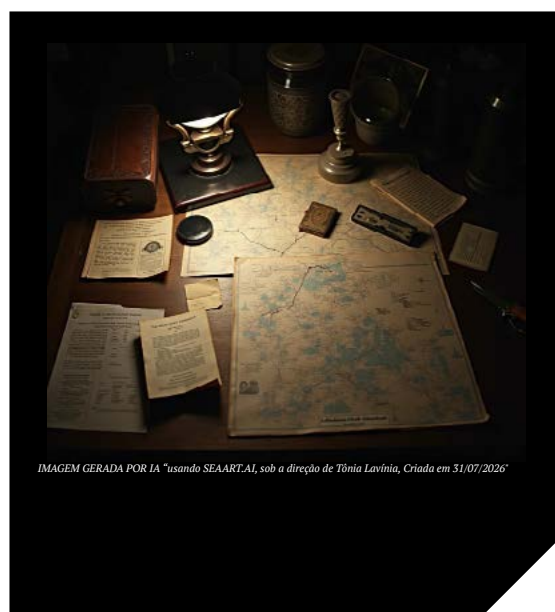


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

A literatura ocupa, nesse contexto, um lugar singular. Enquanto a história registra acontecimentos, a literatura preserva aquilo que dificilmente pode ser quantificado: o medo, a ausência, a culpa, a esperança e a lenta reconstrução da dignidade humana. Ela transforma a memória em responsabilidade ética.

Ao refletir sobre Hiroshima, sobre as mulheres que sustentam a continuidade da vida e sobre a permanência das lembranças nas gerações se-

guintes, este texto não pretende oferecer respostas definitivas. Busca, antes, reconhecer que toda civilização depende da capacidade de recordar sem transformar a memória em instrumento de ódio.

Lembrar não significa permanecer aprisionado ao sofrimento, mas impedir que a violência seja naturalizada. Quando a memória permanece viva, ela se converte em consciência; quando a lucidez permanece desperta, torna-se possibilidade de paz.

I - A Guerra em Primeira Pessoa

“Toda guerra começa quando o outro deixa de ser reconhecido como semelhante.”

Existe uma diferença profunda entre estudar uma guerra e sobreviver a ela. A primeira atividade pertence ao domínio da análise histórica; a

segunda modifica irreversivelmente a percepção da existência. Nenhuma estatística consegue traduzir o instante em que uma criança compreende o significado da perda, nem o silêncio que permanece após o desaparecimento daqueles que davam sentido ao cotidiano.

Nesse contexto, a primeira pessoa deixa de ser mero recurso narrativo para transformar-se em lugar de resistência. Dizer “eu” significa afirmar que existe uma consciência que não foi completamente reduzida à lógica da destruição. A identidade sobrevive mesmo quando tudo ao redor parece destinado ao desaparecimento.

A literatura testemunhal tornou-se um dos maiores patrimônios da memória contemporânea exatamente porque restitui nomes, rostos e emoções às vítimas. Ao narrar a experiência individual, revela aquilo que permanece invisível nas descrições gerais da história: a singularidade da dor humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

A guerra rompe a continuidade da vida ordinária. O tempo deixa de ser organizado por projetos e passa a ser medido pela sobrevivência. Cada dia representa uma conquista incerta, cada despedida pode tornar-se definitiva, cada gesto cotidiano adquire inesperada dimensão ética.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

A guerra produz também deslocamentos interiores. Sobreviver implica conviver com lembranças fragmentadas, culpas silenciosas e perguntas sem resposta. O trauma não termina quando cessam os combates; prolonga-se na memória, influenciando relações familiares, escolhas pessoais e a maneira como novas gerações compreendem o passado.

Recordar, portanto, não significa cultivar ressentimento. A memória transforma-se em exercício de re-

sponsabilidade. Ela impede que a violência seja reduzida a simples acontecimento histórico e recorda continuamente que cada conflito nasce, antes de tudo, da recusa em reconhecer plenamente a humanidade do outro.

Assim, toda narrativa em primeira pessoa torna-se também uma narrativa coletiva. Ao escutar uma única voz, reconhecemos milhares de outras que permaneceram silenciadas pela destruição.

II - A Mulher em Primeira Pessoa

"Onde a guerra interrompe a vida, muitas mulheres preservam a memória."

As guerras foram frequentemente narradas pelos vencedores, pelos generais e pelos líderes políticos. Entretanto, existe uma outra história, menos visível e igualmente decisiva: aquela preservada pelas mulheres.

Enquanto o conflito reorganiza fronteiras e estruturas políticas, mulheres sustentam aquilo que

permanece essencial à continuidade da existência: o cuidado, a transmissão da memória, a preservação da infância e a reconstrução cotidiana da esperança.

Elas experimentam perdas múltiplas. Perdem companheiros, filhos, lares, estabilidade e, muitas vezes, a própria identidade construída antes da violência. Ainda assim, assumem silenciosamente o trabalho de reorganizar a vida quando os combates terminam.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Não se trata de idealizar a figura feminina, mas de reconhecer uma dimensão histórica frequentemente negligenciada. A memória coletiva de inúmeros povos foi preservada por relatos orais, diários, fotografias, cartas e gestos cotidianos mantidos sobretudo pelas mulheres.

A maternidade, compreendida aqui em sentido amplo como capacidade de proteger e transmitir a vida, converte-se em resistência ética diante da destruição. Mesmo quando tudo parece perdido, permanece o compromisso de impedir que o esquecimento complete aquilo que a guerra iniciou.

A literatura registra inúmeras personagens femininas que atravessam conflitos sem perder completamente a capacidade de compaixão. Elas não representam ingenuidade, mas coragem moral.

Ao narrar a guerra em primeira pessoa feminina, a literatura amplia nossa compreensão da violência. Ela mostra que a reconstrução de uma sociedade começa muito antes da assinatura de tratados diplomáticos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

“A modernidade nos deu o poder extraordinário de prolongar a vida, mas também de destruí-la em escala impessoal, quando a guerra deixou de ser ato de coragem individual para se tornar engrenagem de sistemas burocráticos.”

III - A Modernidade e a Guerra em Terceira Pessoa

“A técnica amplia o poder humano; somente a consciência pode limitar seu uso.”

A modernidade proporcionou extraordinários avanços científicos, tecnológicos e econômicos. Contudo, o mesmo conhecimento capaz de prolongar a vida também produziu instrumentos de destruição jamais imaginados pelas gerações anteriores.

Ao longo do século XX, a guerra deixou de depender

exclusivamente da coragem individual dos combatentes para tornar-se resultado de sistemas burocráticos altamente organizados. A violência passou a ser administrada por estruturas impessoais.

Hannah Arendt observou que o mal pode apresentar-se não apenas como manifestação de crueldade consciente, mas também como resultado da incapacidade de pensar criticamente sobre os próprios atos.

Nesse cenário, a literatura recupera aquilo que a burocracia tende a apagar: a singularidade humana. Ao devolver nomes às vítimas e sentimentos às estatísticas, rompe a impessoalidade produzida pelas grandes máquinas administrativas da guerra.

A técnica não possui, em si mesma, orientação moral. Ela amplia possibilidades. Cabe à consciência humana decidir se o conhecimento será utilizado para preservar ou destruir a vida.

A verdadeira modernidade talvez não resida apenas na capacidade de criar tecnologias cada vez mais sofisticadas, mas na maturidade de utilizá-las em favor da dignidade humana.

IV - Cartografia da Memória

“A memória não pertence apenas ao passado; ela orienta a responsabilidade do futuro.”

A memória constitui um dos fundamentos da identidade humana. Não é apenas um arquivo de acontecimentos, mas um processo vivo pelo qual indivíduos e sociedades interpretam a própria existência. Após os grandes conflitos do século XX, recordar tornou-se também um imperativo ético.

As guerras não terminam quando cessam os disparos. Permanecem inscritas nos corpos, nas narrativas familiares e na cultura dos povos. O trauma atravessa gerações, moldando percepções, medos e formas de compreender o mundo.

Paul Ricoeur observa que recordar exige respon-

sabilidade. A memória precisa preservar a verdade sem alimentar o ressentimento. Esquecer completamente favorece a repetição da violência; permanecer aprisionado ao passado impede a reconstrução da vida.

A literatura torna-se espaço privilegiado dessa elaboração. Ela transforma lembranças em linguagem, oferecendo à dor um lugar de permanência que não se reduz à repetição do sofrimento. Assim, a memória deixa de ser apenas recordação e converte-se em compromisso com o futuro.

Cartografia da Memória — Os grandes massacres do século XX

Primeira Guerra Mundial (1914–1918): cerca de 20 milhões de mortos. Deixou uma Europa devastada e inaugurou a guerra industrial em larga escala.

Hiroshima e Nagasaki (1945): aproximadamente 200 mil mortos entre vítimas imediatas e posteriores à radiação, marcando o início da era nuclear.

Guerra da Coreia (1950–1953): cerca de 3 milhões de mortos, consolidando a divisão da península coreana.

Guerra do Vietnã (1955–1975): aproximadamente 2 a 3 milhões de mortos, deixando profundas marcas humanas, ambientais e políticas.

Genocídio Cambojano (1975–



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMPTAI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 31/07/2026"

Genocídio Armênio (1915–1917): aproximadamente 1,5 milhão de vítimas, considerado um dos primeiros genocídios do século XX.

Segunda Guerra Mundial (1939–1945): entre 70 e 85 milhões de mortos, incluindo o Holocausto, o maior conflito da história humana.

Holocausto (1933–1945): cerca de 6 milhões de judeus assassinados, além de milhões de outras vítimas perseguidas pelo regime nazista.

1979): cerca de 2 milhões de vítimas, consequência do regime do Khmer Vermelho.

Guerras dos Bálcãs (1991–1999): aproximadamente 140 mil mortos, marcadas por limpeza étnica e pelo massacre de Srebrenica.

Estima-se que mais de 100 milhões de pessoas tenham perdido a vida em guerras e conflitos do século XX, tornando-o o período mais violento da história contemporânea e um permanente chamado à responsabilidade ética e à preservação da memória.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMPTAI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 31/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

V - Hiroshima: Quando a Ciência Ultrapassou a Consciência

"O conhecimento alcança sua grandeza quando permanece inseparável da responsabilidade."

Hiroshima permanece como um dos símbolos mais contundentes da capacidade humana de produzir destruição em escala inédita. Em poucos segundos, milhares de vidas foram interrompidas, e os efeitos físicos, psicológicos e ambientais prolongaram-se por décadas.

O episódio não representa apenas um marco militar. Ele inaugura uma reflexão perma-

nente sobre os limites éticos do progresso científico. A inteligência técnica mostrou-se extraordinária; a consciência moral revelou-se insuficiente para impedir a devastação.

O Memorial da Paz de Hiroshima permanece como testemunho silencioso dessa responsabilidade histórica. Mais do que preservar ruínas, convida a humanidade a reconhecer que nenhum avanço científico pode ser separado de suas consequências humanas.

VI - Como a Flor de Hiroshima

"Hiroshima, mon amour" À Marguerite Duras

"À memória daqueles cuja ausência continua a ensinar a humanidade a florescer"

Uma bomba julgou estéril o solo da fertilidade. Apesar da devastação homicida, houve um impulso; na vila morta, célere, a vida.

A flor de Hiroshima floresce. Se apenas sobrevivesse, seria somente um símbolo biológico.

Mas florescer é um verbo da alma, metáfora da resiliência, a serenidade que ensaia novamente a vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"



A cinza acreditava possuir a última palavra. A flor respondeu em perfume: imagem singela da extraordinária continuidade.

O perfume não tem corpo nem ocupa espaço. Não se deixa aprisionar; expande-se, transcende. E do massacre, gesto agreste, a poesia se consagra.

Não reconstrói edifícios, nem desfaz explosões. Não devolve os mortos às suas imensidões.

A flor não explica a tragédia,

mas transforma suas dimensões.

A bomba definia a terra como o último vazio. A vida, porém, recusa o verbo desistir.

A consciência, em floração, renasceu na natureza, porque florescer é escolha da alma, e quando a cinza imaginou ser a última palavra.

A flor de Hiroshima poetizou o perfume na forma mais delicada de negar a violência.

O amor permanece em plena liberdade, sem fronteiras nem espaços definidos.

Persiste quando a matéria desaparece e o silêncio dialoga com as memórias que não cabem na linguagem: colecionam perfumes que devolvem à humanidade, não os seus mortos, mas o fôlego que a dor acreditava ter extinguido.

Porque a matéria do absurdo torna-se cinza: o obscuro, mas na alma o último verbo é florescer:

Hiroshima, mon amour.
Rute Ella Dominici

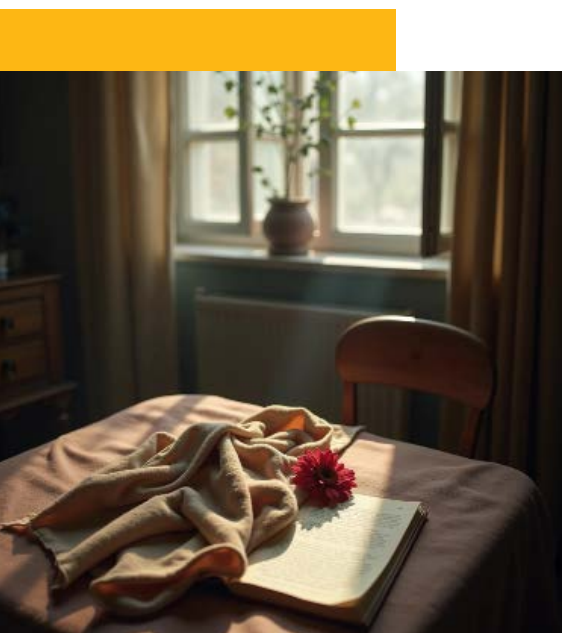


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Epílogo - Eu, Sobrevivente

"Sobreviver é transformar a memória em responsabilidade."

Não sobrevivi apenas às guerras inscritas na história. Sobrevivi às guerras silenciosas que atravessam consciências, fragmentam afetos e desafiam continuamente a condição humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

Compreendi que a paz não se estabelece apenas pelo fim dos conflitos. Ela começa quando reconhecemos no outro a mesma dignidade que desejamos preservar em nós. Esse reconhecimento transforma a memória em compromisso ético e impede que a violência encontre no esquecimento um novo abrigo.

A literatura participa dessa reconstrução ao conservar aquilo que a destruição não consegue alcançar: a experiência humana. Enquanto houver quem escreva, leia e recorde, permanecerá viva a possibilidade de uma cultura fundada na responsabilidade, na compaixão e na esperança.

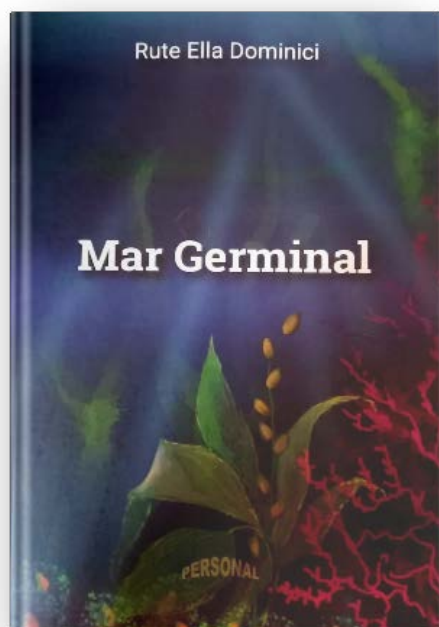
Talvez essa seja a mais profunda vocação da palavra: lembrar que, mesmo depois das maiores ruínas, a humanidade ainda pode escolher florescer.

Que este trabalho encontre leitores capazes de reconhecer que, mesmo diante da devastação da matéria, a literatura continua sendo uma forma de preservar a humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 31/07/2026"

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLONISTA RUTE ELLA DOMINICI

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



15



CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

Uma conversa com a menina que ainda mora em mim



Engraçado como eu ainda procuro por você sem encontrá-la nos vãos da história. Sempre aparece nas memórias que o tempo não apagou. Nunca nos espaços, sempre no todo.

E já que te encontrei de novo, hoje quero conversar. Falar de nós: como aprendemos a enfrentar as dificuldades, como driblamos as decepções, como as responsabilidades chegaram, como os sonhos cederam lugar à realidades difíceis de entender. Mas falemos de períodos bons e chegar à escola foi um deles. A imaginação sempre passeou pelas salas de aula entre tabuadas, versos e experiências com insetos. O terreno novo abriu um mundo de descobertas a uma menina de 6 anos. Aprendi a dividir o lanche, a esperar a vez de falar, a respeitar as diferenças... e eram tantas..., a

cantar o Hino Nacional sem entender tantas palavras, a viajar nas histórias folclóricas, a entoar cantigas populares, enfim, a viver como criança-aluna. As professoras eram deusas olímpicas que chegavam em fuscas coloridas sorrindo e oferecendo sacolas para segurarmos, era uma disputa entre a criançada. Elas estavam sempre bem vestidas e perfumadas exibindo sorrisos e andando de salto alto.

Que impacto causavam... creio que elas nem se davam conta disso, mas eram as favoritas das salas que coordenavam. Amadas por todos os alunos.

Os anos iniciais transcorreram depressa. Estudar era prazeroso quando os professores eram compromissados e a escola pública era de primeira qualidade.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

Chegou o tal “ginásio”. Quatro anos de um novo ciclo. Nem de longe, imaginava que conheceria uma professora que me inspiraria profundamente. A professora Sheila de Língua Portuguesa. Com ela conheci poetas e escritores brasileiros e mundiais. Encantei-me com Shakespeare, viajei com Júlio Verne, fiquei apaixonada por José de Alencar e reconheci os sarcasmos de Machado de Assis. Ela sempre levava livros para os alunos lerem. Assim que a tarefa estava finalizada, era permitido pegar um livro para leitura. Era o momento mágico da aula. Ali nascia a leitora voraz que me tornei. Os livros sempre foram companheiros e nunca abri mão de tê-los por perto. Até hoje.

Mais um novo ciclo veio e depois

a primeira faculdade. Letras, é claro!

A Educação moldou meus ideais e lá fui eu para as salas de aula sempre tentando me espelhar naquela mestra que tanto tocara meu coração.

Sabe, estou adorando nossa conversa hoje. Fazia tempo que não remexia nesse baú de lembranças tão especiais, mas falar dessa fase da minha vida, me deixa feliz. Obrigada por escutar com atenção, querida.

Estive por mais de trinta anos envolvida com a Educação e a querida professora Sheila sempre esteve comigo. Foi modelo que procurei seguir o mais fielmente que pude.

Veja você, como a escola nos lapi-

da. Para mim, foi palco de amizades que mantenho até hoje, de lembranças deliciosas e de vivências que me tornaram a pessoa que sou hoje. Se fechar os olhos e ficar em silêncio, consigo ver cenas divertidas, apresentações e coral, namoros inocentes, brincadeiras, confissões, avaliações assustadoras, chamada oral... enfim nem tudo era só alegria e festa, mas estar na escola pública num período em que ela era disputada, foi e sempre será motivo de orgulho para mim e para você também, não é mesmo?

A escola me alfabetizou na palavra, mas a infância simples e vivida cercada de boas pessoas, me tornou a mulher que sou. Cresci, mas a escola nunca saiu dos meus caminhos.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"





Por escolha.

Quis ser aquela que ensinava e aprendia. Muitos alunos tornaram-se amigos. O sentimento de pertencimento a essa área sempre foi real em mim.

É por tudo isso que sempre volto para falarmos mais um tantinho desse tempo tão bom.

Você me ensinou a ter garra e a nunca desistir. Os desafios sempre foram escritos em vermelho; entretanto, o certo e o errado em cada página do caderno foram incentivo para melhorar. Sou resiliente, mesmo em tempos onde a pressa limita a imaginação e o encantamento cede lugar à rotina, gosto de viajar nos detalhes e na escrita.

Talvez seja por isso que ainda volto até você.

Gosto de lembrar que a sensibilidade ainda me move e faz brotar lágrimas bobas em mim e gos-

to mais ainda porque sei que você não me julga. Está sempre pronta para me ouvir.

Obrigada por nunca deixar morrer a vontade de aprender. Sempre gostei do ato silencioso de mergulhar nos livros. Estudar é algo que me fascina. A curiosidade com o novo, às vezes, me assusta. Hoje tudo é muito digital, rápido demais. Sou lenta nesse quesito, ainda. Esforço-me, porém, para desvendar essas tecnologias modernas e quando consigo progredir, você festeja comigo e me incentiva a continuar.





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

Obrigada por mostrar que os livros tinham cheiro de aventura, (O hábito de cheirar livros chama-se bibliosmia e acontece devido à química do papel e à ativação da memória afetiva no cérebro) que os cadernos eram mundo em branco esperando minha escrita e que a escola era um lugar onde o futuro começava a ser desenhado com lápis e mãos pequenas.

Obrigada por acreditar em mim. Muitas vezes nem eu mesma acreditei. Fase complicada. Juventude enxuta demais.

Por isso continuo procurando você: toda vez que a encontro, e sempre isso acontece, é claro, lembro quem somos.

E talvez seja essa a maior lição que aprendemos juntas: o respeito por tudo que vivemos e por quem nos tornamos.

Somos, sem sombra de dúvida, amigas-parceiras-confidentes e como tal hoje preciso revelar um segredo há muito guardado. Sinto-me um pouco mal por isso, porém já que estamos em conversa íntima, sinto-me impelida a lhe contar que houve um tempo em que não queria ter você por perto. Era uma mistura de revolta, tristeza, incompreensão, melancolia, falta de horizonte, desânimo... na verdade, queria que você sumisse para bem longe. Estava de mal com o mundo e comigo mesma culpando você pelas falhas do percurso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

O sentimento de coitada que eu sentia era quentinho como um cobertor felpudo. Gostava de me enrolar nele e ficar vendo a tevê global.

Pobrezinha... você ficou tão encolhida em si mesma que demorou um tempão para te reencontrar aqui dentro. O tempo, senhor da vida, porém, se encarregou de me lapidar. Eu voltei ao eixo e a vida voltou aos trilhos. Assim, fiz as pazes comigo e sorri para você te ven-

do em mim de novo.

Nossa história se fortaleceu nesse tempo e as mazelas ficaram no passado. A roda gigante move girando os dias e tudo vai se ajustando. Nem sempre da forma que desejamos, mas da maneira que seja melhor para o todo. Assim aprendi.

Virar adulto é isso: enfrentar o mundo e seguir em frente apesar de.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAA RT AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

Obrigada por ter paciência comigo e por pegar na minha mão com carinho todas as vezes que foi preciso.

Talvez seja por isso que hoje eu a procure com tanta frequência.

Não apenas para reviver o passado, mas para compreender quem me tornei. Você continua morando em mim, pertencemos uma à outra. Somos um misto de afetos, descobertas, crescimento e vida compartilhada.

Todos os dias, escolho validar sua existência na

minha história porque abandoná-la seria deixar a melhor parte de mim para traz. Foi você que me ensinou a sonhar medindo todas as possibilidades e sou fruto das construções que edificamos ao longo do tempo.

Caminhamos lado a lado rumo ao amanhã, mesmo que totalmente incerto.

No fim das contas, querido leitor, a infância não é um lugar distante para onde voltamos o olhar. É o início da jornada mais espetacular que um ser humano pode viver... a vida!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

A magia de estar vivo e querer ser feliz é o que nos torna tão especiais e é na infância que toda semente germina. Acreditar que é possível fazer a diferença para si mesmo em primeiro lugar - seja quebrando ciclos, seja abrindo novas rotas - ou para o universo, é mola propulsora na construção da nova semana. Isso é fazer valer a oportunidade que se recebe ao nascer.

Faça as pazes com a criança que mora aí em você!

Deixe-a respirar, correr e sonhar de novo.

Abrace-a com carinho e, principalmente, ouça o que ela tem a dizer. Sempre!!

Fica bem.

CrisGomes



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

Conheça o tecido/pano samacaca em Angola e sua relação com a diáspora africana

O historiador senegalês Cheikh Anta Diop provou que o Antigo Egipto era uma civilização negro-africana, estabelecendo as bases para o estudo da ciência no continente. A partir dessa premissa, pesquisadores como o etnomatemático Paulus Gerdes revelaram que povos africanos desenvolveram conceitos geométricos sofisticados, usando-os em objectos cotidianos, arquitectura e rituais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direcção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Os conceitos geométricos nos levam ao tecido samacaca em Angola

Samakaka é um tecido emblemático de Angola mais precisamente dos povos da região da província da Huíla, vem do termo Omakaka, que significa a verdura ou folhas de plantas rastejantes e trepadeiras, derivadas de sementes como o caso da planta da abóbora, das variedades de feijoeiro e da matila, que depois de fervidas, são postos no processo de dissecação.

Samakaka transcende a sua função estética para se tornar um símbolo de identidade cultural e unidade nacional. Com padrões geométricos vibrantes e significativos, este tecido não apenas embeleza, mas também carrega consigo a história e a alma do povo angolano.

Para aprofundar as técnicas geométricas dos povos da região, explore o trabalho do pesquisador Paulus Gerdes sobre Etnomatemática.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Destaque nos tecidos/panos da samacaca

Os objectos geométricos e a cor vermelha, preto e branco, as cores mais usadas. Este vermelho das cores da bandeira da República de Angola, que na cultura africana representam a força, o sangue e o fogo. Cores muito presente nos ritos de iniciação juvenil e nos diferentes eventos ligados a passagem do poder durante séculos.

Estes povos usam ou fabricam seus instrumentos de arte da cestaria e Tecelagem: Os padrões usados em cestos, esteiras e tecidos tradicionais, exigem um planeamento geométrico e simétrico profundo. O acto de entrelaçar fios e fibras revela uma compreensão intuitiva de polígonos e simetria. Durante vários eventos culturais de Angola, quer interna ou externamente o uso do padrão Samakaka é bastante notório.

O mesmo acontece em materiais de divulgação, brindes e logótipos destacando a riqueza cultural de Angola, promovendo uma fusão única entre tradição e modernidade e Entidade da nossa Nação.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"



A samacaca de Angola

Tecido geométrico dos povos muila, na região Sul de Angola, tecidos massai na Tanzânia e a kapulama em Moçambique, são exemplos dessa riqueza. Tecidos que carregam identidade, economia comunitária e significados profundos em suas cores, tramas e desenhos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Incorporar o Samakaka nos eventos é uma celebração da cultura como força unificadora, lembrando que a verdadeira vitória está na harmonia e no respeito mútuo. Essa História geral da África coloca simultaneamente em foco a unidade histórica da África e suas relações com os outros continentes, especialmente com as Américas e o Caribe.

Assim sendo, o Ministério da Cultura de Angola está a trabalhar para que o Samakaka seja reconhecido como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO. Este reconhecimento não apenas elevará o tecido a um patamar global, mas também reforçará a importância de preservar e valorizar as tradições ancestrais.

“

Cada traço geométrico é uma identidade: o desenho fala quem você é, de onde vem e qual seu lugar na comunidade.





Concluindo

É nesse mesmo espírito que nasceu o livro “Ayo e o Manto das Memórias”, uma aventura que apresenta os tecidos africanos como contadores de histórias ancestrais e como fios que costuram nosso passado ao futuro.

Mais do que uma narrativa, o livro convida crianças e adultos a reconhecerem a riqueza dos saberes africanos e a importância de preservá-los.

Assim, a obra celebra a vitalidade das culturas africanas, que seguem vivas, pulsantes e capazes de inspirar novas gerações.

FÁTIMA MONIZ

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



RESILIENTE



03



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

Um Novelo, Uma História, Uma Nova Vida

Quando as Mãos Criam, a Alma se Reconstrói



IMAGEM CRIADA POR IA. Usando SORA, Midjourney, sob a direção de Adriana Magalhães. Criada em 05/08/2025

A arte possui uma linguagem que ultrapassa as palavras. Ela alcança lugares onde a voz já não consegue chegar. Seja por meio do desenho, da pintura, da escrita, da música, da dança, da fotografia, da escultura ou de qualquer outra manifestação artística, o ser humano encontra um caminho para transformar a dor em expressão e o sofrimento em significado.

A arte não apaga as marcas da travessia; ela lhes devolve um novo sentido. O que antes parecia apenas dor transforma-se em contorno de coragem, revelando que até as cicatrizes podem iluminar a paisagem da nossa história. Assim, compreendemos que somos muito maiores

do que os acontecimentos que tentaram nos definir.

Quando escolhemos criar em vez de desistir, algo silencioso e profundo floresce dentro de nós. Em cada criação repousa um fragmento da alma. Há desenhos que acolhem lágrimas, melodias que devolvem serenidade e fios que, delicadamente, reconstróem aquilo que o coração imaginava perdido. A superação não acontece de uma única vez; ela nasce nos pequenos gestos cotidianos, na coragem de continuar mesmo quando tudo parece incerto. Talvez esse seja o maior presente da arte: lembrar que, depois das tempestades, ainda somos capazes de florescer.

Vivemos em uma sociedade que valoriza a velocidade, a produtividade e os resultados imediatos. Nesse ritmo acelerado, muitas vezes nos esquecemos de cuidar daquilo que sustenta todas as áreas da nossa vida: a saúde da mente e do coração. É nesse cenário que o crochê deixa de ser apenas uma técnica artesanal para tornar-se uma metáfora da própria existência.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAKT.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026*

Crochê

Cada novelo representa as possibilidades que recebemos. Alguns fios chegam macios; outros, embaraçados. Uns carregam cores vibrantes; outros parecem sem brilho. Ainda assim, todos guardam a capacidade de transformar-se em beleza quando encontram mãos pacientes e um coração disposto a recomeçar.

Existe uma sabedoria silenciosa escondida entre a agulha e o fio. Quem tece sabe que o ponto nunca nasce apenas das mãos; ele também nasce do coração. Há dias em que o fio corre leve, obedecendo ao movimento tranquilo de quem encontrou serenidade. Em outros, ele se aperta sem que percebamos, como se carregasse a tensão das preocupações, os medos guardados ou o peso das perdas. Às vezes, torna-se frouxo demais, refletindo o cansaço, a insegurança ou a falta de forças para sustentar o próprio ritmo. O crochê escuta aquilo que muitas vezes nem conseguimos dizer. Ele transforma emoções em textura, sentimentos em formas e silêncios em delicadas tramas.

"Por isso o entrelaçar da agulha e do fio é também arteterapia, no ritmo lento das laçadas o tempo abranda, a ansiedade respira, e a alma, pouco a pouco, volta a encontrar seu próprio ritmo."

É justamente nesse encontro que o crochê revela sua profunda ligação com a arteterapia. No compasso delicado das agulhas, o tempo abranda. Cada laçada convida ao silêncio, cada carreira acalma o pensamento e, pouco a pouco, a alma reencontra o ritmo que a pressa havia roubado. Enquanto as mãos criam, emoções encontram espaço para respirar, a ansiedade diminui e a esperança ganha forma.

Talvez seja essa a relevância da arteterapia: ela não exige que expliquemos nossa dor, porque permite que a expressemos. Enquanto os dedos conduzem o fio, a alma também vai aprendendo a encon-

trar sua própria medida. Aos poucos, percebemos que nem a rigidez excessiva nem a ausência de firmeza sustentam uma peça por muito tempo. O equilíbrio nasce da sensibilidade de ajustar a tensão do fio, assim como a vida floresce quando aprendemos a equilibrar razão e emoção, coragem e vulnerabilidade, descanso e perseverança. Na arteterapia, a verdadeira beleza não reside na peça concluída, mas na pessoa que renasce durante o percurso. Enquanto as mãos entrelaçam fios, o coração também reorganiza sentimentos, afetos e esperanças. O valor não está na perfeição do trabalho, mas na transformação silenciosa de quem o realiza.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAKT.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026*

Não por acaso, o crochê atravessou séculos, culturas e gerações. Muito antes de ser reconhecido como recurso terapêutico, ele já acolhia mulheres, homens e famílias inteiras ao redor de suas histórias. Em cada ponto havia espera, esperança e pertencimento. As mãos trabalhavam, mas também confortavam; os fios aqueciam o corpo e, sem que se percebesse, costuravam laços, fortaleciam a paciência e ensinavam que as grandes obras nunca são construídas com pressa.

A vida também possui seus pontos altos e baixos. Existem carreiras que avançam com facilidade e outras que precisam ser desmanchadas para que o desenho faça sentido. Há nós que parecem impossíveis de desfazer e fios que se rompem quando menos esperamos. Ainda assim, quem conhece a arte de tecer sabe que quase sempre existe um caminho para continuar. Às vezes, basta unir cuidadosamente as extremidades, esconder a emenda com delicadeza e seguir adiante. A peça continua sua história, assim como nós continuamos a nossa. As marcas permanecem, mas deixam de representar fragilidade para tornar-se memória daquilo que fomos capazes de superar.

Talvez seja por isso que o crochê emocione tanto. Ele nos ensina, sem pronunciar uma única palavra, que viver é aprender continuamente a ajustar a tensão dos fios da existência. Nem apertados a ponto de impedir o movimento, nem soltos a ponto de perder a forma. A verdadeira arte está em reconhecer que cada emoção encontra seu lugar quando permitimos que as mãos, o coração e o tempo trabalhem juntos. E, quando isso acontece, descobrimos que Deus, o grande Artesão da vida, também segue tecendo nossa história com infinita paciência, transformando os fios aparentemente desconexos das alegrias, das perdas, dos encontros e dos recomeços em uma obra cuja beleza só compreendemos quando olhamos para trás e percebemos que nada foi tecido em vão.

A resiliência também se parece com esse trabalho delicado. Às vezes, a vida pede que desfaçamos alguns pontos. Não para apagar o caminho percorrido, mas para fortalecer o desenho que ainda está por nascer. Recomeçar não é voltar ao início; é seguir adiante com a sabedoria adquirida durante a caminhada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

Ao longo da minha trajetória, aprendi que existem feridas que nenhum remédio consegue alcançar sozinho. Algumas precisam de tempo, de afeto, de acolhimento e da oportunidade de criar. Com o tempo compreendi que nenhuma peça nasce apenas das mãos. Em cada laçada também se unem memórias, lembranças e fragmentos da nossa história que a vida havia separado. Sem perceber, vamos remendando a alma enquanto criamos beleza.

Talvez a vida tenha apertado alguns nós em sua caminhada. Talvez existam fios que pareçam irrecuráveis ou sonhos que tenham perdido a cor. Ainda assim, basta um único fio para iniciar uma nova trama. É assim que a esperança trabalha: discretamente, ponto após ponto, até transformar o que parecia fim em um novo começo.

Há ainda algo de extraordinário no crochê: ele não conhece idade. Caminha de mãos dadas com a infância, despertando a imaginação, a delicadeza dos gestos e a alegria de descobrir que um simples fio pode dar forma aos sonhos. Acompanha a juventude e a vida adulta como um refúgio silencioso, onde a pressa perde o sentido, a ansiedade encontra descanso e a mente redescobre o valor da presença. Na maturidade, transforma-se em guardião

das memórias, preservando a agilidade das mãos, fortalecendo a mente e aquecendo o coração por meio de encontros, histórias e afetos compartilhados. Como os fios que nunca deixam de se entrelaçar, o crochê nos ensina que a vida continua sendo tecida em todas as estações. Sempre haverá um novo aprendizado, uma nova cor para iluminar o caminho e uma nova oportunidade de descobrir que nunca é tarde para recomeçar.

Porque ser ResilienteMENTE é compreender que a vida nunca nos entrega um novelo completamente tecido. Ela apenas coloca os fios em nossas mãos e nos convida a escolher, com coragem, paciência e amor, o desenho que desejamos deixar no mundo. No fim da jornada, descobrimos que a mais bela criação jamais foi aquela que nasceu das agulhas, mas a pessoa que renasceu enquanto aprendia a tecer a própria história, um ponto de cada vez.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



ESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

20



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025. Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

Do escândalo à academia: a trajetória da literatura erótica

Ao longo da história, a literatura erótica despertou fascínio, provocou debates e enfrentou períodos de censura. Muito além de provocar, essas obras refletem valores, costumes, conflitos e transformações de diferentes épocas. O que antes era visto apenas como transgressão passou, gradualmente, a despertar o interesse de pesquisadores e instituições de ensino, revelando novas formas

de compreender a literatura, a cultura e a sociedade.

Nesta coluna, o convite é olhar para a literatura erótica sob uma perspectiva histórica e crítica, explorando como ela percorreu o caminho entre a reprovação e o reconhecimento acadêmico, tornando-se objeto de estudo e reflexão.



IMAGEM GERADA POR IA. Usando SEAMATE, sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 26/07/2025

Quando a literatura erótica deixou de ser vista apenas como escândalo e passou a despertar o interesse de pesquisadores e universidades?

Esta coluna investiga como o erotismo na literatura passou de escândalo a objeto de estudo, analisando sua trajetória. Durante muito tempo, obras de teor erótico eram vistas como algo menor ou proibido. Com o tempo, porém, pesquisadores começa-

ram a olhar para essas mesmas obras de outra forma, buscando compreender a polêmica e, ao mesmo tempo, analisando como o contexto cultural e histórico influencia tanto a forma como o texto é escrito quanto a maneira como o tema é lido e debatido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Pesquisadores passaram a analisar como essas obras constroem sentidos e de que maneira isso transforma a forma de ler e ensinar literatura. Essa mudança de perspectiva permite compreender o erotismo como um caminho para ler e pensar criticamente, ampliando o olhar sobre autores, obras e seus contextos. Em diferentes momentos da história, obras eróticas foram censuradas, proibidas e, em alguns casos, queimadas, revelando tentativas de controlar não apenas livros, mas também ideias e comportamentos. Hoje, muitas dessas obras são estudadas por pesquisadores das áreas de Literatura, História, Filosofia e Estudos Culturais.

Em vez de ser apenas motivo de censura, essas obras passaram a ser estudadas como objeto de pesquisa literária e cultural, levando em conta a análise da linguagem, o contexto e as escolhas estéticas. Compreender esse percurso ajuda a ler essas obras com menos preconceitos e mais análise crítica, sempre considerando o contexto em que foram produzidas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

A literatura como reflexo da sociedade

A literatura não surge isolada do mundo em que é produzida. Cada obra carrega marcas do seu tempo, refletindo valores, costumes, conflitos e formas de compreender a sociedade. A literatura erótica não é diferente. Além de abordar

o desejo e as relações humanas, ela também revela aspectos culturais, sociais e históricos que ajudam a compreender como diferentes épocas trataram temas como liberdade, moralidade e comportamento.

Um novo olhar para o leitor

Ao longo dos anos, a forma de ler a literatura erótica também mudou. Se antes essas obras eram associadas quase exclusivamente ao escândalo ou à provocação, hoje muitos leitores se aproximam delas com outros interesses. Além do conteúdo, passaram a observar aspectos como a construção dos personagens, a linguagem, o contexto histórico e as questões sociais presentes nas narrativas.

Essa mudança não significa que todas as obras sejam vistas da mesma maneira, mas demonstra que a leitura pode ir além de julgamentos imediatos. Ao considerar o período em que um texto foi escrito e os valores da sociedade da época, o leitor amplia sua compreensão da obra e de seu significado dentro da história da literatura.

Autores que desafiaram seu tempo

A história da literatura erótica também é marcada por autores que enfrentaram censura, críticas e rejeição, mas cujas obras atravessaram os séculos e passaram a ocupar espaço nos estudos literários. O francês Marquês de Sade, por exemplo, tornou-se uma das figuras mais controversas da literatura ao abordar o desejo, o poder e os limites da liberdade em textos que provocaram intensos debates. Durante muito tempo, suas obras foram proibidas em diversos países e ainda hoje despertam opiniões divergentes.

Outro nome de destaque é o da escritora Anaïs Nin, que trouxe uma perspectiva feminina para a literatura erótica ao explorar a intimidade, os desejos e os conflitos emocionais de seus personagens. Seus escritos contribuíram para ampliar o debate sobre sexualidade e liberdade de ex-

pressão, tornando-se referência em estudos literários e de gênero.

Também merece destaque Georges Bataille, cuja obra aproximou o erotismo da filosofia, refletindo sobre os limites da experiência humana, da transgressão e da condição existencial. Seus textos demonstram que o erotismo pode ultrapassar a simples provocação, tornando-se um importante objeto de reflexão sobre a cultura e o comportamento.

Esses autores representam apenas uma parte de um universo literário amplo e diverso. Suas obras mostram que a literatura erótica, antes restrita ao escândalo e à censura, conquistou espaço como fonte de pesquisa e reflexão, reafirmando seu valor na compreensão da história, da cultura e da própria experiência humana.

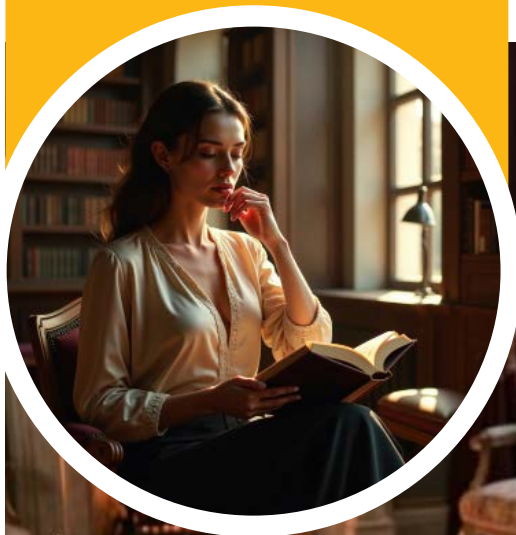


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SE-AART-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Leituras para quem deseja conhecer a literatura erótica

Para quem deseja conhecer melhor a literatura erótica, vale a pena começar por obras que marcaram diferentes momentos da história. Mais do que retratar o desejo, esses livros provocaram debates, desafiaram costumes e, em muitos casos, enfrentaram a censura antes de conquistarem reconhecimento no universo literário.

Delta de Vênus, de Anaïs Nin, é considerado um dos grandes clássicos do gênero. Com uma escrita delicada e intensa, a autora explora o desejo, a intimidade e a complexidade das relações humanas sob uma perspectiva sensível e profundamente feminina.

"A origem da mentira está na imagem idealizada que temos de nós próprios e que desejamos impor aos outros."
Anaïs Nin

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"



Já Justine, do Marquês de Sade, permanece como uma das obras mais polêmicas da literatura. Publicado no século XVIII, o livro provocou escândalo por abordar temas considerados inaceitáveis para a época. Ainda hoje, desperta debates entre estudiosos da literatura, da filosofia e da história.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SE-AART-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Outro título indispensável é O Amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence. Proibido durante anos em diversos países, o romance tornou-se um símbolo da luta contra a censura e da defesa da liberdade de expressão, consolidando-se como uma das obras mais importantes da literatura do século XX.

Também merece destaque História de O, de Pauline Réage. Envolto em mistério desde sua publicação, o romance chamou atenção pela forma como aborda poder, submissão e desejo, tornando-se uma referência dentro da literatura erótica contemporânea.

“

"O amor é a flor da vida, que floresce inesperadamente, sem lei, e deve ser escolhido onde for encontrado e vivido pelo breve de sua duração."

David Herbert Lawrence

Cada uma dessas obras revela que a literatura erótica vai muito além da provocação. São livros que ajudam a compreender diferentes épocas, costumes e formas de pensar a condição humana. Conhecê-los é também compreender uma parte importante da história da literatura.

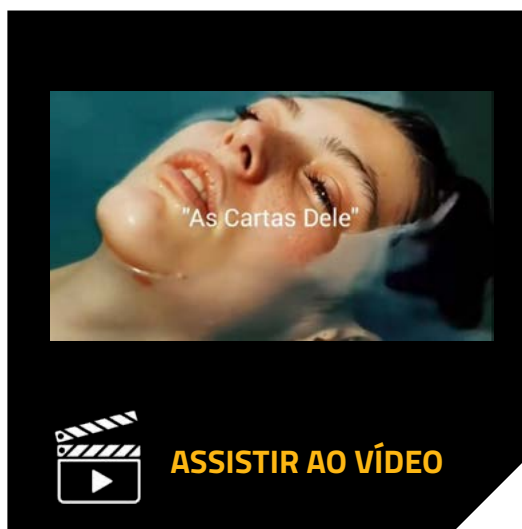
Fica o convite: escolher uma dessas obras pode ser o primeiro passo para conhecer uma literatura que atravessou séculos de debates, censuras e transformações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/07/2026"

Vídeo no Youtube:

"As Cartas Dele"
por Tônia Lavínia



"As Páginas Amareladas do Tempo"
por Tônia Lavínia

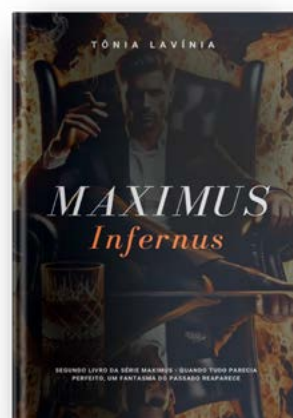


LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

YOUTUBE

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



05

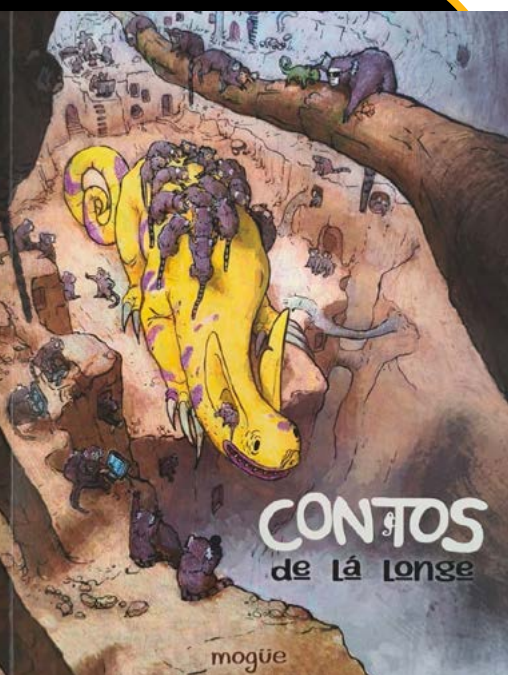


RENATO MOTA



Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Coursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em @ren_arrais - linktr.ee/rmaljogos

Contos, cantos e encantos



É comum que pessoas com algum tipo de neurodivergência como TEA ou TDAH se representem com cores incomuns, psicodélicas ou mesmo como monstrinhos. Já vi isso muitas vezes entre autistas artistas, e eu mesmo faço isso às vezes, e talvez isso ocorra por nos sentirmos diferentes das outras pessoas. Hoje eu trago para os leitores os Contos de Lá Longe (Mogüe, 2025), um livro de um amigo, autista, que conheci na Bienal do Rio em 2025.

Neste livro, um camaleão chamado Vândalo é lembrado como um tipo de andarilho colecionador

de histórias, um personagem simpático que contou ao autor do livro histórias de suas andanças por terras estranhas e conversas com monstrinhos simpáticos. Lembro bem quando ouvi do autor “gente comum já tem muito, por isso eu desenho monstrinhos!” Na verdade, os monstrinhos desse livro também são gente, como veremos adiante.

Então, vamos aos Contos de Lá Longe, ditados pelo camaleão Vândalo e escritos por meu amigo Mogüe!

Só avisando, vai ter spoiler...



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

Contos de Lá Longe é, como indicado no título, uma antologia de contos que, segundo Mogüe, foram narrados pelo camaleão Vândalo que, de acordo com o próprio camaleão, nasceu há eras, em um quintal onde havia balanço, goiabeira, cama elástica e crianças brincalhonas. Na orelha do livro, conhecemos o curador da antologia: Azaka, o imortal. Antes entendido como vilão ou bandido, mas agora reconhecido como apreciador de arte com aparência incommum.

Os contos são bem ilustrados, sempre em preto e branco, pois o curador Azaka assim prefere (fora que isso torna a impressão mais barata). Dentre as imagens, temos um mapa (que serve de índice dos contos), cenários, figurinhas, cartas escritas à mão e personagens dos mais malquinhos, pois os entes que vivem em lá longe são monstrinhos simpáticos, cavaleiros, dragões, animais antropomorfizados e outras tantas figu-

ras esdruxulamente atrativas. Mais uma vez, repetindo as palavras do meu amigo "gente comum já tem muito, por isso eu desenho monstrinhos!" Se é permitido um trocadilho: Contos de Lá Longe passa longe de uma estrutura aristotélica de narrativa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

CONTOS, CANTOS E ENCANTOS

Mogüe começa apresentando o camaleão Vândalo como um ser viajante, que gosta de conhecer histórias e contá-las. Logo em seguida, ele apresenta os lugares de Lá Longe, na forma de um mapa e, finalmente, a primeira história: o nascimento de Vândalo, no quintal de Lautaro, a tartaruga que ficava o tempo todo embaixo do balanço e não deixava ninguém balançar. Depois de aprender com as crianças no quintal como ser curioso e brincalhão, Vândalo resolveu viajar por lá longe.

A próxima história é em um lugar chamado An-síbanasi, onde dois diplomatas se encontram e se cumprimentam. Eles estão nus, pois "os diplomatas sempre se reúnem nus". Na base da página, temos a imagem de uma menina questionando que talvez ela tenha nascido sem um roteiro de como funciona o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROMA, sob a direção de Renato Mota, criada em 12/08/2026"

A história seguinte é sobre uma civilização de miquinhos. Os saguis de tufo branco, que viviam em cavernas escavadas no subsolo, e os saguis de tufo preto, que viviam nas árvores. Os das cavernas receberam uma criatura semelhante a um lagarto amarelo, chamado Gaspar, que não era bem visto pelo povo dele, mas era uma alegre novidade para os miquinhos. Já os micos das árvores tiravam fotos de si mesmos, sempre revivendo as fotos e pensando no que as pessoas achariam de tais retratos.

A terceira paragem de Vândalo é uma localidade chamada Manem. Lá as pessoas pareciam humanas, mas só pareciam. O camaleão conversou com uma anta que cantava e se banhava em uma poça de lama, e ela afirmou que talvez, ninguém na cidade fosse humano de verdade, pois todos usavam máscaras e disfarces para parecerem humanos e, como a anta não se disfarçava, vivia à margem da sociedade.

Adiante, Vândalo fala de uma terra, na qual gigantes usavam mochilas onde estavam escritas suas funções como: rainha, príncipe,

princesa e duque; de outro lugar chamado Borrascal, onde um velhinho com capacete de escaravelho vivia com um cachorro e alguns livros e parecia não precisar de mais nada; de uma espécie de lava-jato/SPA de dragões, chamada Anatópolis; de um pântano, onde voluntários usavam serrotes e ácido muriático para gentilmente limpar as unhas dos monstros; de um cantinho onde um bichinho peludo protegia uma pequena árvore; e, ainda, de um lugar onde havia uma espécie de pequeno cassino ou casa de jogos, florestas e um copo de vidro com um monstrinho assustado dentro.

O contador de histórias então se lembra de uma terra chamada Santinga, onde uma comunidade de porquinhos da índia "conquista" cidades inteiras em marcha, colocando sua bandeira de vitória no ponto mais alto da cidade, sem nunca deixarem mortos ou feridos, pois não lutam com ninguém, e até torcem para que a bandeira seja arrancada, de forma que eles possam vir e conquistar o lugar no dia seguinte.



Em Fiestas, Vândalo vê um concurso de “o que é melhor”. Lá os concorrentes são comparados uns com os outros e avaliados sobre o que eles têm de melhor, segundo os preconceitos dos habitantes locais. Os vencedores não odeiam competir em outros anos, deixando chance para que outras pessoas vencerem também. O 1º, o 2º e o 3º lugares foram respectivamente uma anta falante, um rapaz com cabeça de tucano e um homem chamado Pedro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

Na página seguinte, há um relato sobre uma caverna cujas paredes falavam sobre um nobre cavaleiro de aço que morava ali e protegia jazidas de petróleo, mas todos os monstros e dragões que o visitavam em busca de um duelo tiveram a gentileza de deixar vencê-lo, pois o tal cavaleiro não era tão forte assim.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

Uma comunidade de lagartos com pernas compridas e dedos longos saltava com passos de balé por sobre um muro para ter acesso à praia e quem não fosse normal (ou seja, quem não seguisse as regras de postura, salto e vestimenta) seria malvisto na praia. O lagarto Roy, com postura meio encurvada e dedos enrolados, conversou sobre isso com Vândalo.

Já em um dos pântanos, o pequeno lagarto pegou, na mesa de um delegado avesso às discussões filosóficas, duas cartas de uma pomba. Uma delas, o leitor pode ler na encadernação do volume de Contos de Lá Longe, e a outra está em um pequeno envelope que ele recebe junto com o livro.

Na penúltima paragem narrada no livro, Vândalo está no Bosque dos Mil Aromas e conversa com Goliat, uma criatura semelhante a um lagarto com um belo bigode. Na conversa, Goliat explica que os gnomos têm chapéus amarelos e têm cheiro de gnomos. Quando interrogado sobre qual é o tal cheiro de gnomos, ele responde que gnomos cheiram a rosas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKIA, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

Complementos

A sensação de “desencaixe” que um neurodivergente sente é bem comum e, em muitos casos, provoca o mascaramento de comportamentos fora do esperado pela sociedade, como no caso da tartaruga que, em vez de sentar no balanço, prefere ficar embaixo dele; a menina em Ansíbanasi, que não entende os diplomatas nus; o lagarto amarelo Gaspar, com pouco prestígio em sua comunidade, mas acolhido na dos miquinhos; a anta que vivia sozinha por não esconder suas maneiras, e os habitantes de Manem, todos mascarados; os gigantes que usavam suas identificações em mochilas; o velhinho com capacete de besouro; os monstros do pântano, que agradeciam os cuidados vindos dos voluntários; o cavaleiro de aço molenga ajudado por dragões gentis; o lagarto Roy que não se encaixava nas expectativas da família e de sua comunidade, são alegorias para as características de neurodivergentes como mascaramento, inibição e estereotípias.

A rigidez do delegado que

se opõe a estudos e questionamentos filosóficos pode ser um equivalente à rigidez cognitiva, mas também pode ser algo como o comportamento dos neurotípicos nos forçando a um comportamento X ou Y que seja mais adequado aqui ou ali.

Durante todas as páginas do livro, desde as orelhas até a própria estrutura da narrativa, o texto subverte a ideia de normalidade. Seria necessário forçar a barra para fazer esse livro se encaixar, por exemplo, na jornada do herói de Campbell. Mas é reconhecível que Contos de Lá Longe tem um objetivo muito claro com esse questionamento da normalidade. Bem lá no finalzinho do livro, Vândalo fala de Mogüe e Nimbo, e, na descrição do camaleão, eles são bichinhos disfarçados de pessoas, e o 1Quintal é um lugar onde se pode neurodivergir à vontade, sem medos ou dedos apontando. Neurodivergentes precisam muito de lugares assim, onde não haja um jeito “normal” de ser.

Por fim, o camaleão está em um lugar chamado 1Quintal, que tem o mesmo nome do selo editorial do livro em questão. Este é o lugar onde ele conheceu Mogüe e, depois de várias horas de conversa, compilou as histórias de Vândalo em um livro (Contos de Lá Longe) e fez um retrato em grafite do amigo camaleão.

Seguem-se algumas páginas com fotos das viagens de Vândalo pelas terras de Lá Longe.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de Renato Mota, Criada em 12/08/2026"

A fantasia, bem como outros estímulos à imaginação, torna a realidade mais aceitável. Se não há um mundo de bichinhos coloridos, façamos um! Mesmo que seja apenas um pequeno refúgio na mente, durante algumas páginas escritas e desenhadas, se torna real e bem útil, se te ajuda de alguma forma a suportar melhor a vida dura.

Enfim...

Mogüe e Nimbo são neurodivergentes. Conhecemo-nos na última Bienal do Rio e foi quando adquiri o livro Contos de Lá Longe. Extremamente fantasioso (ou não... quem sou eu para dizer que não existe camaleão falante?), este é um livro que, além de ser encantador, é um livro útil.



Mais uma vez, falo por mim e pelo que conversei com outros artistas neurodivergentes, é comum um artista com TEA se desenhar como um monstinho, alienígena ou bichinho. Esta é uma forma de representar o quanto nos sentimos estranhos perante o mundo. Nas palavras da menina em Ansibanasi “Você alguma vez já sentiu que todos receberam um roteiro de como funciona o mundo, mas se esqueceram de te dar um?”



Para todos os leitores, desejo uma boa viagem pelas terras de lá longe onde a fantasia é o tempero de degustação principal!

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RENATO MOTA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



05



NATÁLIA CARMO



Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.

Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, é um romance histórico que acompanha a trajetória de Kehinde, uma mulher africana sequestrada ainda criança e trazida para o Brasil como escravizada. Ao longo de sua vida, a personagem enfrenta violência, perdas e separações, mas também constrói caminhos de resistência, liberdade e preservação de sua identidade.

A força da obra está em colocar no centro da narrativa uma mulher negra, dando voz a experiências frequentemente apagadas

da história oficial. Kehinde surge como uma personagem complexa, marcada por afetos, contradições, desejos e escolhas, tornando sua trajetória profundamente humana.

Mais do que um romance sobre a escravidão, Um Defeito de Cor é uma obra sobre memória, identidade, ancestralidade e resistência. A autora transforma a literatura em instrumento de reconstrução histórica, recuperando vozes silenciadas e convidando o leitor a olhar para o passado, e para o Brasil, sob uma nova perspectiva.



IMAGEM GERADA POR IA. *usando SIAART AI, sob a direção de Adriana Magalhães. Criada em 05/08/2026

RESENHA CRÍTICA

Obra: Um Defeito de Cor

Autora: Ana Maria Gonçalves

Publicado em 2006, *Um Defeito de Cor*, da escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, é considerado um dos romances mais importantes da literatura brasileira contemporânea. A obra apresenta a trajetória de Kehinde, uma mulher africana escravizada que narra sua própria história em uma longa carta destinada

ao filho desaparecido. Com mais de novecentas páginas, o livro reconstrói aspectos da escravidão no Brasil a partir da perspectiva daqueles que viveram diretamente essa realidade, oferecendo ao leitor uma visão profunda, humana e sensível de um dos períodos mais dolorosos da história brasileira.



A narrativa inicia-se no Reino do Daomé, atual Benim, na África. Ainda criança, Kehinde presencia a violência que destrói sua família e a conduz ao tráfico negreiro. Separada de tudo o que conhecia, ela é transportada para o Brasil em condições extremamente desumanas. A partir desse momento, o romance acompanha sua luta constante pela sobrevivência, pela preservação de sua identidade e pela conquista de sua liberdade em uma sociedade marcada pela exploração, pelo racismo e pela desigualdade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2.1 LITE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/08/2026"

Um dos aspectos mais marcantes da obra é a construção da personagem principal. Kehinde não é apresentada apenas como vítima da escravidão, mas como uma mulher inteligente, resiliente e determinada. Ao longo da narrativa, ela aprende diferentes idiomas, desenvolve habilidades comerciais, estabelece relações sociais importantes e busca constantemente autonomia sobre sua própria vida. Essa representação rompe com estereótipos frequentemente associados às pessoas escravizadas na literatura tradicional, mostrando indivíduos complexos, capazes de resistir e construir suas próprias trajetórias mesmo diante das maiores adversidades.

Outro elemento de destaque é o rigor histórico presente no romance. Ana Maria Gonçalves realiza uma reconstrução detalhada da sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX, abordando acontecimentos históricos, práticas culturais, conflitos sociais e aspectos da vida cotidiana. O livro trata de temas como o tráfico negreiro, as relações entre senhores e escravizados, os movimentos de resistência negra, as manifestações religiosas de matriz africana e os processos de formação da identidade afro-brasileira. Essa riqueza de detalhes transforma a leitura em uma experiência de aprendizado, permitindo compreender a história brasileira sob uma perspectiva frequentemente silenciada.



IMAGEM GERADA POR IA "Acendo SEAMTAI, sob a direção de Adriano Magalhães, Criada em 05/08/2024"

A linguagem utilizada pela autora também merece destaque. Apesar da extensão da obra, a narrativa é envolvente e fluida. O relato em primeira pessoa aproxima o leitor dos sentimentos e pensamentos de Kehinde, criando uma forte conexão emocional. Em diversos momentos, é impossível permanecer indiferente diante das injustiças, das perdas e dos sofrimentos enfrentados pela protagonista. Ao mesmo tempo, a narrativa apresenta momentos de esperança, afeto, amizade e superação, demonstrando a complexidade da experiência humana.

Um dos maiores méritos de *Um Defeito de Cor* é sua capacidade de dar voz a personagens historicamente marginalizados. Durante muito tempo, a história da escravidão foi contada principalmente pelos grupos dominan-

tes. Ana Maria Gonçalves propõe uma inversão desse olhar ao permitir que uma mulher negra ocupe o centro da narrativa e conte sua própria versão dos acontecimentos. Essa escolha literária contribui para ampliar a compreensão sobre o passado brasileiro e para refletir sobre questões que ainda permanecem presentes na sociedade atual, como o racismo estrutural e a desigualdade social.

Além disso, a obra provoca importantes reflexões sobre identidade, pertencimento e memória. Kehinde passa grande parte da vida tentando preservar suas origens africanas enquanto se adapta às transformações impostas pelas circunstâncias. Sua trajetória evidencia a importância da memória como forma de resistência e de preservação cultural. Ao narrar sua história para o filho, a personagem busca não

apenas reencontrá-lo, mas também garantir que suas experiências não sejam esquecidas. Dessa forma, o romance destaca o papel fundamental da narrativa na construção da identidade individual e coletiva.

Entretanto, é importante reconhecer que a leitura pode apresentar desafios para alguns leitores. O livro possui uma extensão considerável e inclui diversos personagens, acontecimentos históricos e mudanças de cenário. Em alguns momentos, o ritmo da narrativa torna-se mais lento devido à grande quantidade de informações apresentadas. Ainda assim, esses aspectos não comprometem a qualidade da obra. Pelo contrário, contribuem para a profundidade da narrativa e para a construção de um universo literário extremamente rico e detalhado.

Outro ponto relevante é a atualidade das discussões propostas pela autora. Embora retrate acontecimentos do passado, o romance dialoga diretamente com questões contemporâneas relacionadas à valorização da cultura afro-brasileira, à representatividade e à busca por justiça social. A leitura convida o público a refletir sobre como os impactos da escravidão ainda influenciam a sociedade brasileira e sobre a ne-

cessidade de reconhecer e valorizar as contribuições da população negra para a formação do país.

Em conclusão, *Um Defeito de Cor* é uma obra de enorme relevância literária, histórica e social. Por meio da trajetória emocionante de Kehinde, Ana Maria Gonçalves oferece uma narrativa poderosa sobre resistência, liberdade e humanidade. A combinação entre pesquisa histórica, qua-

lidade literária e profundidade emocional faz do romance uma leitura indispensável para quem deseja compreender melhor a história do Brasil e as experiências da população negra. Trata-se de um livro que emociona, ensina e provoca reflexões duradouras, consolidando-se como uma das obras mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

COLUNISTA NATÁLIA CARMO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



05


NAZARETH ARRAIS


Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

A CAPOEIRA COMO ESTÉTICA DA DIÁSPORA: MUNDOS QUE SE ENCONTRAM



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/08/2026"

Vivenciar, conhecer e apreciar arte é um direito de toda pessoa e não prerrogativa de algumas. Fazer arte é uma ordem à mente do artista e não há desordem externa capaz de contê-la. Talvez seja por isso que o contato com qualquer manifestação artística ao gosto de quem dela se aproxima é antídoto contra os males da alma. A mola da criatividade, quando muito relaxada, sem uso e sem flexão, espera um toque para a explosão: o que era paradigma se torna escolha, realização, sintagma.

Nesta coluna do presente número da Revista The Bard, o protagonismo é para a capoeira, essa arte sincrética em que se destacam música, dança e poesia, veiculados

de valores socioculturais e de uma história de resistência diante de proibições e máculas construídas por uma sociedade que, em sua forma de (des)organização, faz escolhas equivocadas e também acertadas.

É nesse rio sinuoso que é viver, que a sincronia do embalo sonoro, corporal e poético da capoeira conquista espaços e povos. É o corpo físico construindo universos no corpo social. Convido todas as pessoas a refletir mais sobre esse tesouro cultural da humanidade, seja pelo que já viu seja pelo que ouviu seja ainda pelo que leu, mas deixando que os olhos e os ouvidos apreciem sem posse e sem julgamentos essa dinâmica de linguagem universal.

Sobre a origem

Pesquisadores e capoeiristas apresentam versões divergentes sobre a origem da capoeira. No entanto, predomina a ideia, segundo Carlos Vinicius Frota de Albuquerque, de “que ela teria surgido por volta do século XVII durante as lutas quilombolas” (2012, p. 17), quando os negros escravizados no Brasil, para sobreviverem a todo tipo de situações de perigo e humilhação, simulavam movimentos de animais para se defenderem, incorporando a eles suas dinâmicas culturais, o que deu origem à luta de nome capoeira. O pesquisador registra também que o termo foi emprestado do nome que se dá ao mato “ralo e miúdo”.

Outra versão, que se dissemina entre os capoeiristas é a ideia também de que a luta veio de Angola trazida durante o tráfico negreiro. E, no Brasil, a prática perpassou tempos e vive até hoje, se intensificando, agregando valores, e reafirmando a cultura da ancestralidade tão cheia de percalços em suas vivências em terras distantes.

Ainda, Carlos Vinicius, em suas pesquisas, diz que Carlos Eugênio Líbano Soares informa que Adolfo Morales defendia a ideia de que numa capoeira (mato ralo e miúdo) não havia condições favoráveis de luta entre os negros desarmados e os capitães do mato bem armados. Logo, a luta teria surgido entre os escravizados urbanos que realizavam trabalhos remunerados e pagavam uma parte de seu lucro àquele que se dizia seu dono.

Morales argumenta ainda que o termo teria uma provável origem na expressão tupi-guarani caapo com a acepção de “cestos de palha entrelaçada” denominados de capoeiros, que os escravizados usavam para transportarem mercadorias durante o período colonial.

Muitas são as sugestões que outros querem para a origem da capoeira, inclusive uma surgida entre colonizadores portugueses é a de que se trata de uma luta de criminosos. A veiculação da ideia maculou ainda mais essa luta hoje considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de JB Wolf, Criada em 05/08/2026"

A criminalização e a resistência

Considerada durante a maior parte do século XIX e as primeiras décadas do século XX, como prática de criminosos, o que constituía um obstáculo para ser apreciada como manifestação artístico-cultural de um povo que resistia à violência de uma descaracterização em todos os sentidos, a capoeira foi considerada crime e registrada no Código Penal, de 11 de outubro de 1890, logo após o que se chamou de Abolição da Escravatura.

Mesmo sendo severamente

reprimida pela força policial da época, a capoeira sobrevivia na clandestinidade, dada sua força natural artística e cultural de uma origem que teima em não morrer. De acordo com Josivaldo Pires e Luiz Augusto (2009), na época, apareceram dois apoiadores, Barão do Rio Branco e Coelho Neto, opositores do poder judiciário, respectivamente envolvidos nas esferas científica e política com a proposta de valorização da capoeira, transformando-a em esporte brasileiro.

“Perseguida por um passado que tentou silenciá-la, a capoeira transformou resistência em arte, memória e liberdade.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de JB Wolf, Criada em 05/08/2026"

Importante destacar que essa proposta chegou com a ideologia de embranquecimento da população. Para esse fim, segundo os pesquisadores, destacaram-se defensores da capoeira, ligados a espaços de poder como Sinhôzinho Agenor Moreira Sampaio e Burlamaqui.

Mesmo com esse apoio, a capoeira era tida como ilegal, até que, no ano de 1937, em Salvador, na Bahia, o Mestre Bimba, Manuel dos Reis Machado, conquistou uma licença oficial da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública

do Estado para o seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional e um certificado de professor de Educação Física (Albuquerque, 2012, p. 23). Essa luta ia de encontro ao projeto nacional de embranquecimento da população, anteriormente iniciado.

Com a proposta de ensino de ginástica brasileira, a capoeira deixou de ser perseguida e passou a ter duas designações: Capoeira Regional e Capoeira Angola.

Um avanço rumo a uma identidade

A Capoeira Regional foi uma proposta do mestre Bimba, cujo nome era Manuel dos Reis Machado (1900-1974). A Capoeira Angola foi uma proposta do mestre Pastinha, de nome Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981). Ambos os movimentos foram iniciados na Bahia, abrindo espaço para a permissão de existir. Durante algum tempo, essas duas modalidades prevaleceram, primeiro surgiu a Regional, depois a Angola como forma de desconstrução da primeira.

Algumas pessoas, descontentes com essa divisão, lançaram uma nova capoeira, com nomes a exemplo de contemporânea, angonal ou atual. Era uma forma de misturar valores, tanto os da diápora africana no Brasil quanto de outros que dela achegavam, seja querendo se aproveitar das situação para ascensão financeira ou mesmo artística. Mesmo assim, o movimento vai ganhando não só espaço, mas adeptos e defensores.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/08/2026"

Uma conquista

Em julho de 2008, a capoeira foi reconhecida como um bem cultural do Brasil pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, por insentivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Ministério da Cultura (IPHAN/MinC). Para os historiadores Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009, p. 43), essa conquista abriu portas para a manifestação de me-

didat governamentais de apoio às comunidades da capoeira. Os mestres idosos tiveram acesso a um plano de previdência social, "incentivo para o desenvolvimento de políticas pelos próprios grupos de capoeiras com o auxílio do Estado" e, sob uma ação organizacional para a capoeira, o IPHAN criou o Centro Nacional de Referência da Capoeira.

Agora mais forte, a capoeira,

marcada por uma história de resistência e ações coletivas, no dia 26 de novembro de 2014, comemorou mais uma conquista. Nesse dia, a capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial da humanidade. O triunfo aconteceu na 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda, em Paris, realizada pela UNESCO, e organizada pelas Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (IPHAN).

A sincronia estética

Hoje, a capoeira, essa manifestação artística sincrética, que une música, dança e poesia, ocupa o espaço que lhe é de direito. O som é realizado pelo berimbau, instrumento composto por uma vara de madeira em formato de arco, com cerca de um metro e meio de tamanho, e um arame atado às suas extremidades. Na base do arco, ata-se uma cabaça com fundo cortado para amplificação do som.

Ao lado do berimbau, o pandeiro e o atabaque são outros instrumentos que fazem parte de um ritual que ganha vida com cantos e responsórios, palmas e movimentos corporais, como afirmam Mônica Guimarães Teixeira do Amaral e Valdenor Silva dos Santos (2015, p. 56). Para quem aprecia a capoeira, assiste a uma verdadeira apresentação teatral.

Mônica e Valdenor, em sua pesquisa, nos apresenta *Sou guerreiro do quilombo*, quilombola, letra do Mestre Barrão que narra a objetificação do corpo negro escravizado, vendido, violentado, vítima de todo tipo de desumanização. A letra assim é uma denúncia e um grito “de luta e força, em que se alternam o cantor, papel conferido usualmente aos mestres de capoeira, e o coro, acompanhados da orquestra” (2015, p. 56).



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/08/2026"

Posicionados em rodas, os capoeiristas cantam e tocam enquanto pares realizam movimentos ritualísticos. A roda é característica da estrutura do evento que congrega elementos de herança da ancestralidade africana, como afirmam Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009), claramente banto, recriados e ressignificados no Brasil.

A dança é marcada pela ginga ou gingado que segue um ritmo determinado pelo som do berimbau. A ginga se caracteriza por movimentos realizados pelos capoeiristas durante o evento: os braços protegem o corpo e o rosto contra algum ataque surpresa. Trata-se de uma estratégia da ancestralidade africana que dificulta o adversário a atingir o alvo desejado.

COLONISTA NAZARETH ARRAIS

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





REVISTA THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

A CONSTRUÇÃO DE MUNDOS FANTÁSTICOS: DA PÁGINA À REALIDADE

Como autores criam universos coerentes e imersivos, e o que podemos aprender com os mestres da arte

Há um momento, em toda boa história de fantasia, em que o leitor esquece que está lendo. A cadeira desaparece. O ambiente ao redor se dissolve. E, de repente, você não está mais em sua sala: está atravessando os campos de Rohan, sentindo o vento gelado das Montanhas Brancas, ouvindo o distante tropel dos Mumakil. Não foi por acaso. Foi por design.

Esse fenômeno tem nome. Chama-se worldbuilding, a construção de mundos. E, embora pareça mágica, é uma das disciplinas mais rigorosas, e mais fascinantes, da lit-

eratura de fantasia. É o processo de criar um universo imaginário completo e coerente, com sua própria geografia, história, política, economia, religião, cultura e até leis físicas e mágicas. É a espinha dorsal de toda obra que pretende transportar o leitor para outro lugar. Não se trata de desenhar mapas bonitos ou inventar nomes difíceis. Trata-se de construir um lugar onde o leitor queira ficar. E, para que esse lugar exista, o autor precisa considerar elementos que muitas vezes nunca aparecerão explicitamente na página, mas que se fazem sentir em cada cena, cada diálogo, cada gesto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

O Que Há por Trás do Mapa

Tudo começa com um mapa. Ou talvez não. Talvez comece com uma frase solta, um sonho, uma pergunta insistente que não quer calar. O fato é que, cedo ou tarde, todo autor de fantasia se depara com a mesma tarefa titânica: criar um mundo que pareça mais real do que o real. E esse mundo não é feito apenas de castelos e dragões. Um mundo credível precisa de geografia, com montanhas que bloqueiam rotas, rios que definem fronteiras, desertos que moldam civilizações. A geografia determina como as pessoas vivem, o que comem, com o que trabalham, como se deslocam e quais conflitos enfrentam. Um reino no deserto terá uma cultura radicalmente diferente de um arquipélago de ilhas, e essas diferenças geram tensões políticas, rotas comerciais disputadas, identidades culturais que se chocam e se entrelaçam.

Precisa de história e passado. Nenhum mundo nasce no momento em que a história começa. Há séculos de eventos, guerras, alianças e traições que moldam o presente. A história explica por que as coisas são como são: por que aquele reino está em decadência, por que aquele povo é perseguido, por que aquela magia é proibida. É essa camada de passado que dá ao mundo a sensação de peso, de realidade, de algo que existia antes do leitor chegar e continuará existindo depois que ele fechar o livro.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"



Precisa de política e governo. Como observa o blog The Write Conversation, política, dinheiro e religião são os três tópicos que causam divisão no mundo real, e devem fazer o mesmo em seu mundo fictício. Estruturas de poder criam conflito, e conflito gera narrativa. Quem governa? Quem obedece? Quem conspira nos corredores? Quem tem poder e quem não tem? Essas perguntas são o motor de praticamente toda grande saga de fantasia. Precisa de economia. Quem controla os recursos? O que é valioso? Como as pessoas comercializam? Um mundo sem sistema econômico credível parece um cenário de teatro, bonito por fora, vazio por dentro. O que é precioso em seu universo? Ouro? Água? Magia? Quem detém os meios de produção e quem depende deles? Essas relações materiais dão textura e credibilidade ao mundo.

E, às vezes, precisa até de religião, cultura e linguística. A fé molda valores. A cultura define costumes. A linguística cria identidade. Juntos, esses elementos dão ao mundo sua textura, sua sensação de lugar real, habitado por pessoas reais que acreditam em coisas, celebram coisas, temem coisas. Pode parecer excesso. Mas é exatamente esse excesso que separa um cenário de teatro de um mundo onde o leitor realmente deseja habitar.

“

Um mundo de fantasia só ganha vida de verdade quando tem política que divide, economia que sustenta e crenças que dão alma, porque sem poder, dinheiro e fé, não há conflito, e sem conflito, não há história.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Tolkien: O Homem Que Construiu Uma Terra

Começamos pelo óbvio. Não porque não haja nada novo a dizer sobre J.R.R. Tolkien, mas porque o óbvio, neste caso, é extraordinário. Tolkien é universalmente reconhecido como o pai do worldbuilding moderno. Sua contribuição distintiva à literatura de fantasia está no exemplo que ele estabeleceu como construtor de mundos, criando um universo com sua própria história e geografia, flora e fauna, culturas e línguas, magia e física.

Mas há um detalhe que poucos sabem e que muda tudo. Tolkien não criou as línguas de Middle-earth para enriquecer sua história. Ele criou Middle-earth para que suas línguas tivessem um lar. Filólogo de formação, professor de Anglo-Saxão em Oxford, Tolkien passou décadas elaborando línguas completas, com gramática, etimologia e dialetos, e sentiu que elas precisavam de um mundo para existir. Middle-earth nasceu como uma plataforma linguística.

O resultado é um mundo com uma profundidade arqueológica palpável. Quando os personagens atravessam as ruínas de um reino antigo, o leitor sente que aquele lugar teve uma história antes da chegada dos heróis, porque teve. Quando um nome é pronunciado em élfico, ele carrega séculos de evolução fonética dentro de si. Tolkien chamou isso de sub-criação: o ato de construir um mundo secundário cuja consistência interna é tão perfeita que a descrença simplesmente não encontra brecha para entrar. Sua abordagem é top-down, começa com a visão geral, geografia, cosmologia, e desce aos detalhes, criando uma mitologia orgânica onde lendas se aninham dentro de lendas, criando uma profundidade histórica que se sente em cada página. A lição aqui é clara. Um mundo ganha credibilidade quando tem raízes que o leitor pode sentir mesmo sem ver. A história que não é contada é tão importante quanto a que está na página. Tolkien nos ensina que profundidade cria imersão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Sanderson: O Engenheiro do Impossível

Se Tolkien é o arquiteto poeta, Brandon Sanderson é o engenheiro. Criador do Cosmere, um universo interconectado que abrange séries como Nascidos da Névoa e O Arquivo das Tempestades, Sanderson abordou a construção de mundos com a precisão de um cientista. Sua contribuição mais famosa é o conceito de hard magic e soft magic. No hard magic, o sistema mágico tem regras claras, limites definidos e custos mensuráveis. O leitor sabe exatamente o que a magia pode e não pode fazer, e é dentro dessas restrições que a tensão narrativa floresce. Não se trata de limitar a imaginação, mas de dar ao leitor ferramentas para se surpreender. Quando o personagem encontra uma solução criativa dentro das regras estabelecidas, o espanto é genuíno, porque o leitor estava resolvendo o problema junto. No soft magic, por outro lado, a magia é misteriosa e sem regras explícitas, criando uma sensação de maravilhamento e assombro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Sanderson passa meses, às vezes anos, no worldbuilding antes de escrever a primeira linha de prosa. Mistborn teve cerca de um ano de planejamento. The Way of Kings levou ainda mais. Mas ele também adverte contra o perigo de se perder no mundo: alguns escritores passam tanto tempo construindo que nunca chegam à história. Ele também recomenda não se espalhar demais. Como ressalta o LivingWriter, nem todo livro de fantasia precisa ser uma épica de mil páginas.

A lição é dupla. Primeiro: regras não matam a magia, elas a tornam narrativa. Quando a magia tem limites claros, o leitor pode acompanhar o raciocínio do personagem e se surpreender com soluções criativas dentro das regras, não apesar delas. Segundo: o worldbuilding serve à história, não o contrário. Não adianta ter o mundo mais rico da literatura se não há personagens vivendo nele de forma significativa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Jemisin: A Terra Que Fala

E então chega N.K. Jemisin e redefine tudo. Primeira pessoa a ganhar o Hugo Award de Melhor Romance três anos consecutivos, pela trilogia *The Broken Earth*, Jemisin constrói mundos a partir de um lugar diferente. Não do mapa. Não das regras. Mas da experiência. Em *The Broken Earth*, pessoas chamadas orogenes têm o poder de sentir e manipular a energia térmica da terra, impedir terremotos, ou provocá-los. São poderosas. São necessárias. E são odiadas. Escravizadas, controladas, assassinadas. O sistema de magia não é apenas um conjunto de regras: é uma metáfora vivente de opressão, de como o poder ameaça quem não o possui, de como a diferença é punida mesmo quando salva vidas. Seus sistemas de magia funcionam como metáfora social, explorando mecânicas de sistemas de opressão com uma profundidade que raramente se vê na fantasia.

Jemisin disse uma vez que a fantasia não é sobre o futuro ou o passado, mas sobre o presente, os medos, a raiva e as respostas ao mundo atual. Seus mundos não são escapismo. São espelhos deformantes que, ao distorcer a realidade, revelam suas verdades mais incômodas. Suas culturas são complexas e não homogêneas, povos dinâmicos que mudam e influenciam uns aos outros, refletindo a complexidade do mundo real. Sua abordagem também é mais intuitiva do que metodológica. Ela conta que teve um sonho com uma mulher caminhando em sua direção com aquele passo confiante de blockbuster, rosto sério, coisas explodindo atrás. Dali nasceu uma das cenas mais icônicas da fantasia contemporânea. Diferente da abordagem metodológica de Sanderson, Jemisin parte da intuição, dos sonhos, da emoção, e constrói o mundo a partir desses pontos de partida.

A lição? Um mundo ganha potência quando conversa com o mundo real. A fantasia que não reflete nada é apenas decoração. A fantasia que reflete demais, prega. O equilíbrio entre os dois é onde mora a grandeza. Jemisin nos ensina que o worldbuilding é político, que todo mundo reflete uma visão de mundo, e que os melhores mundos confrontam o leitor com questões reais disfarçadas de fantasia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

O Ofício: Como Começar o Seu Mundo

Para o escritor que se debruça sobre a página em branco pela primeira vez, a tarefa pode parecer insuperável. Não é. Mas exige método e paciência. Comece pequeno. Um personagem, uma cidade, um conflito. A expansão acontece organicamente, à medida que a narrativa exige, o mundo revela suas camadas. Tentar construir tudo de uma vez é o caminho mais rápido para a paralisia. Escolha sua abordagem: top-down, começando pela visão geral, ou bottom-up, começando por um personagem ou cidade e expandindo. Não há abordagem correta. Sanderson passa meses no worldbuilding antes de escrever uma palavra, enquanto outros autores descobrem o mundo durante o processo de escrita.

Escolha dois ou três pilares e vá fundo neles. Como recomenda a especialista Savannah Gilbo, vá fundo e estreito, não largo e raso. Talvez sua força seja a geografia: então crie mapas detalhados, pense em correntes oceânicas, em como as montanhas afetam o clima. Talvez seja a política: então defina as facções, os bastidores, as traições. Não tente ser Tolkien em todos os fronts. Seja excelente no que importa para sua história. Revele, não explique. O maior pecado do worldbuilding é o info-dumping, aquelas páginas de enciclopédia disfarçadas de romance. O leitor não precisa saber tudo. Precisa sentir que tudo existe. Uma referência casual a uma guerra antiga, um provérbio que reflete uma crença religiosa, um personagem que reclama dos impostos: são esses os detalhes que constroem o mundo sem que o leitor perceba que está sendo construído. A informação sobre o mundo deve ser transmitida naturalmente através de ação, diálogo e experiência do personagem.

Seja consistente. Se no capítulo três você estabeleceu que a magia exige contato físico, no capítulo vinte e dois não pode haver magia à distância sem uma explicação coerente. A consistência não é sobre ser realista, é sobre ser honesto com as próprias regras. Os detalhes do mundo precisam manter coerência em nomes, costumes e regras ao longo de toda a obra. E, acima de tudo, lembre-se de que o mundo serve à história. Pode ser tentador passar anos desenvolvendo a história dinástica de sete reinos, e alguns autores fazem exatamente isso. Mas se nada disso cria conflito para seus personagens, é ornamento. Cada elemento do worldbuilding deve, de alguma forma, pressionar a narrativa para frente. A estrutura do mundo deve criar conflito ou oportunidades para seus personagens.



IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/08/2026"

Da Página à Realidade

Voltemos àquele momento. Aquele instante em que a cadeira desaparece e você está em outro lugar. Não é acidente. É o resultado de centenas de decisões, geográficas, políticas, linguísticas, religiosas, que o leitor nunca verá explicitamente, mas que sente. Três mestres nos mostraram caminhos diferentes para chegar ao mesmo lugar. Tolkien construiu raízes. Um mundo com história, língua e mitologia próprias parece real porque tem profundidade que o leitor pode sentir mesmo sem ver. Sanderson construiu mecanismos. Regras claras criam liberdade narrativa, e quando a magia tem limites, o leitor pode acompanhar o raciocínio do personagem e se surpreender com soluções criativas. Jemisin construiu espelhos. A fantasia que conversa com o mundo real, que reflete opres-

são, poder, resistência e sobrevivência, tem uma potência que ultrapassa o escapismo.

Três abordagens, uma mesma verdade: um mundo bom não é aquele que tem mais detalhes, mas aquele em que cada detalhe serve à história. E talvez essa seja a maior lição de todas. Não importa quão elaborado seja seu mapa, quão complexo seu sistema de magia, quão profunda sua mitologia. O que faz um mundo fantástico parecer real não é a quantidade de informação: é a sensação de que alguém vive lá. Essa é a diferença entre um cenário e um mundo. Entre uma história ambientada e um lugar habitado. Entre a página e a realidade. A pergunta, no fim das contas, não é apenas como fazer worldbuilding, mas que mundo vale a pena habitar.

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

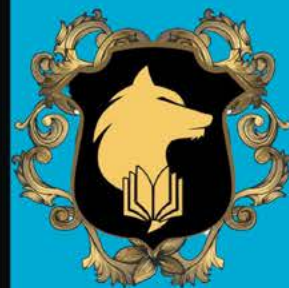
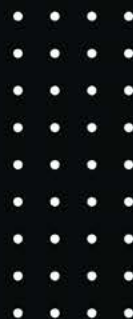
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- ➔ *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- ➔ *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨
CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

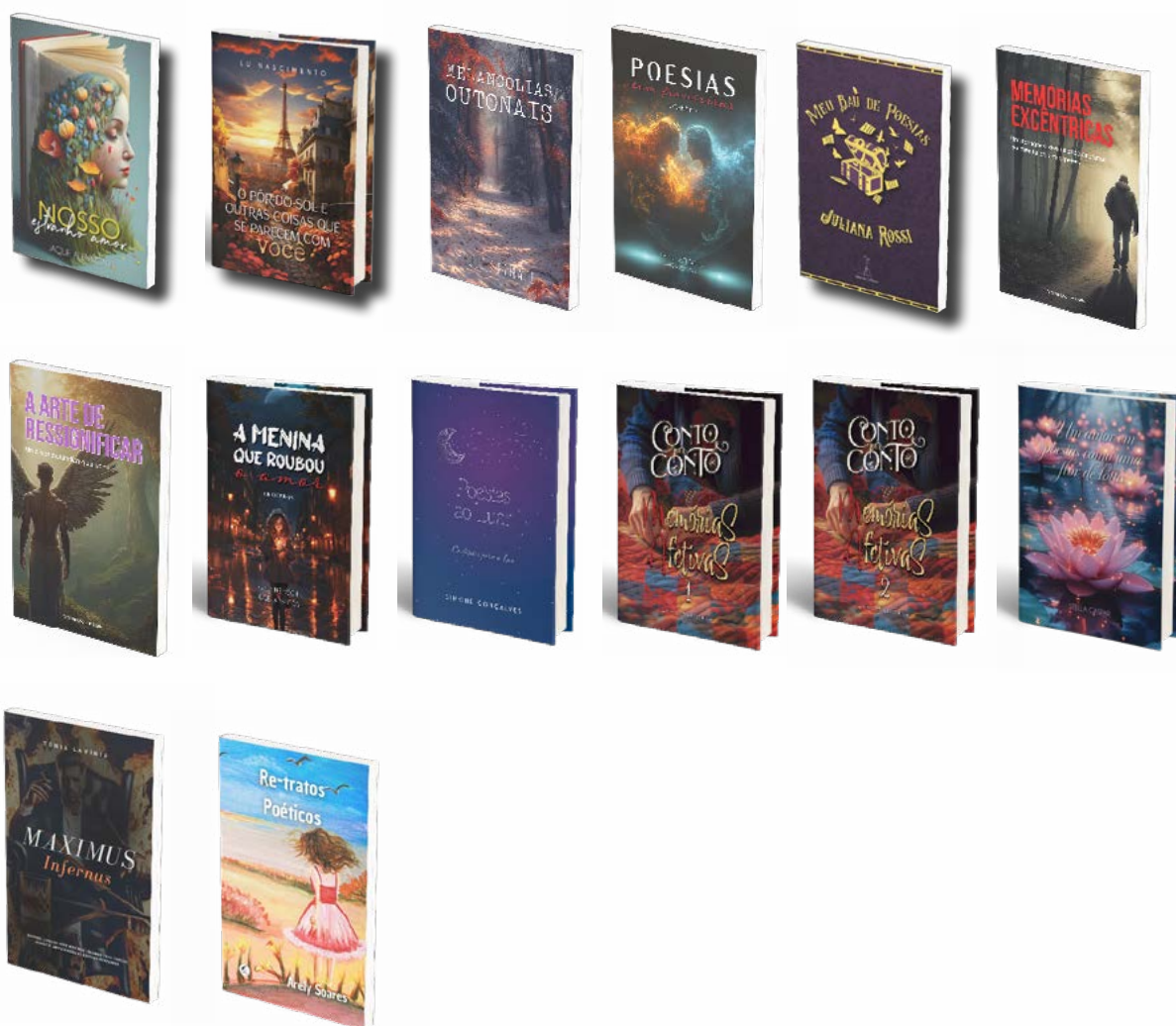


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO

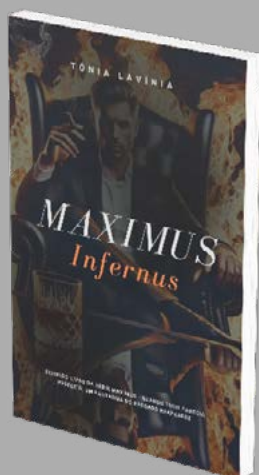


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

**Acesse os links
clicando no botão abaixo**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças: História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui



Livro sensível e delicado, com cenário campestre de um avô - o "vozinho" - amoroso e velho, no qual a criança passa as férias escolares.

Conheça as peripécias das férias do Zinho, que aos três anos gosta de brincar com animais e carrinhos e comer o espaguete. Ao voltar das férias, leva as lembranças do silêncio e das gargalhadas do avô, que lhe ensinou que "O amor vive no cuidado".

Clique aqui



Um livro sensível, amoroso, que dialoga com tradições seculares orientais e ocidentais sem perder a naturalidade, o senso de medida, a simplicidade que faz do haikai uma poesia que faz o diálogo do micro com o macro, do local com o universal, na linguagem eterna dos verdadeiros poetas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

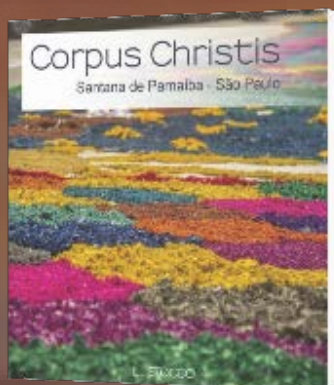
**Acesse o link
clikando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Espaço

VITRINE

THE BARD



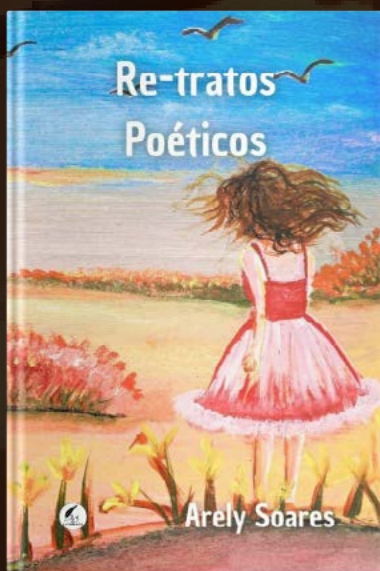
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Re-tratos Poéticos



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritor

Sávvyo Wilton Reis

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Arma Negra- A Décima
Terceira Garota, Livro 1**



Cinco meninas foram lançadas no Abismo, uma prisão situada na ilha de Amohai. Cercado por muros intransponíveis e criaturas perigosas, o lugar foi criado para executar pessoas condenadas à morte, abandonando-as à própria sorte.

No Abismo, o frio, a fome e o medo comandam a sobrevivência. Isoladas do mundo, as meninas lutam contra as ameaças do lugar e contra os próprios limites.

Com o passar do tempo, fica claro que o Abismo não mata apenas corpos: ele transforma quem sobrevive. E, quando uma delas finalmente consegue sair, descobre que o Abismo nunca foi deixado para trás — ele passou a existir dentro dela.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

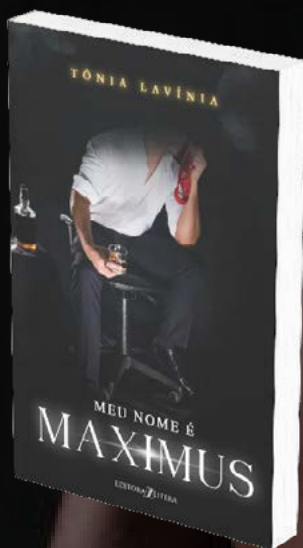


COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

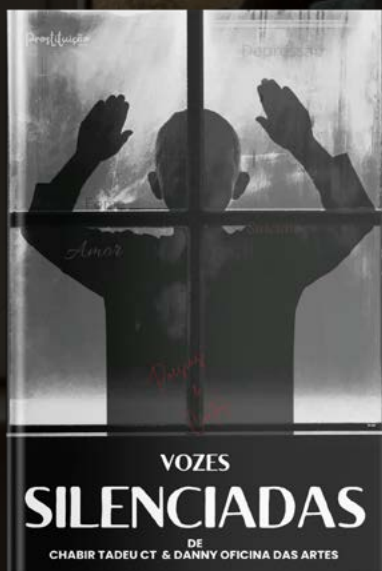
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



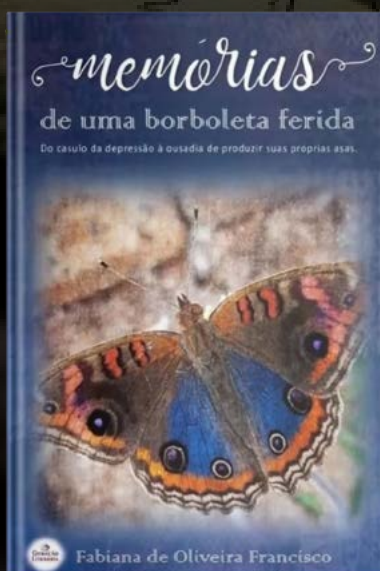
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Rute Ella Dominici

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui





Espaço
VITRINE
THE BARD



COLUNA

Escritora

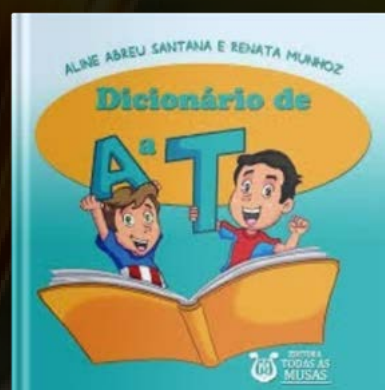
Renata Munhoz

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Natália Carmo

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomeçar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.





COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritor

Renato Mota

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do “fim do tempo de Insânia”, uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui

LANÇAMENTO

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL :
"a formação cultural desde os primeiros anos"



39ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER/X





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

**40^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026**

PERÍODO DE 04 DE AGOSTO À 30 DE SETEMBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.